Fon Fon
N.º 6
'TÁ' CHEGANDO A HORA!

CARNAVAL DA VIDA

A tarde, como um grande lyrio, de folhas eburneas e espalmadas, descia pela suavidade fluidica do crepusculo de sonho, na paz virgiliana do ambiente impregnado de mysterio. Emquanto nas alturas o pôr de sol entoava um hymno de angustias, no painel maravilhoso do infinito, polychromado de todas as "nuances" de desespero, da ansia e da renuncia, cá em baixo, no paúl da vida, o homem-verme, aos milhares, se contorcionava, na festa pagã e fremente da orgia maior...

"Lourinha, lourinha,
Dos olhos claros de crystal,
Desta vez em vez da moreninha
Serás a rainha do meu Carnaval..."

Corpos gottejantes, faces deformadas por caracterizações monstruosas, a multidão humana assemelhava-se, na inconsciencia do ether respirado, á onda marinha accommettida de selvagem e furiosa colera.

Gritos. Vozeiros inintelligiveis. Reprimendas. Gargalhares.

— Entremos aqui — disse um dos dois homens — na certa ha de existir, ainda, um bom saldo de "chopps"...

Na confusão reinante, em que se não mais distinguiam freguezes de empregados, naquelle "bar" da Avenida, alteou-se, dominadoramente, a musica languorosa de uma canção sentimental.

O desconhecido sorveu, num gesto de automato, o liquido alourado do seu copo e reticenciou, como se atirasse um punhado de "confetti" negros á louca alegria estadeante:

— E' isso mesmo... A musica tem razão, e a letra ainda mais...

— Vamos ao "chopp", amigo, e á confissão — replicou-lhe, com um ar acanalhado, meio idiota, o outro.

— Faze de conta que és o confessor... Eu... ora, nada mais sou, com licença destes cópos vazios, do que um miseravel... Bebamos mais.

"Era assim que ella dizia, tambem, quando me via pensativo, vergado sob o peso de alguma grande tristeza. A proposito: a tristeza é uma especie de cão policial, que não abandona a nossa felicidade... Um dia, notei que estava alegre. Excitadissimo. Ria-me ser reservas, abertamente, com escandalo e ruido. Então disseram que eu estava louco...

"Louco porque a vira, domingo de Carnaval, pendida docemente ao hombro de um sujeito anonymo. Eu delirava, nas ruas apinhadas de povo, como agora, numa vertigem de pensamentos indescriptiveis, procurando afogar a minha primeira e grande desillusão amorosa...

"Quando tornei á casa, pela madrugada, feito um farrapo de gente, já a encontrei entregue ao somno, a linda cabelleira de ouro velho repousada sobre o travesseiro alvo, como se fôsse a mais justa das mulheres...

"Seus braços, negligentemente estirados, pareciam ainda sob o torpor de absintho de uma volupia que não ia longe, que bailava no ar tépido da alcova e se presentia na luz mortiça do "abat-jour" verde, no crystal silente dos espelhos, naquelle perfume novo, absolutamente estranho aos meus sentidos... Contemplei-a, roido de ciumes e de dôr. Tudo, ante a minha retina, era vermelho... sanguineo... Dir-se-ia uma cascata de rubis diluidos e derramados por sobre os meus olhos, faiscantes de odio...

"Na mesinha de cabeceira havia um punhal, florentino, de ponta aguçadissima... Depressa, corri ao movel e apanhei-o...

— Que tragedia horrorosa!

— ... e pul-o no bolso, sahindo rua a fóra a pensar que mulheres existem aos milhões... Nenhuma vale o sacrificio de se lhe tirar a vida... O mais curioso, entretanto, é que, até hoje, ella acredita que eu não saiba de coisa alguma... e a despreze injustamente... Eu e o resto do mundo.

"Ah! Ah! Ah!... Sorria, querido! O mundo é mesmo uma comedia gozadissima... E demos graças aos bons designios, nós, Pierrots desventurados, existirem ás mancheias seductoras Colombinas... No mundo ha Arlequins capazes de tudo!" — GOMES NETTO.

O UNICO BEIJO...

NATALIA, a velha criada, entrou no salão onde Henriqueta e a mãe estavam bordando.

— Minha senhora: está ahi o rapaz que vem por causa do aposento.

A sra. Nissen recebeu o cartão que a criada lhe apresentava e leu: "Eduardo Vancy".

— Ah, sim! — disse. — Manda-o entrar.

Appareceu um rapaz, cuja idade orçava pelos vinte annos. Era louro, de estatura mediana, esbelto, elegante. Tinha um rosto distincto, olhos bellos e ar timido. Sentou-se, a convite da dama. Não ousava olhar em torno. Viu, não obstante, que estava em um amplo salão, cujas duas janellas davam para um jardim antigo, e cujos moveis pareciam polidos pelo tempo.

Notou tambem que estava deante de uma senhora idosa, trajada de preto, de cabellos grisalhos e aspecto imponente, e de uma mulher mais joven, trajada sem faceirice e de rosto sem "maquillage". O visitante adivinhou, ao vêl-a, que era a filha da senhora idosa, e que, aos trinta annos, ainda não havia casado. Experimentou tambem a sensação estranha de que uma poeira impalpavel cahia sobre aquelle salão e sobre as duas mulheres.

— Foi meu primo Alexandre quem o mandou cá — disse a dama. — Veiu para esta cidade afim de estudar direito.

— Sim, senhora.

— Chegou hontem, não é verdade?

— Sim, senhora. Mas muito tarde. Não me atrevi a apresentar-me aqui.

— Poderá ficar hoje mesmo, se o aposento lhe convier...

— Oh, minha senhora! Certamente...

— Ouça... Meu primo Alexandre deve ter-lhe dito o preço do aluguel. Mas desejo fazer-lhe algumas observações que, por outro lado, vão de encontro aos desejos de sua familia. O quarto foi utilizado até hoje por uma de minhas primas, que se acha convalescendo agora em um sanatorio. Desejo vivamente, como o senhor deve comprehender, não receber sob o meu tecto senão um hospede no qual eu possa confiar plenamente, e que não seja instavel. Quero dizer, que não se vá poucas semanas depois, nem ao cabo de dois ou tres mezes. Uma palavra ainda. E' conveniente que conheça os habitos da casa. Peço-lhe que, á noite, nunca regresse depois das dez horas, senão por um motivo excepcional. Para as suas refeições, achará, com facilidade, aqui pelos arredores, um restaurante decente... Disse-lhe tudo, ao que me parece. Agora, Henriqueta, mostra ao moço o seu futuro aposento.

A joven levantou-se e guiou o rapaz através um corredor que ia dar a um amplo aposento, cuja decoração recordava a do salão.

— Tudo foi preparado ha pouco tempo — disse laconicamente Henriqueta.

— Está muito bem — respondeu elle, cortezmente.

Sahiu para ir buscar as valises, e mãe e filha isolaram-se uma vez mais do silencio da sala.

— Esse rapaz tem um aspecto agradavel — disse a sra. Nissen. — Espero que não seja demasiadamente maçante.

— Deus queira que assim seja... Mas, escuta cá: era indispensavel procurar um inquilino?

— Não te cansas de dizer a mesma coisa... A pensão que nossa prima nos pagava mal dava para as nossas despesas... E... é necessario manter a nossa posição social.

— Por que não permittiste que eu trabalhasse ha doze annos, quando morreu meu pae? — perguntou Henriqueta, após uma breve pausa.

— Já to disse: uma Nissen não trabalha... Além disso, que saberias fazer?

— Realmente...

Henriqueta fez um gesto resignado. Educada desde a infancia naquella decoração fóra de moda e solenne, habituára-se a ella, de tal forma, que apenas experimentava um tédio horrivel e sem esperanças. Havia effectivamente outra existencia, uma existencia exterior. A's vezes, não tinha certeza disso.

Eduardo Vancy installou-se naquella mesma tarde no amplo aposento situado nos fundos da casa, e Henriqueta foi forçada a reco-

nhecer bem depressa que aquelle rapaz nunca chegaria a ser maçante. Apenas se notava a sua presença. Passava a maior parte do tempo fechado em seu aposento, estudando. Quando sahia, quando entrava, o fazia, quasi furtivamente.

Henriqueta, a pouco e pouco, foi se interessando por aquelle hospede, cuja presença, a principio, fôra por ella repellida. Trocava, ás vezes, com elle, algumas palavras triviaes. Sem que se apercebessem, ambos achavam prazer nisso. Suas palestras começaram a prolongar-se e a ser mais interessantes. Ella notou que Eduardo era intelligente, que tinha uma grande delicadeza de sentimentos e bom gosto para as artes e as letras.

Isso foi o primeiro laço entre ambos. Trocaram opiniões e impressões. Henriqueta era romantica; Eduardo Vancy resolutamente modernista. Ella deixava-se empolgar pelas opiniões que elle lhe expunha sem timidez. Interessava-se por seus estudos, por tudo quanto lhe pertencia, e sentia-se cada vez mais livre do tédio que até então experimentára na vida.

Perguntára de si para si, a principio:

— Teria verdadeiramente algum encanto aquella existencia de repouso, de silencio, de esquecimento do mundo e do tempo?

Mas, bem depressa, o sentimento novo, que despertára Henriqueta do seu lethargo, chegou a converter-se em uma emoção que nunca experimentára. Uma emoção da qual se defendia, e que era, não obstante, deliciosa...

Ella estava louca, estava enganada... Aquelle mocinho de vinte annos não podia ter por ella, solteirona sem *coquetterie*, nenhuma affeição... Mas seus olhares, suas palavras, aquella maneira de lhe apertar a mão... Gozava emoções profundas... O amôr entrava-lhe na vida, mais imperioso quanto tanto tardio... Um amôr que não podia ser senão lyrico... Mas sua emoção augmentava... E julgou desfallecer no dia em que Eduardo, furtivamente, bruscamente, entre duas portas, lhe deu um beijo.

No dia seguinte, Henriqueta teve de se ausentar da cidade, afim de visitar uma velha tia, que se achava muito doente.

Quando regressou, encontrou a mãe em um estado indescriptivel de agitação.

— Foi-se embora! — disse-lhe, a gritar. — Descobri tudo! Sim, Eduardo Vancy, aquelle miseravel! Sabes o que havia feito antes de vir para cá? Apaixonára e seduzira uma mocinha de sua cidade. O escandalo foi espantoso. O sr. Vancy mandou-o para cá, ameaçando

De Frederic Boutet

abandonal-o á sorte, se não levasse uma vida exemplar. Alexandre contou-me tudo isso como uma coisa muito interessante. Mostrou-se surprezo com a minha indignação. Como aquelle velho imbecil, sem me prevenir, se atreveu a enviar-me aquelle rapazola descarado para viver mezes inteiros sob o meu tecto, perto de ti...

Henriqueta de Nissen fez um gesto vago.

— Oh, mamãe!... Na minha idade!...

Foi para o quarto... E meditou... Eduardo não acceitára senão por obrigação a sua apagada vida de claustro. Elle a cortejára. Para passar o tempo, divertira-se a emocional-a, zombando della...

Pensava na timidez que elle sabia fingir com tanta habilidade, em suas palavras, em suas maneiras ternas e suaves, naquelle beijo unico que lhe déra. Não chorou. Tinha a impressão estranha de que uma poeira inapagavel cahia sobre ella, e que nunca mais sahiria daquelle lethargo que tornava a aprisional-a. Se ao menos pudesse tornar a sentir nos labios o calor daquelle beijo!... Mas não. Seu destino era aquelle: isolar-se na sala de moveis lustrados pelo tempo, e recolher-se á sua tristeza de mulher sem amôr, para ir envelhecendo lentamente, inexoravelmente, sem outro consolo além da dolorosa recordação daquelle unico beijo...

A rosa tragica

O negocio era numa ruazinha tortuosa daquella cidade russa. Ruazinha de miseria e de amôr, de homens sombrios e mulheres pallidas, ruazinha que arrancava do coração da cidade como uma veia, para vir sangrar numa praçazita do suburbio. Segundo meu amigo Alejo, aquelle negocio possuia "a monstra mais linda do mundo".

Essa montra era, quando muito, pouco mais ampla que uma janella: era mettida entre duas pilastras da parede, e não chamava a attenção dos transeuntes. De dia, os crystaes reluzentes — prodigio de limpeza na ruazinha suja — ; ao anoitecer acendiam-lhe no interior uma lampada que aureolava o objecto precioso exposto á devoração mais que á curiosidade dos entendidos.

Um unico objecto figurava na montra, como um idolo. Vivi tres mezes naquella cidade, e durante esse tempo só vi mudar umas dez vezes o objecto exposto. Era uma orchidéa de labios expirantes, ou um livro estampado em letras confusas, ou um marfim hindú, ou um collar de perolas negros sobre velludo côr de carne, ou um par de bonecos magicos que jogavam xadrez, ou um tapete não maior que um *foulard*, de côres tenues.

— Já vês — dizia-me Alejo — neste paiz reinam a anarchia e a loucura. Porém em nenhum outro ha montras como esta. Quem disse que as coisas bonitas só surgem em épocas tranquillas?

E apontava-me á montra, onde haviam exposto uma flôr: uma rosa. Era a vespera de meu regresso.

A flôr parecia milagrosa: era como que uma papoula semi-aberta na extremidade dum peduncolo cujas folhinhas obscuras e espinhos diaphanos despuntam-se symetricamente. As petalas tinham a côr que toma o sangue quando afflue á uma face subitamente ruborejada. Uma corrente de ar, alimentada por um dispositivo occulto, fazia voar em torno da flôr, uma mariposa negra como a morte e que tinha uma mancha triangular de púrpura numa das azas. Diziam que nada havia de mais formoso no mundo. E, como contraste, os transeuntes da ruazinha pareciam mais sordidos e tristes, mais pesado o ar; mais enlameado o passeio.

Esta rosa — disse ao meu amigo — é como todas as rosas queriam ser, si podessem...

— Por essa cidade — explicou-me Alejo — passaram os exercitos brancos e os exercitos vermelhos, as turbas enfurecidas e incendiarias, os massacradores de judeus... Porém ninguem se atreveu a devastar esse negocio. Todos o respeitaram...

— Quem é o dono — perguntei. — Como se chama?

— Baltazar Balt. — E Alejo mostrou-me as letras pintadas num cartaz da porta.

Porém, talvez, não seja este seu verdadeiro nome.

— Durante os tumultos revolucionarios ninguem teve tempo de parar nessa montra — argumentei. — Si se tratasse de um arsenal, ou de um deposito de comestiveis...

— Enganas-te, — replicou Alejo. — Os soldados rebeldes do 305 de Infantaria, repararam no negocio. Entraram, porém não tocaram num só cabello de Baltazar Balt. E' verdade — accrescentou com um sorriso — que o dono do negocio não tem cabellos. E' calvo. Um typo impressionante, asseguro-te...

— Os soldados tiveram-lhe mêdo? — sorri, por minha vez.

— Quem sabe?... Queres vêl-o? — E Alejo levou a mão direita á maçaneta. Mas eu o retive:

— Não — disse. — Prefiro continuar a contemplar a rosa... Quando estiver completamente aberta, a maripoza a destruirá... Mas, quem sabe, seja retirada, antes de abrir-se, pela mão de algum cliente.

— Como Aglaia... observou Alejo.

— Aglaia? — perguntei, admirado, sem comprehender.

— Estás aqui ha varios mezes, e não ouviste o nome de Aglaia Balt?... De véras... Não viste, siquer, nenhum retrato della?... O pintor Goudriane representou-a num quadro famoso: vestida de escuro até o pescoço, como Salomé, antes de uma dança; recostada num sofá carmesim, com um leque de plumas na mão... Baltazar Balt, trouxe-a das montanhas, fazendo-a passar por sua esposa... Era vista nos theatros com Baltazar... Todos os olhares pousavam-se ávidos nella, desnudando-a com a imaginação, para admiral-a melhor... Depois estalou a revolução. E ninguem, ninguem se atreveu desde então a olhál-a. Por que?... Porque Baltazar Balt e Nicolás Sverotsky... são uma e a mesma pessôa!

Nicolás Sverotsky!... Meu amigo Alejo pronunciou com circumspecção o nome e o appellido do celebre inquisidor: Nicolás Sverotsky! Aquelle a quem se chama covardemente, o Grande Verdugo! homem que assignou mais de tres mil sentenças de morte, homem que, quando tocou a vez ao principe Juan, reservou-se á honra de fazer funccionar a guilhotina com as proprias mãos!

— Aglaia vive agora num palacio que pertenceu ao imperador, — continuou Alejo. — Baltazar vae visitál-a, de tempos em tempos... O collar de perolas negras que admiraste o mez passado nessa montra passou antes pelo pescoço da esposa do principe Juan. A princeza offereceu-o á Aglaia quando foi pedir-lhe que entercedesse pela vida do marido...

Alejo fez uma pausa. Olhou-me, teve um gesto vago, e continuou: — Horrorisas-te?... De nada serviu-te então permaneceres aqui tres mezes... As revoluções não se fazem com palavras bonitas... Pensa nas maravilhas da antiguidade. Têm acaso origem mais pura, mais claramente que aquellas perolas negras?

O luxo e a belleza alimentam-se do soffrimento e do crime. Nos pantanos crescem as flôres mais raras... Nicolas Sverotsky, aliás o Grande Verdugo, é um monstro; mas é tambem um protector das artes, um Mecenas... Nem tampouco Aglaia é tão feroz como dizem. Ella fez todo o possivel para salvar a vida do principe Juan...

— Baltazar Balt... não cedeu? — inquiri em voz baixa.

— Baltazar Balt... guardou silencio. Na nossa revolução fallava-se pouco. Talvez o Grande Verdugo tivesse as suas razões para não perdoar ao principe Juan...

— Que razões?...

— Não comprehendes?... — murmurou Alejo. — Não comprehendes?... Aglaia...

— Aglaia e o principe. — insinuei.

— Sim. Isso: o principe era o unico homem que não havia necessitado recorrer á imaginação para admirar em toda a sua belleza o corpo de Aglaia...

— E Baltazar... não vingou-se de Aglaia?

— Não. Porque Baltazar Balt é, no fundo, um homem timido...

Não pude então conter o desejo de vêr o Grande Verdugo e protector das artes.

— Entremos, disse a meu amigo. E abri a porta.

* * *

Baltazar Balt era horrivel como um cão. Mais que o craneo amarellento e semelhante a um marfim patinado, impressionava o seu rosto esverdeado onde brilhavam dois olhitos negros e inquietos. Estava

sentado sobre alguns almofadões que na penumbra pareciam cinzentos e vigiava a ebulição da agua no *samovar* de cobre.

— Bôas tardes — saudou Alejo. — Trago-lhe um amigo extrangeiro que admira sua exposição.

— Bôas tardes — limitou-se a responder Nicolas Sverotsky.

E eu, refreiado pelo olhar fixo daquelles olhos negros, perguntei:

— Vende-se, esta rosa?

— Não, não póde ser para o senhor. — respondeu com fleugma, entreabrindo lentamente os labios lustrosos.

— Que pena! — murmurei — Podia vêl-a de perto, pelo menos?... Intrigou-me o colorido dessa rosa...

O Grande Verdugo ficou em silencio. Foi abrir a montra. Retirou a rosa do vaso de ébano. Chegou-a a meus olhos e, com um golpe de unha, quebrou, um espinho do pedunculo, mostrando-me a pequena ferida contra a luz.

O pedunculo dobrou-se como um pequeno verme. A mariposa negra conseguiu evadir-se do fechado circulo de seu vôo e foi pousar na ferida. Baltazar Balt afugentou-se com um lento gesto. E eu, com os olhos dilatados, de espanto, exclamei:

— Sangue!... Esta rosa alimenta-se de sangue!...

Baltazar Balt, sorindo, commentou:

— Sangue?... Sangue no pedunculo duma rosa?... Seria na verdade, a coisa mais bella do mundo.

Dito isto, depositou a flôr no vaso de ébano. Porém antes de cerrar as portas da montra, pude aproximar-me e vêr de perto o vaso. Meus olhos viram então debaixo duma lamina de crystal provida dum pequeno orificio central por onde passava o pedunculo da rosa, um liquido cuja superficie era formada por coagulos de sangue enegrecido.

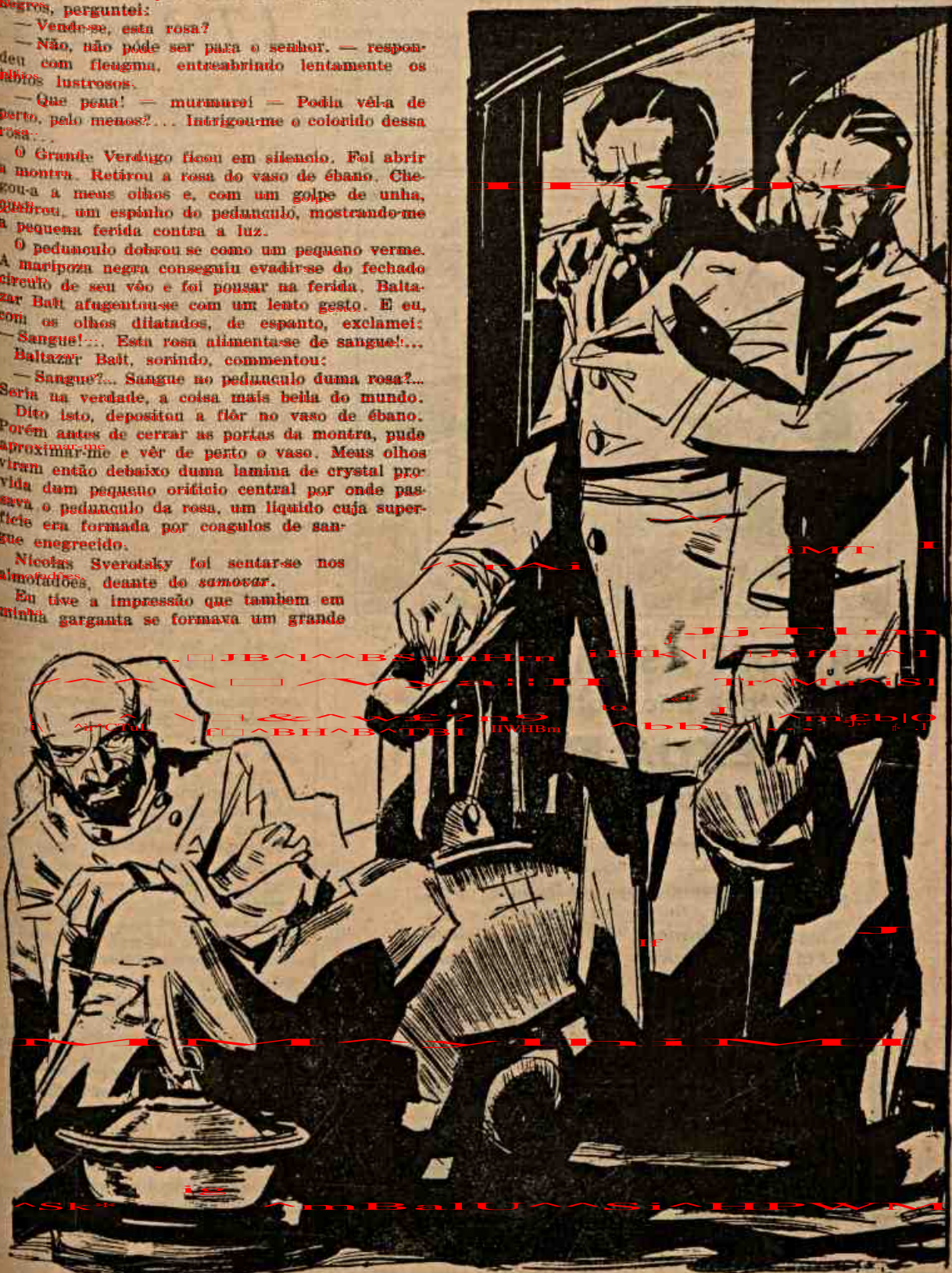
Nicolas Sverotsky foi sentar-se nos almofadões, deante do *samovar*.

Eu tive a impressão que tambem em minha garganta se formava um grande coagulo de sangue que me impedia de respirar. Com um gesto brusco, tomei o braço de Alejo, que havia permanecido immovel junto á montra e, com voz sumida, suppliquei-lhe:

— Vamos... Vamos...

(*Conclue na pagina 10*)

UMA HISTORIA DE BORDO

De ITAVAZ

—OLÁ, *Steward*, estás a sonhar?!

Era uma radiosa manhã, depois da passagem do Equador, rumo á Bahia. O transatlantico deslisava immovel, sem uma oscillação, no mar plácido como um espelho azul, do mesmo azul do céu, apenas um pouco mais escuro. O ar era quente, e a claridade aguda, em que se misturavam os tons de ouro e azul, era insupportavel, quasi dolorosa!

O interpellado, apanhado em flagrante delicto de admiração do mar, estremeceu, olhando com altivez o *maitre d'hotel* que sahia, furioso, do *bar* para o tombadilho.

— Que deseja?

— Como? Que deseja?! — retrucou o outro indignado:

O *Steward* parecia realmente sahir de um sonho. Olhou com ar de lastima o seu paletó branco e fez a continencia.

— E' a terceira vez que o chamam do camarote 123 B. dek!

O rapaz deu uma rapidissima viravolta, batendo com os calcanhares, e partiu a correr, em direcção do B. dek, dobrando já os dedos para dar as pancadinhas habituaes na porta da cabine n. 123. Mas o seu coração batia muito mais forte do que o poderiam fazer todos os dedos reunidos.

Não foi desgraçadamente a esse pobre coração alvoroçado que respondeu a voz que pronunciou o "Come in" esperado. O *Steward* obedeceu, mas ficou um momento agarrado á manivella para apparentar uma attitude correcta, apesar do quadro delicioso que se lhe deparou deante dos olhos cheios de admiração. O quadro representava uma moça deitada na estreita cama do camarote; mas uma moça encantadora! A cabecinha coberta de cachos louros, a bôcca cheia de caprichos e dois immensos olhos azues. Meio sentada, com as pernas curvas e encolhidas, punha em torno dos joelhos a corôa de dois braços frescos, avelludados. E tudo isso sahia de um amontoado de lençóes e camisinha de *crépe* da China azul claro todo enfeitado de rendas creme. Era como uma symphonia em tom menor, á qual se assossiasse o accorde intenso e profundo do céu e do mar entrando pelo oculo a dentro. O *Steward* esgotava de uma só vez todas as suas emoções picturaes e musicaes.

— Tocava para você trazer o chocolate da manhã! — disse a deusa, num inglez atamancado.

As palavras, passando pelos seus labios amoldavam-se ás sinuosidades da bôcca encantadora e sahiam ruidosas, humidas, enroladas.

— Por que olha você para mim, com os olhos fechados?

O rapaz com um gesto eloquente da cabeça, indicou a roupa azul e os braços côr de aurora:

— *My-lady* faz-me pensar em *Amphitryte* quando ella surge das ondas amargas.

— Oh!... Verdade?... Mas essa sua amiga era assim tão bonita?

— Não era minha amiga — suspirou o outro.

A mocinha inclinou a cabeça, com ar compadecido.

— Coitado!... Um desgosto de amôr?

— Justamente — respondeu o *steward*.

E sahiu, jogando-lhe um olhar cheio de lastima.

No corredor esbarrou com um passageiro volumoso, que o contemplou um instante. Depois, berrou:

— Roberto?...

— Que diabo! — gritou este com raiva.

— Bem — disse o outro: — pelo menos tu não escondes a satisfação que te causa o encontro com um amigo. Mas, que estás fazendo aqui?

— Falta de trabalho, meu caro.

— Mas se tu nunca fizeste nada...

— A falta de trabalho alheia: a crise.... De repente, fiquei sem um vintem. Poderia ter-me jogado dentro dagua... Mas preferi andar por cima della... e aqui estou.

O amigo Oscar contemplou um momento o amigo, reflectindo:

— Havemos de arranjar isto: mas até lá, desde que agora tu és um *Steward*, vaes me prestar um serviço.

A campainha recomeçou a tocar imperiosamente.

— Logo mais. Agora, não! — disse Roberto.

E desappareceu.

Não fazia empenho nenhum de encontrar novamente o amigo Oscar.

"Que massada, ainda mais este!"

Lá pelo fim da manhã, emquanto estava alinhando as espreguiçadeiras na "ponte-passeio", ouviu uma voz musical chamar pelo seu nome e teve a sensação de uma mão de ferro que lhe apertasse deliciosamente o epigastro.

— Diga-me, *Steward*: que é aquillo que se vê lá longe, na linha do horizonte?

— E' a costa do Brasil, minha senhora.

— Só parece que alguma deusa estendeu a roupa lavada entre os grupos das palmeiras.

— Sim; uma roupa branca cujo anil escorregou pelo mar a dentro.

Ella jogou a cabecinha para traz, rindo com os dentinhos agudos de cachorrinho novo. Roberto teve uma especie de vertigem e sentiu-se incapaz de qualquer atrevimento.

— *Steward!*

Estremeceu outra vez: a dez passos atraz, duro como um boneco de páu, o *maître d'hotel* o fulminava!

— Massadas!... Só parece a estatua do commendador — gemeu Roberto.

E partiu em direcção da prôa. Alguns metros mais adeante, en-

(Continúa na pag. seguinte)

UMA HISTORIA DE BORDO - (Conclusão)

controu o amigo Oscar. Um Oscar furioso e congestionado, abanando-se com raiva.

— Roberto! Vem cá. Olha esta passageira.

— Lady Margaret W.?

— Margaret? Ah! meu amigo, eis o serviço de que te fallei. Ouve!

— Não me amola! Não quero saber!

Oscar, transpirando, supplicava:

— Eu sou timido. Por favor, pergunta, indaga se ha alguma prob...

Desappareceram os dois puchando um pelo outro atraz das grossas rêdes do "tennis deck".

— *Steward!*

Roberto correu para junto de Lady Margaret, sozinha no spar-deck; ella apontava interogativamente o dedinho rosa e rubro.

— E' a Bahia... a terra do amôr — respondeu Roberto.

— Oh! — Bahiiia... terra do amôr! *Very exciting!*

— *Yes!* — respondeu, profundamente Roberto, jogando um olhar desesperado para um bote que vinha em direcção do navio. Ambos suspiraram de modo enternecedor.

— *Steward!*

Roberto virou-se:

— Mão! Outra vez este cacete!

Mas não podia evitar o amigo Oscar: com ar de perfeita hypocrisia, levou-o para um canto:

— Prompto!... Já lhe communiquei tua paixão delirante, com todas as precauções... para não molestál-a. Tu comprehendes... Pois bem, meu velho; ella riu-se... riu-se a mais poder. Acha-te, francamente... *inadmissivel!*

E, deixando o infeliz Oscar boquiaberto, foi ajudar o *barman* a preparar os refrescos. Somente, meia hora depois, emquanto fazia prodigios de equilibrio, na ponte, offerecendo as bebidas sobre uma immensa bandeja, deixou quasi cahir tudo deante de um quadro inesperado!

Docemente recostados sobre duas espreguiçadeiras ao lado uma da outra, banhados na luz azul, Margaret e Oscar olhavam-se, embevecidos, com uma familiaridade cheia de ternura.

Margaret viu o *Steward*, franziu o sobrolho e fez-lhe signal de approximar-se: Roberto obedeceu com as pernas que se transformaram instantaneamente em duas mechas de algodão hydrophilo.

— Póde-me dizer, *Steward* (e ella frizou a palavra com desprezo esmagador) por que você disse a esse senhor que eu o achava... antipathico?

Elle retrucou, com altivez:

— Porque fazia de antemão um juizo bastante lisongeiro de Mylady para saber qual seria o juizo que ia fazer de semelhante imbecil.

— Pois olhe! — gritou Margaret, furiosa — o *semelhante imbecil* é meu noivo!

Uma chuva de laranjadas e de limonadas geladas cahiu sobre o assoalho encerado, numa indizivel desordem.

Roberto empurrou com o pé os cacos de vidro e abandonou toda reserva:

— Pois, então... trate de ter sorte... Previno-a, todavia, que esse homem é estupido, ranzinza, mesquinho e despido de qualquer encanto intellectual... o que, por certo, deve convir perfeitamente á creatura sem coração e sem cabeça que prefere tal sacco de batatas, sem nenhuma especie de valor, ao homem fino, encantador e sensivel que a ama como um idiota.

— Você gosta de crianças?
— Sim, senhora; quando são tenrinhos...

Esse discurso, incoherente, pronunciado em alta voz, com uma vehemencia assustadora, havia chamado a attenção de todos os passageiros que estavam na ponte. O *maitre d'hotel* precipitou-se, gueijando:

— Calma... Calma... por favor! Brigas, Brigas só em terra, na proxima escala!

Roberto virou-se como uma féra.

— Quanto a você, velho patheta, suma-se da minha vista! Na proxima escala?... Pensa que ainda vou aturál-o.... Acabou-se o *Steward!* tome o seu avental!

E, tirando o paletó branco, jogou-o na cabeça do *maitre d'hotel* que não cessava de repetir: "*Shoking... Shoking... Shoking!*"

Roberto tinha perdido a cabeça. Antes que alguem pudesse comprehender a sua intenção, subiu na amurada da ponte... balançou um momento... e jogou-se no abysmo azul.

Gritos, tumulto, toque de alarme, botes...

Oscar lançava gritos lancinantes.

— Roberto!... Roberto!... Estás perdoado! Eu... eu...

Margaret, estranhando a familiaridade entre o noivo e o *Steward*, obteve de Oscar a inteira confissão da heroica Odysséa do *criado* improvisado e sentiu derreter-se-lhe o coraçãozinho de mariposa, como se fôra uma bala de assucar.

Dois minutos depois, ella entrava na cabine onde Roberto, repescado á força, estava seccando mergulhado em profundas meditações.

— Eu trago para você a minha mão... se você ainda a quer...

Roberto sentou-se no leito suffocado de surpreza e sem poder ainda bem definir o seu sentimento...

— Mylady... pensa que eu sou peteca?

Mas ninguem sabe se a severidade do rapaz perdurou por muito tempo!... O facto é que, ao sahir da Bahia, o *Asturias* não trazia mais ao seu bordo os dois jovens apaixonados, e os commentarios ganharam larga repercussão...

A ROSA TRAGICA

(Conclusão)

Na ruazinha já invadida pelas sombras da noite, pensei vêr, ao longe, destacar-se a silhueta tragica de uma guilhotina. Voltei a cabeça para admirar pela ultima vez, a flôr maravilhosa. A mariposa negra havia pousado na ferida do pedunculo e sugava a seiva vermelha.

— Sangue!... Sangue... murmurei.

E logo, cravando os olhos em Alejo, perguntei:

— Quando guilhotinaram o principe Juan, o amante de Aglaia? A voz de Alejo respondeu-me:

— Esta manhã... Presenciei a execução. Sverotsky bateu a sineta para cahir o cutello. Recordo-me que em outra mão, tinha um vaso de ébano... Sim, tal vez seja o mesmo que está na montra... e nada seria para extranhar si um dia desses, Nicolas Sverotsky subisse ao patibulo para apertar pela segunda vez o botão da guilhotina. Levaria então na mão direita, este mesmo vaso de ébano para recolher nelle... o sangue de Aglaia!

G. A. Borges

Os Perigos da Vida

Como os Rins Ficam Doentes

Doenças do Coração

Comer Muito! Beber Demais!

Quando tiver praticado alguma imprudencia ou extravagancia, comido demais, bebido muito Vinho, muita Cerveja, Licores ou outra qualquer Bebida Alcoolica, para não apanhar alguma indigestão ou outro Desarranjo do Estomago, do Figado, do Baço e intestinos, convém muito tomar á noite, quando fôr dormir, Duas ou Tres Colheres (das de Chá) de Ventre-Livre em meio Copo de Agua!

Quem sofre de indigestão, de Perturbações do Estomago e Fermentações Toxicas dos intestinos está muito arriscado a pegar as mais Graves Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Para não padecer tão dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando Ventre-Livre

Estomago Sujo

A's vezes, sem saber porque, nós nos sentimos de repente muito incomodados e indispostos, com Moleza e grande Abatimento Geral, com Mal Estar em todo o corpo e Preguiça para fazer qualquer Esforço, até Dores e peso no Estomago, na Cabeça e no Ventre, emfim sem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas Perturbações aparecem assim de repente, a pessoa deve ter logo certeza de que o seu Estomago e intestinos estão muito Sujos e Cheios de Materias Putridas e Toxicas, e neste mesmo dia comece a usar Ventre-Livre meia hora antes do Almoço e do Jantar, para evitar que apareça qualquer Complicação Perigosa e Molestia interna ou Externa!

VENTRE-LIVRE é o Remedio de Confiança para tratar Prisão de Ventre, a inflamação da Mucosa do Estomago, Vontade Exagerada de Beber Agua, Fastio e Falta de Apetite, Gosto Amargo na Boca, Vomitos Causados pela indigestão, Arrotos, Gazes, Dores, Colicas, Fermentações e Peso no Estomago, Dores, Colicas e inflamação intestinal causada pela demorada retenção de Residuos Putridos e Toxicos dentro dos intestinos, Dores, Colicas no Figado e Hemorroidas causadas pela Prisão de Ventre!

Olhe

Ventre-Livre Não é purgante

Os Medicos sabem que os Purgantes, principalmente as Aguas Purgativas, os Sáes Purgativos, os Pós Purgativos, os Xaropes Purgativos, as Capsulas Purgativas, as Tinturas, Pastilhas, os Oleos Purgativos, os Azeites Purgativos e as Pilulas Purgativas, são todos violentos Irritantes e, com o tempo, fazem peorar os Doentes, inflamando e causando Grande Mal aos intestinos, Estomago e Figado!

Ventre-Livre é um Vigorizador Especial das Camadas Musculares dos intestinos e exerce uma acção muito salutar sobre a Mucosa do Estomago e Funcções do Figado!

Por esta razão Ventre-Livre faz sempre Muito bem a todos os Doentes!

Use Ventre-Livre, que os resultados serão explendidos e garantidos!

Tem Gosto Muito Bom!

Não Esqueça Nunca:

Ventre-Livre Não é purgante

A estranha visita

«Alma, é louco o desejo altivo em que te abrazas,
De céos nunca attingidos:
Ai! que serias tú, passaro, sem as azas,
alma, sem os sentidos?»

VICENTE DE CARVALHO.

NOITES e dias de chuva... A poeira dagua cahia, rythmica, fluindo lenta e gelada nos focos de luz, na lama symbolica e na carne irritada por mil alfinetadas de gnômos invisiveis. Brrr!

Ha dias, e principalmente noites, em que se tem vontade de partir, partir... Para onde? Não se sabe; fugir; de todos; do mundo. Encontrar alguem que nos ouça e nos comprehenda. Sinceramente! Alguem que seja capaz de se pôr em nosso lugar na Vida. Momentos de amnesia e fraqueza...

Nessa disposição de espirito, chegára da noite para o razoavel calor do meu inexpressivo quarto de solteirão incorrigivel.

Pensava em minha familia, áquellas horas talvez tão longe e esquecida de mim. Estariam reunidos, como antigamente, na sala grande do solar da chacara, meus paes, irmãos e sobrinhos, para os gratos e ternos serões de outrora?

Viéra de casa de um amigo, onde assistira a experiencias telepathicas e hypnoticas. Se bôas e verdadeiras, não saberia dizer precisamente. Assistira-as alienando o cerebro, com este mesmo coração scéptico que trinta annos de convivio mundano argamassaram em tropéis de paixões.

Tudo estava socegado em meu aposento, e eu meditava na tristeza de quando chove e se é só, porque as idéas se tornam mais lucidas, tyrannicamente realistas; a analyse das cousas mais prompta e fulminante. Por outro lado, os conceitos, as concepções, mais subtis e elegantes. A contra-gosto surprehendemo-nos profundos... Dir-se-á que a humidade concentra tudo para o cerebro, numa conjugação chimica em que as massas encephalicas, exhaustas, se renovam... Creio que o homem mais cretino conseguiria talento si deixasse a cabeça, uma noite, numa geladeira... Cheguei a bemdizer a chuva. Bemdita tristeza, aquella! Divagações absurdas? Póde ser...

Bem. Naquelle instante, eu só tinha uma cousa a fazer: lêr. Haverá autores especiaes para determinados estados psychologicos? Qual o melhor para uma noite chuvósa? Difficil escolha... Corrêra os olhos pela estante onde os tenho todos, os verdadeiros e commovidos amigos e, lembrando-me do espirita, tomára dum volume que nunca antes me despertára attenção: "A Vida depois da Morte", de Yogi Ramacharaka. Quem seria? Um hindú, é claro. Interessa-me, sobremodo, o indianismo. Provavelmente influencia da ternura pantheista do meigo Tagore, poêta do Universo.

Bebêra um licôr e accendêra um cigarro. E, entreabrindo a janella, para que sahisse a fumaça, sentára-me, inclinando a cadeira á parede, como costumava fazer em tempos collegiaes. Não sei quantos minutos ficára assim, num suave torpor, mixto de somno e enlevo. Depois, parece que uma aragem mais fria me tocou todo, e qualquer cousa tornou-me mais leve... Quasi não sentia a cadeira em que me sentára. Pôôahô! Pesadelo? Não, não era pesadelo. Estava bem desperto ainda. Mas, a fumaça do meu cigarro, que se evolava cheirosa, retrocedêra em "camara lenta" e, em rapido clarão, tomára uma forma indescriptivel, assim tal qual um vestido de gaze amarrotado, e parára á borda da secretaria. Fôsse o que fôsse: ia perguntar-lhe o que desejava, estranhando a subita intromissão, quando a mistura de gente e bruma foi falando assim:

— Que frio, hein, meu irmão?

Num relance, galopearam em mim pensamentos desencontrados. Quem seria? E que quereria aquella "cousa" sem nexo? Pensei em pôl-a na rua. Mas qualquer cousa me attrahia naquella vóz escorregadia, arrastada... Havia nella um "quê" de familiar e intensamente recordativo que me segurava, inerte, na cadeira.

Ha muito estou para lhe fazer esta visita, — fez ella, sem esperar por mim. Hoje me foste buscar, lá na sessão... Aqui estou, como se dizia nas idades heroicas... Você é dos raros que podem se gabar de que andaram tanto tempo sem mim... Mas, "mon Dieu"!, que frio impertinente...

Meus olhos foram-se acostumando aos poucos. Fixei melhor a "clara de ovo batida"... E, respirando alliviado, dispuz-me a conversar com minhalma, pois eu a reconhecêra...

— Olhe que me assustaste! Por que não avisaste?

— Bonito! Não me conhece mais? Avisar, para que? Os homens estão sempre muito occupados...

— ... e aborrecidos!

— Si não fosses tão egoista, não farias dos outros o que está exclusivamente dentro de si...

— Então, sabes que soffro!

— Sim, sei tudo; e quem melhor do que eu?

— Mas esqueces que deves a mim essa experiencia que dizes ter da Vida e da Térra, tu, que a ella não pertences...

— Como assim?!

— Ora! alma amiga; has de ser sempre a mesma ingenua. Pois quem é que te formou?

— Essa é bôa! Deus, meu pae, e a Natureza, minha mãe!

— E n g a n a s-te completamente! Quem te creou fui eu. Eu e aquelles livros que alli vês; eu, que abrigo em meu sangue, e aquelles livros que lhe conservam a faculdade de discernir pelo cerebro, que é inteiramente meu.

— Tolo que és! Não sabes quanto sou mais velha que tu! E finges ignorar que nasci com o Mundo.

— Sei disso. Todavia, não evoluiste com elle, porque as gerações humanas morrem, vocês ficam sem serviço durante muito tempo, e quando apparecem outras, são cada vez peores!... Retrocedes, és fraca! Não dominas o corpo que tens por "ménage"... e por isso péccas demais. Dize-me és acaso a alma do primeiro homem?

— Não. Pouco sei de mim. Não sou livre. O que te estou dizendo já constitue um abuso que estou praticando contra as ordens celestes. Só sei que evoluí desde as mônéras, as moleculas, os átomos, até a configuração de alma-de-homem, villegiaturando antes pelos reinos inanimados e pelas ma-

terias animaes. O resto... vocês é que devem saber melhor.

—E' engarçado... e é pena.

—Pena o que?

—Seres tão velha...

—Não o sou, sinão para ti, que possúes uma concepção mesquinha de Tempo e Espaço. E assim é preciso. Não posso ser eternamente criança; tudo passa...

—Por que vocês não são como a gente as quer? Para que quero uma alma velha que nem no meu corpo de 50 annos? Vocês deviam viver á maneira inversa do genero humano. Quando somos crianças, vocês parece que não existem. Si não lêmos, si não estudamos, si não nos "perguntamos", vocês não surgem mesmo. E' á força de concentrar o cerebro, os musculos e o coração, numa sublime symphonia organica para a suprema finalidade de sentir presente o "ego" e, portanto, a Vida, que se forma em nós esse conglomerado de idéas e predilecções, crenças e paixões, que synthetizam, afinal, o nome pomposo que lhe deram: Alma...

—Mostra o que, é, carne ingráta e fria! Em summa, aborreço-te?

—Pelo contrario: divertes-me! Eu é que me tornei aborrecido, por cultivar-te com tamanho carinho e desvelo, para mais tarde averiguar que não és como a quiz no meu ingente esforço...

—Peço licença para não entendêl-o...

—O que quero dizer é isto: devias principiar "velha", commigo criança, e partir com... o ultimo "vagido", quando eu désse o derradeiro suspiro... comprehendeste, agóra?

—Sabes de uma coisa? Tenho impetos de não te tornar a envolver... Pareces viver tão bem com teus livros; só queria ver como se sentiria com elles, sem mim!...

—Para que? Não és minha filha? Não pódes me abandonar. Chamas-me "irmão" porque és soberba. E depois, comtigo, creio que "me" sinto melhor. Mormente quando leio. Só serves mesmo para leitura... Para amar, não preciso de ti... E escuta: si soubesses de que divina explosão de Amôr nasceu este corpo, talvez desejasses carne, para gozar a Vida gloriosamente epicurista...

—Não me obrigues a matál-o! E's um corpo velho, e preciso animál-o com meu calôr, até que chegue a sua hóra...

Ah! notei que minhalma havia se elevado um pouco, esticada, e baloiçando tal qual uma bolha de sabão. Porém, logo, tornava a recostar-se na secretaria. Positivamente, importunava-me.

—Quem é que, ha minutos, se queixava do frio. — gritei, aggressivo, para afugentál-a mais depressa. Eu aqui estou muito bem. Tenho coragem de viver e peccar! Hypocrisia não é commigo, estás ouvindo? Amo esta Vida bôa, desigual, cheia de saborosos peccados e virtudes incriveis! Não quero o teu Céo, que é, decerto, vazio, ôco, sem empecilhos femininos, sem lutas para provar a nossa força, sem a benção do Trabalho, sem Prazer, porque deve ser sem Dôr! Aliás, minha cara, aquelle hyperbolico, immenso coração que se chamou Bilac e tambem por ahi andou, viajando pelas "Vias lacteas" empyricas, já dizia, no final de um de seus versos, que eram sempre generosamente exaggerados e ficavam rolando sonoramente no Infinito: "Terra, melhor que o Céu-Homem, maior que Deus"!... Tenho, naquelle canto — e apontei um angulo do aposento — um aquecedor electrico. Se me dás permissão, — ajuntei, ironico, — vou ligál-o.

E fiz menção de erguer-me.

—Um momento, meu irmão!

—Já te disse que sou teu pae! Ademais, és antiga, deves saber que estás fóra de uso... O homem moderno é completamente desalmado... Váe para onde quizer, e... bôa noite!

Minhalma parece que ficou com médo de mim, porque se esgarçou toda, tal a chamma duma véla ao vento, e disse, apressada:

—Apesar da sua ingratidão e do seu egoismo incuravel, como prova da minha piedade e do meu perdão, vou te conceder uma graça, para que não vivas por ahi aborrecido e se lamentando, blasfemando dessa maneira. Antes que me vá, pede o que quizeres.

—Homem, agóra...

Prákt! Senti uma pancada na barriga e accordei. A janella escancára-se; o vento rispido despertára-me. No cinzeiro, sobre a secretaria, o cigarro continuava fumegando lentamente., esboçando, azuladas e leves, figuras que se esbatiam presto e subiam como se desapparecessem no vácuo. A cadeira voltára á sua posição normal e fôra a causa da pancada... O livro "A Vida depois da Morte", cahira ao chão, inútil... Da minhalma... num vivalma! Que sonho! E que alma "do outro mundo"!! Até francez fallava... Tambem, para que bebêra, sabendo que o medico me prohibira alcool?

Homem, agóra... Naquelle dia, só si lhe pedisse que cessasse com o chuvisco que ainda fluia, rythmico e frio, na luz dos flócos luminosos e nos rostos irritados por mil gnômos invisiveis, dos homens e das mulheres que, lá fóra, iam e vinham farandulando...

MARIO DUPRAT FONSECA

—Acho-o preoccupado, doutor.

—Sim. Estou furioso commigo mesmo. Imagine que estive tratando de um doente com indigestão, e, agora, vim a saber que elle é sufficientemente rico para poder ter tido appendicite.

HUMBERTO DE CAMPOS

(Palavras proferidas no radio)

QUANDO o mundo era bom, a terra mais fresca, as arvores mais frondósas, dando sombra e placidez aos que junto dellas procuravam a paz e a doçura; quando o corrego cantava sobre as pedras e o céo sem nuvens se mostrava mais formoso e nos convidava ao sonho—unico ouro dos mendigos — o sr. Humberto de Campos, o maior dos nossos prosadores vivos, amou a Vida, amou-a, talvez, com o mesmo enthusiasmo e ardor com que hoje eu venho falar, em nome da mocidade que pensa da sua obra formidavel de escriptor.

Foi, então que esse semeador de pedrarias compadecendo-se certamente da miséria dos pequenos que tentam escrever, creou esse estylo magnifico, e, perdulario de talento, atirou, pela primeira vez, aquellas paginas cheias de sonoridades dos seus primeiros versos da *Poeira*, os seus primeiros sonhos, as suas mais lindas illusões... Nessa obra, Humberto de Campos mostra que sabe guardar no seu coração o fogo do enthusiasmo de moço e sua lyra, tangida pelos seus dedos, espalhou então para todo o paiz as sublimes harmonias do seu éstro.

Naquelles versos, parecia que o vento levava, em seus torvellinhos, segredos da eternidade, e que a propria briza humedecia os labios do cantor para que, em rimas radiantes de inspiração, elle nos mostrasse a belleza da sua arte perfeita e grandiosa como as estatuas gregas.

Depois, porém, que conheceu melhor a vida que lidou com os homens, que sentiu toda a sorte de ingratidões que penou moral e physicamente, embora saiba soffrer com heroismo, Humberto de Campos começou a produzir, mais e mais numa ansia de creação, e vieram as chronicas dos jornaes que fazem o gozo espiritual do publico brasileiro, e vieram as paginas maravilhosas das *Memorias*, dos *Parias*, da *Critica*, de tanta coisa linda que ahi está fixada em caracteres firmes e fórtes.

A humanidade porém sendo má, sendo os homens mais do que invejósos, os encantos da existencia, em breve, para ella, se transformaram em desencantos, em desillusões, em soffrimntos.

Mesmo sendo verdade que a sabedoria engendra paciencia e que a paciencia degenera em bôa vontade, elle, depois de transpôr com a maior facilidade dentro da sua cella de escriptor, no seu gazulo, e, numa febre de trabalho, atira-nos, de fórma prodigiosa, dia a dia, hora a hora, todo o ouro do seu talento!

Notórias têm sido todas as suas obras,, não menos significativas vêm sendo os seus ultimos livros, suas derradeiras chronicas, todas ellas vasadas naquella fórma subtil, em que a bondade triumpha sobre a maldade.

Dir-se-ia que, quanto mais soffre no seu mal physico, maior empenho tem elle em atenuar, suavizar, trazer balsamo para o soffrimento alheio.

E ninguem como elle sabe tecer um periodo com primor, naquelle milagre de dextreza, de bom gosto, de brilho, de fluencia!

Que admiravel poder de synthese!

E' preciso ter convivido com Humberto de Campos algumas horas alguns instantes, para comprehender-se todo o valor do seu talento multiforme, a grandeza da sua inspiração, essa que elle, diariamente, produz para os jornaes: a séda maravilhosa da sua prosa finissima.

Disse Maupassant: *"Pour écrire en prose il faut avoir quelque chose a dire"*.

E Humberto de Campos sabe dizer.

* * *

Esta homenagem não poderá offendel-o. Sei que a sua modestia imperdoavel soffrerá ao recebel-a, mas, julgo que devia soffrer mais se não soubesse que reconhecemos todos os meritos, que andam ahi de bôcca em bôcca, para orgulho de todos os brasileiros que pensam e amam a arte sã, a arte pura!

Queremol-o em plena gloria, recebendo dos seus concidadãos tudo quanto delles póde esperar o seu talento, o seu valor como grande escriptor que é.

Que elle receba nestas palavras a demonstração de que a mocidade do Brasil moderno comprehende e ama a sua arte!

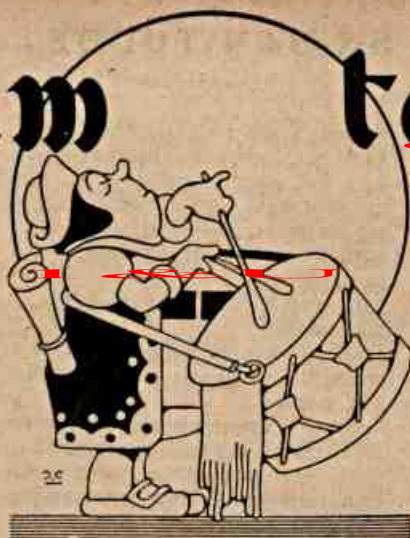
Lêde, senhores, Humberto de Campos e comprehendereis como se póde, soffrendo as mais dolorosas torturas physicas, trazer para os entes mais felizes, horas de tanto encantamento espiritual.

Senhores e senhoras que abnegadamente me ouvis: Respeitemos o nosso grande escriptor, que tem sido numa mesma encarnação proscripto como Dante, modesto como Homero!

A elle os nossos applausos, que são as palmas da Mocidade!

E elle as deve comprehender.

PLINIO MENDES

saibam todos...

DEMETRIUS (São Paulo) — Aqui vae o seu amavel cartão:

"Waldemir Barbosa Trigo (Demetrius) cumprimenta, jubilosamente, o Amigo Bastos Portela, inspirado vate de "O Suave Enlevo" e sublime estheta de "Azul e Rosa" formulando votos os mais sinceros para que tenha um natal alegre e que o anno de 1934 lhe traga as muitas felicidades que merece, pela sua grandeza de alma e pelos seus indiscutiveis meritos espirituais."

Queira acceitar os meus agradecimentos e a retribuição dos votos que faz pela minha felicidade pessoal.

ALVES (Capital) — O sr. desta vez, é mais um collaborador do "Saibam todos"... do que um simples leitor. E como esta pagina é mais do publico do que do FON-FON, é claro que receba a sua collaboração com interesse...

Ella servirá para leitoras bonitas se divertirem um pouquinho... (Um pedante diria — um *pocochinho*). Mas, é necessario assassinar essa especie de gente que despreza o *pouquinho* pelo *pocochinho*...

Como, porém, o sr. não será o assassino (nem eu, está claro!) vamos tratar apenas da sua carta.

Eil-a tal qual o sr. m'a escreveu:

"Yves amigo: V. mantem, no "Fon-Fon", com heroismo e intelligencia, a seção "Saibam-Todos"... que, muita vez, me proporciona minutos de franco prazer.

Neste inicio de anno, a minha visinha da esquerda, que é uma viuva moça, bonita e... endinheirada, foi surprehendida por dois pedidos de Festas, verdadeiramente interessantes. Um, do seu... (depois o saberá); outro de um afilhado... insolente, porque confiado. Achando-os curiosos, esplendidos mesmo, transcrevo-os para a sua seção "Saibam-Todos". E me agradeça a lembrança amiga.

O primeiro é este:

"Encontra-se á vossa porta
Um humilde filho do povo,
Que vos deseja Bôas-Festas
E venturoso Anno-Novo...

A vóz e vossa familia
Almeja com sinceridade: —
Saúde, vigor e socego,
Ventura e prosperidade:

Pede a *Deus* felicidade.
Um anno todo prasenteiro...
Constantes são os votos que faz
Vosso dedicado LIXEIRO.

(Respeito a grafia do maroto, para não mutilar a idéa... *genial*).

Gozei com o pedido do portuguez. Tem o cartão uma rosa ao lado e os versos estão gravados em verde (uma beleza!)

Agóra o outro:

Querida Madrinha sendo este dia
consagrado á ventura universal,
como prova da minha simpatia
e da minha paixão descomunal

Nestas linhas minh'alma balbucia
numa prece piedosa e original,
para que passes plena de alegria
um venturoso e fulgido Natal.

Muitas felicidades te desejo
e não podendo hoje dar um passo
nestas linhas te mando um grande [beijo.
Assim sendo, Madrinha, inda me [restas,
E por isso um pedido aqui te faço:
vê se me arranjas *dez mil reis* de [festas.

E sei que a leitora ou leitor (e mesmo v., Yves) rirá gostosamente do lixeiro e do afilhado da minha visinha encantadora. Um aperto de mão do *Alves*."

FILHA DE ARAQUEN (Parahyba do Norte) — A sua carta comporta dois generos de resposta: ou uma resposta longa, com caracter de polemica, ou muito synthetica, resumindo apenas o que é necessario dizer.

Prefiro este caminho: o mais curto.

Assim:

A) — V. ex. sabe escrever. Os seus trabalhos são bem elaborados;

B) — Resentem-se, no emtanto, de pequenos senões e certos modismos e maneiras literarias, accentuadamente regionaes, perfeitamente tipicas. Um pouco de estudo, de conhecimentos dos bons autores e de convivencia nos meios de grande civilização, como o Rio e outras cidades, concorrerão para que v. ex. se aperfeiçõe e torne uma escriptora de mérito. Por emquanto, ainda reflecte muito o espirito acanhado do seu ambiente literario e social. Desculpe a franqueza.

C) — Enviar-lhe-ei a minha photographia, como pede.

A. N. (Capital) — Ultimamente, tenho recebido muita cartinha aggressiva. De muitas eu sei bem qual a origem. São "cartas anonymas"... de vingativas e abominaveis de criaturas que já me quizeram bem e, hoje, se servem do anonymato para me achincalhar, descompor-me, insultar-me e negar-me tudo. (Escrevo isso com profunda amargura e uma decepção dolorosa). De modo, que a sua carta de franca sympathia e de amizade espontanea, é um consolo e um desafogo.

Tenho, assim, desejo de que todo o mundo a leia e commente.

Eil-a, pois, sem tirar nem pôr:

"Exmo. Sr. Dr. Bastos Portela! Antes de mais nada, desejo apresentar-lhe meus votos de felicidade. Uma fecilicidade que não limito, como alguem, "amor bem grande de uma mulhér bonita".

Como sou liberal auguro-lhe o amor de pelo menos, uma duzia de "bôas" mulhéres.

Sim. Porque passar o anno todo gradado a uma unica saia déve ser uma coisa bem divérsa da felicidade...

Alem disso rógo ás musas que sejam comedidas nos seus amores para que os bastardos não o venham irritar...

Ha ainda outro fim para esta carta. E' agradecer-lhe. O mesmo que, nas minhas missivas (haverá um sinonimo de carta menos pedante que missiva, epistola etc?). V. Exa. sempre encontra. E isso graças a sua amabilidade, acolhendo, nas paginas gloriósas de Fon-Fon os meus modéstos trabalhos.

Quanto a sinceridade de minha carta precedente, V. Exa. póde crêr nela. E, houvesse ocasião, eu lhe contraria de viva vóz umas "historietas sociaes" em que ha poesias, mulhéres elegantes e maridos ciumentos...

Gostaria de acrescentar aqui a minha opinião sobre "Azul e Rósa". Ha uns quatro dias acabei de le-lo. Mas, esta carta já vai longa. E assim, é melhór deixar minha opinião para a próxima em que, espero, poderei tambem agradecer-lhe a publicação dos trabalhos inclusos hoje.

De V. Exa. o cr. ato. obr. — A. N."

(Continúa na pag. seguinte)

MADELON (3) — Olá, D. Madelon! Eu devo ser segundo o seu juizo, um cavalheiro sincero. Justamente o que v. ex. não é... Pois não é certo que não assigna a sua carta, senão com pseudonymo?

Mas não! Isso não é falta de sinceridade. é falta de confiança... em mim... o homem que lhe parece sincero... Imagine si eu o não fosse! Leiamos a sua missiva gentil:

"Itabuna 10 de Janeiro de 1934. Prezado Yves. Um optimo anno cheio de venturas e de muitas felicidades, sinceramente lhe deseja, esta sua nova amiguinha.

Yves, ha pouco tempo que o conheço, por intermedio do Fon-Fon, esta revista que aprecio muitissimo e da qual sou leitora muito assidua. Não obstante, a minha admiração por você, cresce dia a dia, e cada vez que leio qualquer cousa escripta por você, o admiro mais.

Adoro a sua franqueza. E' tão difficil encontrarmos hoje em dia, alguem que seja incapaz de falar uma mentira! Não o conheço pessoalmente, no entanto, pela sua maneira de escrever, advinho-o com um caracter tão leal, que affirmo ser você incapaz de mentir. Acho isto tão difficil nos homens Yves! Elles como que sentem verdadeiro prazer em contar mentiras, creio que com o unico fito de se divertirem. Pelo menos todos os que eu conheço, julgo assim, de modo que ao advinihar em você um caracter sincero, me surprehendi bastante, e por isso, o imagino uma excepção.

Ainda não tive o prazer de ler os livros escriptos por você. Já mandei buscar *Suave Enleio* e *Azul e Rosa*; estou anciosa que cheguem afim de poder deliciar-me lendo-os.

Não sou literata, nem tenho pretensões a isso, no entanto, admiro os bons escriptores e venero os poetas, e como você é optimo escriptor e poeta, terei muito prazer em ler os seus livros.

Bem Yves, vou pedir-lhe um favorsinho. Poderá você conceder-m'o? Se assim fizer, ficarei muito contente. Desejo que você diga pelo "Fon-Fon", o que pela calligraphia você descobriu moral e physicamente desta bahianasinha que o admira muitissimo. Perdoe a minha audacia escrevendo-lhe, e procure no seu coração bondoso e franco, um logarsinho para a sua menor e mais humilde amiguinha. —*Madelon.*"

Como vê, eu faço como peixe "sabido"... Como a isca e deixo o anzol... limpo. Quer dizer, fico com os sesu elogios... e não faço a sua graphologia...

Mas fóra de brincadeira. Não

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

attendo o seu pedido, porque resolvi só fazer estudo de letras de pessôas das minhas relações ou que me procuram pessoalmente. A não ser assim, eu mando os consulentes para as secções graphologicas dos jornaes.

De resto, para a graphologia, é necessario:

1o. — escrever ao menos vinte a trinta linhas em papel de linho, sem pauta;

2o. — o assumpto deve ser o de uma carta, pensada na occasião;

3o. — a carta deve trazer a assignatura verdadeira e completa do autor da missiva. Não porque o graphologo deseje saber o bello nome da pessoa que escreve e corra o risco de ficar maravilhado a vida inteira, com isso — mas, porque, na assignatura se reunem signaes importantes para o graphologo.

Exemplo: a assignatura terminava com um traço longo e enroscado tem um valor: indica habilidade manual, espirito de intriga, alma complicada, etc; a que traz um traço reto e forte por baixo, mostra a pessôa altiva, que pensa em si, antes de tudo e quer estar sempre no alto, em primeiro plano. A assignatura simples, que não traz nenhum traço, é a das pessôas simples, sem personalidade definida e, em muitos casos, dissimulada até á hypocrisia.

Como vê, a assignatura é imprescindivel ao estudo da graphologia. Não é, como pensam muitos leitores, uma simples curiosidade do graphologo. Porque, a este, pouco adeanta saber que a leitora de Cafundó das Pulgas, se chame Maria Rosa, Carolina ou Ignez — cujo amor o não satisfez... como na canção carnavalesca...

Ha leitoras que o graphologo jamais encontrará na sua vida e jamais as identificará — uma vez que ella, revelando ou não, a sua identidade, continúa a ser para elle, uma "illustre desconhecida"...

OPARA (Alagôas) — *Opára* é o seu pseudonymo. E que vontade de tentar um trocadilho: — *Oh! pára*, poeta! Para com esse martirologio de versos mais ou menos chinfrins...

Mas, eu não quero causar *sensação* ás leitoras bonitas do "Saibam todos" com um trocadilho perverso, que dá margem para que o feitiço vire contra o feiticeiro... Ellas tambem poderão exclamar: "Oh! pára com isso, Yves, e *que para o seu Opára!*" Mas, si ellas fizessem esse trocadilho infame, eu só voltaria aqui armado de *gaz lacrimejante*... ou *gaz hilariante*...

Mas ha de ser uma delicia ler a sua cartinha literaria. Dois pontos:

"Illustre Ives. Saudações. Ha cerca de seis mezes tive a veleidade de dirigir-lhe uma carta, junto á qual enviei uns versos de minha autoria. Não tive, no entanto, a sorte de ve-los publicados, ou pelo menos criticados na sua secção "Saibam todos...". Naturalmente que se extraviaram no correio, juntamente com a carta.

Agora, passados muitos mezes, nova carta lhe faço com, tambem, outros versos de minha pena.

Conheço sua maneira de tratar os máos poetas. E acho justo esse tratamento. Os máos poetas merecem... forca. Reconheço. Mas sou filho do norte. Tenho ante minha vista a corrente admiravel do S. Francisco. Em meu sangue corre seiva de poeta. Meu avô foi, ha 50 annos, um poeta que honrou sua terra. Meu tio foi agraciado pela poesia. E eu, pensando possuir um tanto dessa seiva de que falei acima, faço versos. Posso não concorrer aos bons. Mas tento alguma coisa. E dessa alguma coisa, lhe estou enviando uma amostra. Sei que sua pena é cruel para os máos poetas. Eu sou um desses. Quero sua critica. Si me acha com capacidade para vencer, é porque a tenho. Você é imparcial. Sua palavra me definirá. Sou poeta, ou não o sou.

Para fins de resposta, pelas columnas de "Fon-Fon, assinar-me-ei "Opára".

Si meus versos merecerem publicação na estimada revista de Gustavo Barroso, então assinarei com a firma que vai junto aos versos. Muito grato, sou seu admirador. — *Opára.*"

Seu Opára, o seu poema *A Vida* é coisa muito sediça. Mas, passa... incolume... pela "cesta"...

WALDO (S. Paulo) — Sim, caro poeta. A sua collaboração será publicada. Mas tudo depende só de espaço.

Paciencia, e obrigado pelas suas palavras amaveis.

BAUDELAIRE (Capital) — Não é porque o sr. se refira de modo acre á minha ironia pauperrima, que começo por assignalar o seguinte: não sou critico literario. Faltam-me credenciaes para tanto... Sou, quando muito, um "fiscal" literario do "Fon-Fon"... Fiscal ou porteiro, eu só deixo entrar aqui os individuos consideradados intellectualmente capazes.

Mas si eu não sou critico, o sr. tambem está longe de ser um Baudelaire... E isso porque, o bizarro creador das "Flores do Mal" era um artista perfeito. E o sr. é um poeta secundario, com merecimento, é verdade, mas, desgraçadamente, imperfeito. E não o digo por *parti pris* ou por accentuar preferencias literarias...

Não sou passadista exaggerado; não sou escravo da fórma; mas acho que o verso classico ou obedece aos canones da poesia classica, ou deixa de ter esse nome. Não comprehendo, por exemplo, um soneto com versos claudicantes. Perdôo, no emtanto, certas liberdades, certas ousadias, dentro das linhas plasticas da fórma libertaria, da poesia modernista, dita reaccionaria, porque acho que, em arte, não ha nada de imutavel.

Um Rodin tem o direito de ser um Rodin, como um Phidias tinha o direito de ser um Phidias. Cada um, porém, dentro dos seus canones e dos seus preceitos artisticos.

Mas o criterio de muitos não é esse. Um poeta modernista se serve da polimetria poetica, da arithmia do verso como um sujeito que vestisse um terno pelo figurino de 1934 e a gravata, o collarinho e o chapéu pelo de 1834. Coisas de um seculo e coisas de outro...

E' cretinismo. Não está certo. Para se apreender bem o sentido da minha resposta, talvez um tanto energica, leiamos, antes, a sua carta.

"Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1934. Yves. Se não outra coisa.

— Esse tenor me faz lembrar Ricardo Strauss.
— Mas, Strauss não era tenor!
— Nem esse tambem o é...

pelo menos a consagração fez de você um critico procurado por quantos desejam uma opinião sem as lisonjas futeis dos amigos ou a hipocrisia dos homens de sociedade. E' que você é franco, e em certas occasiões o que se deseja obretudo é a franqueza. Eis ahi porque lhe procurei.

Por não conhecer suas idéas ou suas tendencias, suas sympathias ou suas admirações, receio encontrar em você um parnasiano passadista e intransigente ou um puritano piégas (minto: isto eu sei que você não é...) ou ainda um amante da rethorica balofa, um escravo da Fórma, emfim, que por essa razão queira me ridicularizar com sua ironia, muita vez pauperrima. (Vê você que tambem sou franco...)

Mas, gosto das coisas syntheticas. Resumamos, pois. Desejaria que você me dissesse algo sobre este trabalho. Que você seja sevéro, que seja o *diabo* que queira, mas que se coloque num ponto de vista o mais objectivo que lhe for possivel.

E mais: não me faça comprar muitos numeros do Fon-Fon para conseguir isto. Seja breve, pois minha bolsa... é de literato brasileiro.

Obrigado. — *Baudelaire.*"

(*Continúa na pag. seguinte*)

Muito bem. Veja agora as minhas razões: ha no seu poemeto — de grande fundo, justiça se lhe faça — versos intoleraveis. Exemplo:

Dizei-me agora, oh puristas beatos,
onde ha mais honra para a huma-
[nidade...

O primeiro, sendo classico, está aleijado. (O vocativo *oh puristas!* pede *ó* sem *h*). O segundo está perfeito. Mas, a desharmonia entre um e outro, é evidente.

Como vê, não sou um escravo da Forma. Sou escravo do Bom Gosto, da Esthetica, da Elegancia, da bôa Arte.

Entretanto, poeta Baudelaire de faiança, o seu poema *Origens*, passa muito bem — desde que concerte aquelle verso detestavel.

E não veja nisso uma "...ironia pauperrima"... Veja franqueza e a coragem de fazer justiça... que que é o "cavallo de batalha" da covardia de muita gente...

GAUCHITA (Capital) — Muito bem. Eu gosto das gaúchas. Não sei porque, ha um fundo de sinceridade incorrectivel na alma das bellas filhas dos pampas. Mas, que medo que v. ex. seja uma excepção — e minta como as suas outras irmãs de sexo...

Em todo caso, si v. ex. é mentirosa, como certa *gauchita* que conheci é favor não me mentir... pelo menos, desta vez...

Bem. Agora vamos á sua missiva enigmatica...

"Caro Yves. O motivo que me fez vir a tua presença é tão differente dos que te custumam escrever, que não sei na verdade se serei feliz.

Ha muito que venho acompanhando as tuas entrevistas no "Fon-Fon" nas quaes deixas perceber o teu espirito fino de homem intelligente, por vezes ironico quando o merecem, mas em grande parte de uma paciencia fora do commum, e é para este ultimo predicado que appello para commigo. Vou contar-te em poucas linhas uma historia: era uma vez uma menina que cahiu em um mar muito fundo chamado "Ignorancia", ella que percebera o perigo e era ainda joven começou a bradar por soccorro mas infelizmente não havia nas immediações ninguem para soccorrel-a, já estava exhausta, desanimada quando derepente surge ao longe uma embarcação guiada, por um pescador muito bondoso que já havia salvo muitas almas e a náu já estava repleta, (tinha me esquecido de contar-te que o barqueiro por casualidade possuia o teu nome); mas... oh! me esqueci do fim não me lembro se o pescador quiz salvar a naufraga, eu se fosse elle a salvaria, e tu Yves o que farias?

Desculpes por começar uma historia e não sabel-a terminar, mas por acaso se souberes o fim... e quizeres me contar não sei como agradecer-te.

Espero que me comprehendas — Gauchita."

Resposta:

Eu salvaria a naufraga, si estivesse nestes casos:

A) — si fosse bonita;

B) — si no barco houvesse um logarzinho e a moça não fosse gorda;

C) — si não fosse feia nem tivesse passado da casa dos "inta" (30, — trinta...)

D) — si não fosse literata, nem poetisa...

E) — si não fosse dessas creaturas platonicas que amam pelo telephone...

F) — si não falasse muito em dinheiro... (E' que eu sou prompto"...)

G) — si não comesse cosido á portugueza e feijoada á brasileira...

H) — si não mentisse... pouco... (A mulher ideal é a que mente... muito. Prefiro as que dizem que são mentirosas... Dessas, eu me defendo... Tenho medo é das que juram que são sinceras... Uma mulher sincera é uma praga... E' como o typho: devemos andar prevenidos contra ella...)

Yves

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

— E que disse teu filho, quando se viu obrigado a beijar a sogra?
— Nada, absolutamente. E' daquelles a quem o terror emmudece...

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

FON-FON — 10-2-934

Data da consulta..........

Nome da consulente..........

....

OS GRANDES PREMIOS LITERARIOS DE PARIS

Roland Dorgelès, presidente da Academia Goncourt.

Goncourt, Theophraste Renaudot e Femina. — O desinteresse do publico e a protecção aos editores. — Descaves e a morte dos Goncourts.

POR BRICIO DE ABREU

(Correspondente do FON-FON em Paris).

Charles Braibant, autor de «Le Roi Dort» premio Theophraste Renaudot.

A ultima semana foi cheia, em novidades literarias. Paris viveu horas de enthusiasmo e de desillusões amargas com a distribuição dos premios literarios do anno, que, em grande parte, constituiram uma decepção e mais um passo no descredito que vem cercando a famosa Academia Goncourt. De facto, como bem disse Jean Vigueau, de alguns annos para cá, a falta de uma analyse séria e de uma escolha rigorosa tem feito dos laureados Goncourts celebridades que duram dois mezes, e nenhum desses laureados, mesmo aquelles que o foram ha 10 annos, souberam guardar a popularidade e o renome que os Goncourts lhe quizeram dar, o que prova o "immerecido" do titulo e a ligeireza da escolha. Jornaes existem que chegaram a insinuar que o desejo de agradar, ou melhor, favorecer, um editor, tem sido maior do que o de incentivar um novo, como foi desejo dos Goncourts ao instituirem o celebre premio. O que é certo é que o publico vae, pouco a pouco, perdendo a "fé" na deliberação dos Goncourts, e desde o anno passado isso já se tem feito sentir de maneira bem significativa. "*Voyage au bout de la nuit*", de Celine, premio Theophraste Renaudot do anno passado, alcançou uma tiragem de 280 mil edições, emquanto que "*Les Loups*", de Guy Mezaline, premio Gongourt, mal chegava a 100. Este anno, o eleito foi André Malraux, com "*La condition humaine*", emquanto "*Le Roi Dort*", de Charles Braibant, obtinha o Theophraste Renaudot, cujo successo ultrapassou ao do seu antecessor, com mais de 300 mil edições, emquanto Malraux ainda se encontra na 140.ª mil edição. Aliás a inferioridade e o desprestigio do Premio Goncourt mais se accentuou com o escandalo produzido por um dos membros mais notaveis da Academia, Lucien Descaves. Homem de uma probridade literaria absoluta, achando que os seus pares, em seus julgamentos, não obedeciam aos designios formulados pelos irmãos Goncourts e, no intuito de evitar um escandalo que só traria maleficios á Academia, resolveu abandonál-a, não comparecendo ás suas reuniões e não votando. Isso durou 8 annos, quando Roland Dorgelès resolveu ir buscál-o novamente para o seio da Academia, o que obteve depois de longas *démarches*. Antes não o tivesse feito! No anno passado, depois de tão longa ausencia, veiu elle ao almoço, o celebre almoço para a decisão final do premio, no restaurante da "Place Gaillon", de onde sahiu revoltado, lançando pelos jornaes um protesto pela maneira como seus pares destribuiram o premio. Esse protesto teve grande repercussão e produziu um rude golpe no prestigio e no renome dos Goncourts, que não ousaram responder ao velho Descaves, cujo prestigio nos circulos literarios mundiaes é enorme. O que é certo é que, não ousando responder ao velho mestre, os Goncourts acceitaram a reprimenda que lhes trouxe uma desvalorização enorme no credito publico e, no emtanto, não serviu ella de emenda, porque a escolha de "*La condition humaine*" tem sido acerbamente criticada em Paris, emquanto "*Le Roi Dort*", de Braibant, que é um livro admiravel, forte, escripto em estylo energico e de uma clareza absoluta, obtem um grande exito.

Com o insuccesso deste anno, veremos se os Goncourts abandonam a chamada "politique des Editeurs", no proximo anno. Ha quem acredite nisso... Eu, não. O que é certo é que, se ella continuar... era uma vez os premios Goncourts... Paris 1 - 1 - 34.

BRICIO DE ABREU

O bambú é uma das plantas que crescem com mais rapidez. Em determinadas condições e épocas, crescem até setenta centimetros em vinte e quatro horas. Ha trinta variedades de bambús. A menor não passa de quinze centimetros de altura, ao passo que a maior chega a ter quarenta e cinco metros.

* * *

Os cães de São Bernardo não eram conhecidos até o dia em que Napoleão atravessou os Alpes. Os serviços que esses animaes prestaram ao exercito francez, em tal occasião, chamaram para elles a attenção do mundo.

* * *

Em Londres, experimentou-se o emprego de mulheres cégas na profissão de massagistas pois é considerada enorme a sua capacidade de tacto, ligeireza e suavidade nos movimentos sobre as pessôas que gozam do sentido da vista.

* * *

Segundo informações estatisticas, a paiz que tem menos medicos, é a Russia. Lá, existem, apenas, oito medicos para cada cem mil habitantes. Essa cifra contrasta com a Inglaterra, onde, para o mesmo numero de habitantes, ha cento e oitenta medicos.

* * *

As côres têm grande influencia sobre o nosso estado de saúde. Um médico inglez fez uma interessante descoberta: quando se nos apresentam as sete côres do prisma, successivamente, nosso pulso reage de modo differente para cada uma dellas. Bate normalmente

ante a côr preferida, mas se accelera rapidamente em presença dos tons que nos são desagradaveis.

Ha, pois côres que arruinam a nossa saúde, pelo que devemos fugir das que nos são sympathicas.

* * *

A maior epidemia do mundo foi conhecida pelo nome de peste negra, e appareceu na China, no anno de 1334, passando para a India, Persia, Russia, Allemanha, Hespanha, Inglaterra e Noruega.

Só na Europa morreram vinte e cinco milhões de pessôas. Nesse tempo, a Europa tinha uma população de cento e cinco milhões, de maneira que pereceu quasi a quarta parte.

* * *

O Japão é um paiz tão pedregoso, que só uma sexta parte da terra se presta ao cultivo.

* * *

Ha pouco mais de cem annos, entre os camponezes russos, como vestigio de um primitivo estado social, conservava-se o costume do mercado de casamento.

No domingo de Pentecostes, no jardim de verão de São Petersburgo, os rapazes solteiros passeavam entre as filas de moças que se offereciam em casamento.

* * *

Mauric Chevalier começou sua carreira artistica em um café concerto parisiense. Esse café ainda existe, e o seu actual proprietario se aprovita da popularidade do celebre "chansonier" para annunciar que alli teve inicio a carreira do insigne protagonista de "A canção de Paris".

AI! POBRES ILLUSÕES!...

Assalta-me bem fundo uma angustia incontida,
Que me inunda de tédio e a minha vida esfuma;
Vel-as todas passar, luzentes, como numa
Alva luz que deixasse uma estrella abolida...

Oh! minhas illusões!... Em que febre incendida,
Em que anseio, em que dôr, desesperada, em summa,
Em remoinho ella vae, bem como leve pluma,
Minh'alma a se estiolar no turbilhão da vida!...

Mas a renuncia é crime. Hei de buscar a Luz
Suprema da Razão Divina que conduz
Aos páramos da Fé, do Amôr e da Esperança...

Hei de buscal-a, sim, e num psalmo ou num hymno,
Irradial-a através de um canto peregrino,
Descrevendo na terra um arco de alliança!...

WALD. PINHEIRO

A FELICIDADE

ELLA, joven e intelligente, desde cêdo sentira a rudeza da vida. Orphã, quando a mocidade ainda não chegára, foi levada a enfrentar momentos difíceis, tendo como amparo e conforto a sua grande bondade e a extremada adoração áquelles que não chegára a conhecer.

Dedicou-se aos estudos e ao trabalho. A principio, teve momentos de desanimo ante as difficuldades que encontrava no caminho. A seguir, esses mesmos empecilhos eram o incentivo para o proseguimento.

Aprendeu a ter força de vontade, a querer, sem impôr, mas só áquillo que podia obter pela suas proprias forças.

Com o tempo, a sua situação melhorou pouco a pouco. Já não sentia o que era a necessidade. Obtinha, para os seus caprichos, o preciso para mantêl-os. Estava quasi que independente.

Si apenas com a conquista de uma situação de conforto na vida a pessôa pudesse considerar-se feliz, Judith o era.

A felicidade, no emtanto, não é completa quando apenas se obtem uma parte della. Nunca, tambem, ella se completará quando conseguimos a parte que julgamos que unicamente nos falta.

A felicidade é como a perfeição. Quanto mais galgamos os seus altos grãos, mais ella se torna impalpavel e, muitas vezes, inatingivel.

Judith comprehendeu certa vez que lhe faltava parte da felicidade e julgou que essa parte encontraria no amôr, ao qual até então se mostrára esquiva.

Alguns jovens vinham, ha tempos, formando o seu pequeno grupo de admiradores. Uns se distinguiam pelo porte e pela belleza physica; outros lhe pareciam mais perfeitos moral e intellectualmente. A nenhum delles, até então, tinha distinguido com preferencias, mesmo os seus recolhimentos intimos de joven.

Inexperiente nos segredos do coração humano, quiz amar e completar a sua felicidade.

Não escolheu nenhum delles. Recahiu a sua preferencia num joven moreno, que lhe acompanhára apenas duas vezes e com o qual sympathizara.

Deixou que elle se approximasse e facilitou o inicio de palestra, como sempre, banal nos primeiros momentos.

Animado pela acceitação da sua côrte, o joven voltou e passou a ser o eleito do coração de Judith.

Conforme vencêra na vida de mulher de trabalho, agindo com lealdade e franqueza, Judith passou a amar com toda a energia de sua alma virgem de sentimentos dessa especie.

Ary, o joven a quem ella assim se dedicava, não lhe retribuia talvez da mesma fórma.

De inicio, elle viu apenas uma aventura passageira. Mais tarde, a situação se lhe apresentou de outra fórma. A companheira a quem devia amparar seria talvez um amparo para elle. Convinha-lhe essa situação, pois condizia com os seus sentimentos.

E, assim, tudo marchou apparentemente bem, até proximo da hora em que o consorcio iria consagrar um romance que deveria ser de amor.

Mas com esse consorcio é que veiu a desillusão.

Não foi a sonhada felicidade que Judith encontrou.

Algumas gottas de fel turbaram todo o amplo oceano de sua vida.

Contava com um casamento em que reunisse as suas amigas, com que pudesse apresentar-lhes sua casa e, sobretudo, a sua felicidade encarnada no homem que iria ser o seu defensor, o seu arrimo.

Tal não aconteceu. Ary mostrou-lhe a impossibilidade de festas, de uma casa só para elles e do abandono por parte de Judith do trabalho com o producto do qual até então vivia confortavelmente. Disse-lhe que não ganhava o sufficiente para mantêla na mesma situação em que ella vivia. Tornavasse necessario que Judith trabalhasse tambem.

Não era isso que ella esperava.

De Pedro Mattos

Aguardava revelação muito differente: Que o marido lhe quizesse apenas para esposa, impondo-lhe embora uma vida mais modesta.

Ella se resignou e foi morar na casa da sogra.

Acceitou aquella situação como um castigo que impunha a si proprio por não ter ficado satisfeita com a parcella de felicidade que lhe fôra destinada.

Da sua nova familia recebeu as distincções que são dadas a uma intrusa. Vivia como se estivesse em casa de estranhos ou mesmo de inimigos.

Mas o seu temperamento, em extremo forte pelas vicissitudes que tinha passado, supportou esses novos embates.

Emquanto assim agiam is

Emquanto assim agiam os parentes de Ary, este, por sua vez, revelava mais uma parte do seu caracter. Fazia sentir a Judith que o seu ordenado mal dava para as despezas diarias e que ella o devia auxiliar com o esforço do seu trabalho para as despezas de vestuario. Pouco a pouco, essa contribuição de Judith foi augmentando.

Emquanto isso, o dinheiro de Ary desapparecia.

A tal ponto chegou essa situação que, a Judith, ficou o encargo de custear todas as despezas.

A ex-joven cheia de sonhos era então uma encanecida e esfalfada no trabalho ao qual se entregava das primeiras horas da manhã até muito depois do sol ter desapparecido.

Mas, ainda assim, Judith acreditava no amor de Ary.

Certo dia, igual aos outros no calendario do anno, ella teve a decepção completa de tudo. Desfizeram-se os seus sonhos de joven, acabaram-se todas as suas illusões. Soube e verificou que, desde muito, Ary amava outras mulheres e com ellas gastava o que ganhava.

Foi curta a dôr de Judith. Curta por ter sido mortal. Ella desappareceu sem se ter queixado a alguem de que fôra explorada pelo proprio marido.

Essa queixa não foi feita porque a si propria culpava de tudo. Desejára a felicidade, quando já tinha toda a parte que lhe fôra reservada pelo destino.

O ASSALTANTE

De SILVIO GIOVANINETTE

A rua estava deserta, quando nella entrei a cantarolar, sentindo-me bem a caminhar por ella, sob a abobada que formavam as copas das arvores lateraes.

Apreciava o volume dos troncos fortes, suas conformações, e passava a mão, de quando em quando, pela casca grossa de alguma, como para avaliar a qualidade da madeira.

Foi ahi que surgiu, de uma sombra, um sujeito. Era baixinho e vestia um terno côr de cinza. Em dois passos se achava á minha frente:

— Mãos ao alto! — intimou.

Perplexo, sem atinar com a rapidez daquillo, perguntei-lhe:

— Por que?

Seguiu-se um grande silencio. Minha pergunta tinha desconcertado o sujeito. E notei que o revólver, que a principio segurava com decisão e energia, pendia, indecisamente.

Por fim, o homenzinho sempre falou:

— Pergunta por que? Bolas! E a que vem essa pergunta? Não entendeu, por acaso, a minha ordem?

— Quero dizer... — respondi. (E para mim era mais que desagradavel falar com os braços levantados). Quero dizer... que não vejo, não percebo a causa da sua intimação. Mãos ao alto? Bem... mas, com que fim? Para que?

— Cavalheiro — balbuciou o assaltante, com visivel embaraço — para roubar-lhe a carteira. Mesmo porque... é este o costume...

— E' isso! — repliquei. — O costume! Com essa resposta, você se define perfeitamente. Você se define perfeitamente. Você assalta com uma phrase vulgar e estupida, pela simples razão de ser uma phrase em moda... Que coisa bonita! E onde fica a originalidade, a personalidade, a fantasia, a liberdade dos actos humanos?! Falta-lhe tudo isso. Não; eu não protesto contra sua arma, meu amigo: protesto contra sua phrase. Que crê dizer, quando ordena: "Mãos ao alto!"? Uma vulgaridade de fita em série... Nada mais.

"Escute: se o assaltado é um covarde, á simples vista do revólver leva a mão á carteira e a entrega, sem um protesto; neste caso, a intimação é inutil.

"Se, ao contrario, o assaltado é um valente, não leva em conta a ordem, atira-se sobre o ladrão... e tambem nesse caso a intimação de nada serve. Não lhe parece, amigo? Basta um segundo de distracção por parte do malfeitor, para que as mãos do aggredido, levantadas no primeiro momento de surpreza, caiam como dois tacapes... Quer que o demonstre?"

— O senhor é valente? — perguntou o homenzinho, com indisfarçavel temor.

— Não. Tranquillize-se. Sou um covarde... Disse-o por brincadeira...

Lentamente, emquanto avançava no meu discurso, tinha baixado as mãos. O revolver, por sua vez, tinha deixado de apontar para meu peito. O pobrezinho estava apoiado á arvore; a mão pendia para o sólo.

Uma idéa de megalomano passou pela minha cabeça: prender aquelle typo leval-o á delegacia... e vêr, depois, meu nome nos jornaes da manhã, seguido de uma cauda de formosos adjectivos!

Continuei docemente:

— Eis ahi a razão da minha pergunta. Era uma pergunta critica, comprehende? E a critica, demonstra que você não tem originalidade, nem personalidade. Em outras palavras: você é um homem vulgar. E, só por isso, já merece ser enforcado.

O homem ouvia-me attento e reflectia, entre admirado e humilhado.

Era a occasião propicia.

Rapido, tomei-lhe o pulso, retirei-lhe o revolver, apontei-lhe ao peito e gritei:

— Mãos ao alto!

Então, o homenzinho, com voz suave e triste, respondeu:

— Por que?

Era, para mim, uma derrota. Emmudeci, envergonhado.

Por que, effectivamente? Eu tambem havia pronunciado a clássica e inutil phrase? Seria possivel?!

Olhei o homenzinho com cara de imbecil. Sim. Eu tambem tal como elle. Como todos. Um homem vulgar!

Immoveis, ficámos assim, um em frente ao outro.

Por fim, elle me disse:

— Já vê, amigo... Deixe-se de gracejo, agora. Dê-me a carteira!

Humilhado, obedeci.

E fugi daquelle logar, a passos largos.

Cheguei em casa sem a carteira: cincoenta mil réis perdidos estupidamente. Mas, ganhei dez porque numa casa de penhores me deram sessenta pelo revolver do assalante.

INDANTHREN

de resistencia insuperada ao sol
á chuva e ás repetidas lavagens.

Exija a marca registrada

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 6

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1934

Reflexões de um Pierrot

Colombina abriu, surpreza, os grandes olhos irresistiveis sobre uma pequena folha de papel farpeado, onde Pierrot escrevêra, durante a noite insomne, algumas reflexões amorosas, que diziam assim: — O amôr verdadeiro tem expansões inconscientes. Age de olhos fechados. E' feito de abnegação e de sacrificio. •• — Quando o amôr pondera, deixa de ser amôr. A razão, que o preside, é uma força do sentimento. Por isso, raro é o delicto de amôr, que não tem um grande fundo de belleza. •• — O amôr é integro. Só se gradúa, quando se começa a perdêl-o. •• — Nunca se deve perdoar uma desattenção amorosa, que é inconcebivel, quando se ama verdadeiramente. O amôr, sendo absorvente e dominador, não dá tempo a que alguem se alheie á sua força magnetica. •• — No dia em que o amôr se torna reflexivo e ponderado, póde-se-lhe preparar o necrologio. Mas, attente-se em que o elogio deve ser commedido, correspondendo á mediocridade de um sentimento, que não attingiu o esplendor de sua inconsciencia. — •• Ha só duas forças no mundo: a da intelligencia e a do sentimento. Ambas poderosas, mas a segunda infinitamente mais bella. O amôr é ungido desta força e, quasi sempre, uma victima da outra. — •• Quando o amôr tem uma alegria como que instinctiva em face de qualquer objecto, que não lhe seja affim, comece a desconfiar delle. Ha, na sombra, um passado cumplice. — •• Os amantes devem ouvir as advertencias dos seus presentimentos. Quasi sempre se confirmam. Ha uma força telepathica, que approxima os amantes verdadeiros e lhes dá um poder divinatorio, que é um dom inconsciente. •• — Não duvido que haja alguem dotado de uma televisão sentimental, no amôr. Uma completa affinidade amorosa produz esse effeito. A menos que o amôr não seja amôr, mas uma simples extravagancia, ou um ridiculo *sport*.

POVINA CAVALCANTI

DA INTELLIGENCIA FEMININA

A mulher, — por não estar tão frequentemente preoccupada com os problemas e as responsabilidades da vida — póde não ter a mesma capacidade de acção e a mesma agilidade mental, que o homem. A sua intelligencia póde não ser tão creadora nem tão realizadora como a dos nossos irmãos de sexo. Mas, por isso mesmo é muito mais penetrante, mais maleavel, mais esmiuçadora e mais perigosa. Dahi o motivo por que os seus actos repousam sempre no fundamento de uma decisão calculada, prevista, sentida, analizada e bem pesada, — sob todos os seus aspectos.

Emquanto um homem suppõe que uma mulher é apenas capaz de uma attitude — ella, não raro, já assumiu e está executando essa mesma attitude.

Eis por que o "quero" ou o "sim" de uma bôcca feminina é muito mais resoluto, mais firme, mais sincero e mais poderoso do que o de uns labios masculinos.

O homem póde dizer "quero" e "sim", muitas vezes, sem medir as suas consequencias. A mulher, quando os pronuncia, já lhes mediu a extensão. Todos os seus "prós" e "contras".

Ella sabe sempre o que quer, o que sente e o que faz. Nós outros é que nos enganamos com o que ellas dizem que querem, que sentem e que fazem.

DO AMOR

A mulher, quando ama — para chegar ao amor verdadeiro — vae por todos os caminhos que se lhe apresentem. Todos elles lhe servem. Por mais asperos que sejam. A nós é que compete adivinhar qual delles é o que mais lhe agrada ou convém...

Em compensação, quando ella não ama, ou deixa de amar, é como se levantasse, com as suas proprias mãos, — em todos os caminhos e estradas do amor — este aviso prudente: "Transito prohibido". Ou então: "E' prohibida a passagem".

VOCABULARIO

No diccionario feminino, só ha, de facto, duas palavras fundamentaes e decisivas: "Talvez" e "Impossivel". A primeira é a que ella antepõe a todas as circumstancias em que deve deliberar por si mesma, mas não lhe convem dizer "sim", abertamente. A outra — "impossivel" — antecede todos os casos e actos em que ella não se sente bastante decidida a declarar — "não".

CORAGEM E COVARDIA

A mulher apresenta sempre todos os argumentos e razões para evitar aquillo que considera — "um erro". O homem, só depois que commette "esse erro" é que recorre á dialetica dos mesmos argumentos e das mesmas razões, para se defender e se fazer perdoar.

Quer dizer, a mulher mais corajosa e mais caprichosa nunca se defende. Nem confessa que errou. O homem, que é mais covarde, não só confessa que errou, mas tambem se defende...

YVES

Uma egypciana que tem, no emtanto, a graça da folia carioca...

A MULHER CHIC

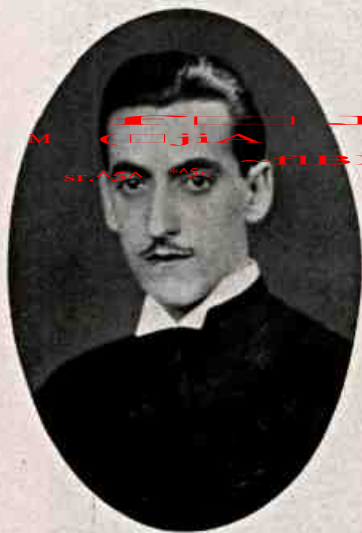
CREAÇÕES JEAN PATOU

Elegante vestido em «mousseline rouge», especialmente confeccionado para madame Champin, que se vê na photographia.

(Especial para FON-FON).

NO ALTO MAGISTERIO MUNICIPAL

A Escola de Professores do Instituto de Educação acaba de enriquecer o seu magnifico quadro de mestres abalisados com a recente designação do dr. Celso Kelly para reger a cadeira de Sociologia, da secção de Psychologia e Sociologia Educacionaes daquelle alto centro educativo. Nome da mais larga projecção nos nossos circulos intellectuaes, Celso Kelly é, tambem, um dos mais devotados e enthusiastas animadores do novo movimento educacional brasileiro. Animador e, tambem, orientador esclarecido e seguro. Sua recente obra, á frente do Departamento de Educação e Iniciação ao trabalho do Estado do Rio, de que ha pouco se afastou, é a melhor affirmação da sua capacidade technica e administrativa. Dahi os applausos com que foi acolhida a feliz escolha do dr. Anisio Teixeira, illustre director geral do Departamento de Educação do Districto Federal, designando-o para a Escola de Professores do Instituto de Educação.

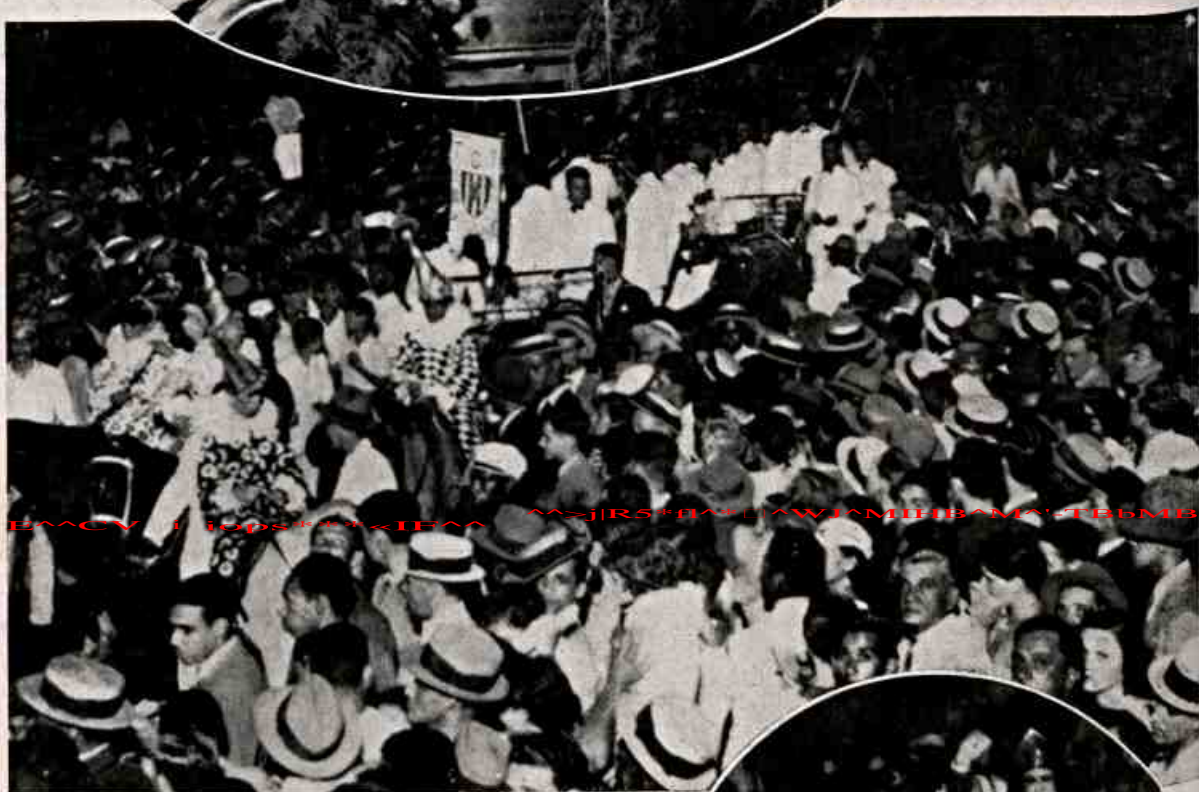
Professor Celso Kelly.

O dr. Altivo Sette pertence á turma de bacharelandos de 1933 da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Brilhante intelligencia da nova geração, fez um curso á altura dos seus meritos.

Concluiu o curso de direito na Faculdade de Nictheroy o dr. Benedicto de Souza Machado, que muito se distinguiu nos bancos academicos, tendo sido o orador de sua turma e um dos seus mais brilhantes elementos.

* * *

Varios doutorandos pertencentes á turma de 1933 da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, ex-alumnos salesianos, reuniram-se, ha dias, num cordial almoço, que lhes offereceu o director do Collegio Santa Rosa, de Nictheroy, para festejar a formatura dos jovens medicos patricios que apparecem no grupo de baixo.

Linda e animada foi a «matinée» infantil que o Tijuca Tennis Club offereceu aos filhos dos seus associados, no ultimo domingo. O gymnasio do apreciado club estava elegantemente adornado, para tal fim, tendo a encantadora tarde-dançante decorrido nesse ambiente puramente carnavalesco, pela sua decoração e pela alegria reinante. A guryzada, das 16 ás 18 horas, se deliciou com as danças, tendo havido, além de outras surprezas, farta distribuição de brinquedos.

Sabbado ultimo, a cidade vibrou de enthusiasmo carnavalesco com a chegada de Rei Momo, o monarcha da Folia e da Troça. A Avenida se transformou num verdadeiro pandemonio, onde esfusiavam as manifestações de alegria e as expressivas canções do carnaval. Rei Momo se acha hospedado no Palacio das Festas, o que significa estarmos, desde sabbado, em pleno reinado da Folia.

FANTASIA

SABBADO de Carnaval... Você vae ver como hoje eu começo a ser feliz. Feliz porque você me prometteu um destino melhor... para o nosso amor. Feliz porque toda a sua ternura me pertence neste sabbado alegre, em que a nossa melancolia tambem quer se vestir de Colombina delirante. Feliz, porque você ha de ser minha desde hoje...

Si nascemos um para o outro, si nos queremos [illegible]damente, por que havemos de prolongar mais esta impaciencia dolorosa que tanta amargura traz ao nosso coração? Si sentimos, inquietamente, os mesmos anseios e a mesma fascinação do amor; si esperamos a mesma fatalidade emocional, por que não apressarmos, então, a hera azul da felicidade?

Sabbado de Carnaval... Meu doce amor, a vida é, tambem, um Carnaval, e os homens e as mulheres são as Colombinas e os Pierrots que se divertem na grande festa da mentira.

Eu e você, que guardamos para nós a sinceridade intangivel dos nossos sentimentos, mentimos para os outros,

O baile de Carnaval do Grajahú Tennis Club, que movimentou brilhantemente, no ultimo sabbado, a pittoresca séde da rua Maquiné, decorreu num ambiente de alta animação, reunindo elementos do maior destaque na sociedade do elegante bairro.

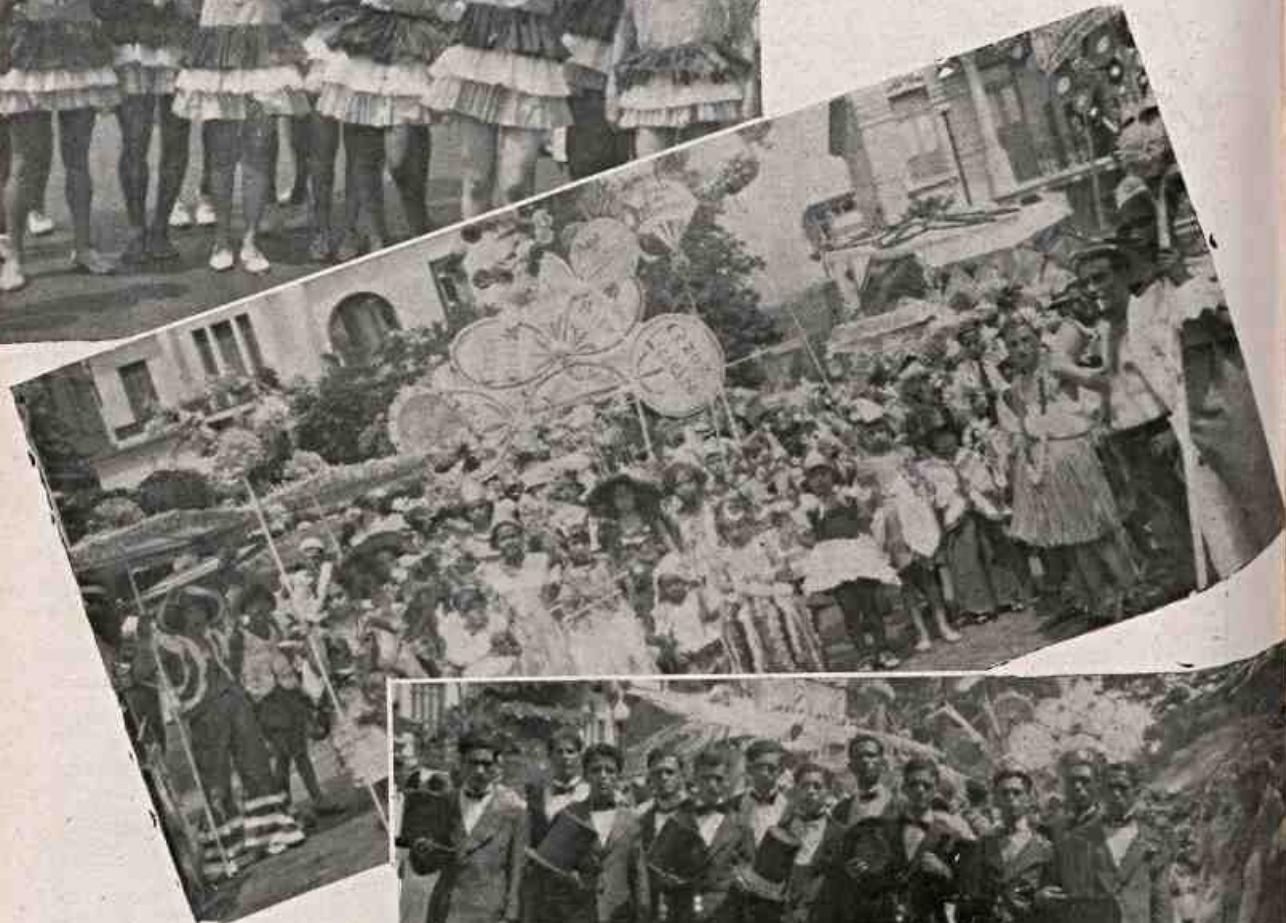
como os mascarados do Carnaval mentem para os foliões que passam.

Continuemos a mentir... Agitando os guizos da nossa apparente alegria — nós, que somos apenas duas almas irmãs que bem tarde se encontraram no caminho da vida — cantemos a gloria da nossa ventura num Carnaval interior capaz de vencer os receios e os escrupulos inuteis da sua hesitação.

Não vacille mais... A felicidade póde fugir... E lembre-se que o amor redime todos os peccados...

MAURO

Tambem esteve lindo e alegre o baile á fantasia que o Club de Regatas Botafogo offereceu, sabbado, aos seus associados, para festejar a chegada de Momo. O «cliché» fixa apenas um detalhe dessa reunião carnavalesca.

O último domingo foi o dia dos banhos de mar á fantasia, que encheram de enthusiasmo carnavalesco as praias cariocas. Em Copacabana e no Flamengo, houve muita animação dentro e fóra dagua. Os foliões aquaticos pintaram o sete com o rei visitante, S. M. Momo, que tambem gosta de banho... de mar... Aqui estão alguns aspectos da praia do Flamengo, durante o banho á fantasia de domingo passado.

feira de vaidades

PRAIA DE COPACABANA

MUDOU o aspecto da cidade da Avenida Rio Branco ao Leblon. O dia luminoso era uma festa estival. Mas em tudo Momo imprimia um toque da sua alegria.

Não se precisava empregar esforço para logo se ver que estávamos, apenas, a oito dias do Carnaval.

O domingo festivo era caracteristicamente carnavalesco, desde o estribilho das canções, cortado, rapido, na passagem dos automoveis, á algazarra das praias, com os seus banhos de mar á fantasia, os seus mascarados vestidos de papel.

E tudo era irresistivelmente alegre na paizagem tropical, scenographica e suggestiva.

* * *

Copacabana amanheceu vestida de verão, com o seu vestido de gaze, melindrosa e gentil, caprichosamente modelado nas officinas do Creador.

O dia todo, a festa polychromica dos chapéos de sol enfeitou a sua praia e abrigou, á sua sombra, os corpos esculpturaes das morenas e das louras deste delicioso paraiso terreal.

Copacabana amanheceu e anoiteceu *coquette*, como eu nunca a vi assim...

* * *

A' tardinha, pareceu-me que toda a cidade foi tomar ares na sua praia. E a pé, ou em automoveis, as moças elegantes, as matronas respeitaveis, os sisudos cavalheiros ou a garotada seculo XX, que faz a vida á moda americana, lá estiveram, rodando no corso ou distraindo-se no *footing*. A Avenida Atlantica encheu-se e a areia da praia coalhou-se de *maillots*, cada qual mais saudavel e attrahente...

* * *

Perdi-me tambem naquelle meio irresistivel. E vi, com os olhos dançando do passeio ás *limousines*, das *terrasses* dos *bars* ao abrigo dos chapéos de praia, dos assentos macios dos *phaetons* ao rythmo dos passos, na ronda suave do *footing*, entre centenas de silhuetas elegantes e finas, a senhora Haydin, a senhora Luciano Crespi, a condessa de Robilant, a senhora Felix Cavalcanti, a senhora Frederico Burlamaqui, a senhora Mario Chagas Doria, a senhora Leonel Gonzaga, a senhora Chermont de Brito, a senhora Octavio do Monte, a senhora Brito e Cunha, a senhora F. P. Carneiro da Cunha, a senhora Mario de Castro, a senhora Annibal Nelson Machado, a senhora Commandante J. Lucena, a senhora Murtinho Nobre, a senhora Dolabella Portella, etc.

* * *

A nota de juventude e alegria era dada pela multidão de senhoritas, que, num bando rumoroso e encantador, completava as bellezas do scenario estival, imprimindo-lhe um toque de adoravel graça humana.

Registrei assim a presença das senhoritas Elza Kastrup, Maria Stella, Liége Gomes, Maria Cecilia Rego, Julita Vieira da Rosa, Romaise e Edla von Buttner, Olga Bergamini de Sá, Rosalita Candido Mendes, Nelly Leite, Heroilia de Carvalho, Lou Amado, Marinetti Bouças, Lucilla Bertulli, Maria Helena Thedin Barreto, Irene Cardoso Moreira, Menininha e Clara Lafayette Stockler, Celia, Flore e Zina Joviano, Eliane Gomes e Sophia Graça Aranha, etc. etc.

O MASCARADO

O carnaval tomara conta da cidade. Uma vigazarra de ensurdecer ia por todos os cantos. O barulho dos reco-recos e dos pandeiros abafava as vozes dos "cordões". Uma loucura collectiva transformara a cidade num immenso manicomio.

Parei no meio da turba allucinada. O estribilho das canções soava de todos os lados.

O typo louro vale um thesouro,
mas perto do moreno
é café pequeno...

Aturdido, andei na multidão, como um homem perdido em terra estranha. Acostumára-me a ver, todos os dias, aquelle logradouro, de gente sempre igual, que até me dava o desejo de falar ás pessoas da rua... Mas, áquella hora, não reconheci ninguém. Todos eram estranhos.

Fui caminhando. Parei numa esquina, adeante. E vi, então, este quadro: Como eu, perplexo, com um espanto nos olhos, estava parado um pobre louco inoffensivo, que os garotos apupavam nos dias normaes.

O idiota trazia ás costas um sacco cheio e na mão um galho verde. O molambo da roupa augmentava a impressão de sua desgraça. A multidão tomou conta delle. E o pobre maluco, sem palavra, foi envolvido pelo povo delirante. Ainda ouvi que gritavam para elle:

— Ahi, hein! Fingindo de doido...

Uma onda de foliões levou-me de roldão.

LUCIANO

AUTOMOVEL CLUB

O baile, que a alta sociedade do Rio promove, segunda-feira de Carnaval, nos salões do Automovel Club do Brasil, promette revestir-se de um desusado esplendor.

Os aristocraticos salões do tradicional club da rua do Passeio fôram decorados a capricho, por eximios artistas. O programma da grande noite carnavalesca contem numeros de muitas surprezas e de irresistiveis novidades.

* * *

O Conselho Consultivo de Turismo resolveu patrocinar essa festa. A lembrança foi a mais feliz, por isso que deverão comparecer á mesma numerosos turistas americanos e inglezes. Nenhum ambiente mais proprio e que mais recommendasse a alta distincção da sociedade carioca do que o do Automovel Club.

* * *

O carnaval é a festa mais brasileira, que possuimos. Expandimos nella toda nossa alma. Esse contacto, pois, da alma brasileira, num ambiente assim de luxo e de requinte, valerá por uma rara opportunidade para nos mostrarmos aos turistas estrangeiros, educados e cavalheiros.

Andou, pois, muito bem o Conselho Consultivo de Turismo dando o prestigio de seu patrocinio a uma festa assim da élite social carioca.

* * *

Segundo ouvi, fôram tomadas todas as mesas, no Automovel Club. Restam poucos ingressos. A folia já tomou, porem, conta da cidade. Agora... é entrar na folia. Evohé!

LUCIANO

FIVE Ó CLOCK

REVIVENDO as suas tradições, o Ponto Chic já preparou o elegante nicho de sua orchestra para delicia dos *habitués* dos seus *five ó clock tea*.

Volta á bonita casa de chá uma sociedade fina, que andou arredia muito tempo.

E de novo, no chá das 5, lá se encontram aquellas inolvidaveis figurinhas, cheias de graça e de encanto, que são o feitiço do Rio.

* * *

Quinta-feira ultima, o *five ó clock tea* foi pretexto para se verem, no Ponto Chic, as senhoritas Alice Abrahão, Diva Jabor, Helena Villar, Orlandina Monteiro, Antonina Jansen Muller, a senhora Candida Silveira Curvello de Mendonça, a senhora Nelson Pinto, a senhora Jorge de Lima, etc.

SOCIAES

COM a gentilissima senhorita Zenith Campos, dilecta filha do illustre casal doutor Renato Campos, vem de contractar casamento o doutor Edmundo Martins, distincto clinico, nesta cidade, e um dos melhores elementos do corpo medico da Assistencia Municipal.

Os noivos têm recebido, por esse justo motivo, numerosos cumprimentos das suas relações de amizade na alta sociedade carioca.

RECEPÇÃO

PASSOU no dia 29 ultimo o anniversario natalicio da senhora Carlos de Paula Barros, *née* Antonietta da Lima Camara. O distincto casal recepcionou, por esse motivo, as suas amizades, reunindo num sarão dançante, no seu artistico villino da rua Jardim Botanico, figuras representativas da sociedade, ás quaes dispensou captivante attenção e gentilezas.

A senhora Paula Barros, por sua finura e por sua esmerada educação, é uma companheira harmoniosa do festejado e brilhante poeta de *Muirakitans*.

RUA DO OUVIDOR

6 horas da tarde. Dia claro ainda. O verão é um perdulario de luz. A rua do Ouvidor é toda uma vitrine illuminada pelo sol. Luz indirecta, como nos dispositivos da illuminação moderna. Luz, que a gente não vê de onde vem... O sol... Onde anda o sol?

* * *

Em roupas leves, vaporosas, a sociedade que veio ao chá da Lallet e da Colombo passa em revoada.

E eu gosto de ver esse bando de passaros polychromicos, soltos e barulhentos, como pardáes. Só os pardáes não se vestem de côres. Tambem as mulheres precisavam ser differentes dos pardáes...

* * *

A cidade está alegre. E a tristeza dos brasileiros? Ha logares-communs na chronica falsa da alma collectiva...

Como a cidade está cheia de gente illustre! E' a hora da intellectualidade feminina. Vão passando: as poetisas Anna Amelia de Q. Carneiro de Mendonça e Henriqueta Lisbôa, a nobre escriptora senhora Iracema Guimarães Villela, Eros Volusia, a grande revelação de bailarina da America, Lásinha Luiz Carlos, Lia Correia Dutra...

A rua do Ouvidor parece uma Academia!

LIDO

CONTINÚA, sensacional, o programma de verão do Lido. Os chás, os jantares dançantes, os appetitivos têm marcado, com pedra branca, as novidades irresistiveis da *season*.

A nata da sociedade do Rio comparece assidua ás reuniões do bello *chalet* normando, prestigiando assim um dos mais nobres esforços da iniciativa particular em prol do turismo brasileiro.

* * *

As espectativas do Carnaval são, neste momento, empolgantes. E o Lido já está lotado para as noites delirantes, com a preferencia da alta sociedade em grande uniforme...

Dê-se á imaginação a liberdade de considerar o que vae ser *aquillo*. Talvez assim a gente possa acertar.

E' do ultimo domingo a lista de presença, que passo a resgistrar:

Senhor e senhora Murtinho Nobre, senhor e senhora Angelo Orasi, senhor e senhora Milanez, senhor e senhora Edson de Carvalho, senhor e senhora Pinto de Moraes, senhor e senhora Bica de Almeida, senhor e senhora Luiz Machado Guimarães, senhor e senhora Luiz Bastos, senhor e senhora Marcos Inglez de Souza, senhor e senhora Plinio Uchôa, senhoritas Vera Tigre de Oliveira, Marina Alves, Helena Garcia, Lucilla Noronha, Maria Cecilia Heitor de Mello, senhor e senhora Cassio Prado, senhorita Martha Bueno, senhora Vasco Leitão da Cunha, senhorita Malvina Dolabella Portella, senhor e senhora José Mattos, senhor e senhora Hargreaves, senhoritas Ruth Lisbôa, Helena Lisbôa, Maria Corrêa, senhor e senhora Ramulpho Bocayuva, senhor e senhora Belfort de Oliveira, senhor e senhora João Alves Filho, senhor e senhora Mauricio Galvão, senhoritas Yolanda Burlamaqui e Regina Tavares, senhor e senhora M. Fontenelle, senhoritas Marina Moscoso, senhor e senhora Oswaldo Ferraz, senhor e senhora Claudio de Andrade, senhor e senhora Leite Garcia e uma multidão tres vezes superior á lotação da casa, composta do que tem o Rio de mais fino e aristocrático.

FLAMENGO

ALCANÇOU um exito sensacional o domingo de banho de mar á fantasia e de batalha de confetti, no Flamengo.

O pedacinho de praia da Avenida Beira Mar dilatou-se para caber tanta gente. E reinou uma animação excepcional.

A' noite, o corso esteve magnifico. O Flamengo brilhou. As pequenas mais endiabradas do mundo vieram nessa noite para a rua. E os homens austeros mascararam a sua circumspecção, ou se fôram embora.

* * *

Lembra-me ter visto as senhoritas Flora e Martha Amysio de Sá, Lourdes Nelson Machado, Ruth Santiago, Elza Pacheco, Maria do Carmo Affonso Penna, Lúcia Lobo, Léa Pinto Machado, Santinha Castello Branco, Maria Helena Roxo, Magdala da Gama Oliveira, Cleo e Jacy Bacellar, etc.

* * *

Em frente ao Hotel Central a animação lembrava as tardes do triduo de Momo á porta do Jockey Club.

E os cordões alli vinham estilizar as suas evoluções coreographicas, emquanto toda gente celebrava as alegrias da noite, fazendo côro:

Lourinha... Lourinha...
Dos olhos claros de crystal!
Desta vez, em vez da moreninha,
Serás a rainha do meu carnaval...

Nessa grupo, distingui as senhoras Elza Machado Baptista, Luciano Lordsleem, Hildebrando de Lima, José Medeiros de Oliveira, Mario Mesquita, etc.

O Flamengo delirava no frevo, como se diz em Pernambuco...

BAILES

SABBADO de carnaval. Folheio o meu caderninho de notas. E leio: bailes, bailes e bailes. A cidade, que anda, ha duas semanas, ensaiando, dia sim, dia não, o seu programma carnavalesco, é empolgada desde hoje pelo delirio coreographico dos bals masqués. *Dir-se-ia que a sociedade toda é uma organização automatica de dançarinos e que a dança é uma funcção de physiologia humana.*

* * *

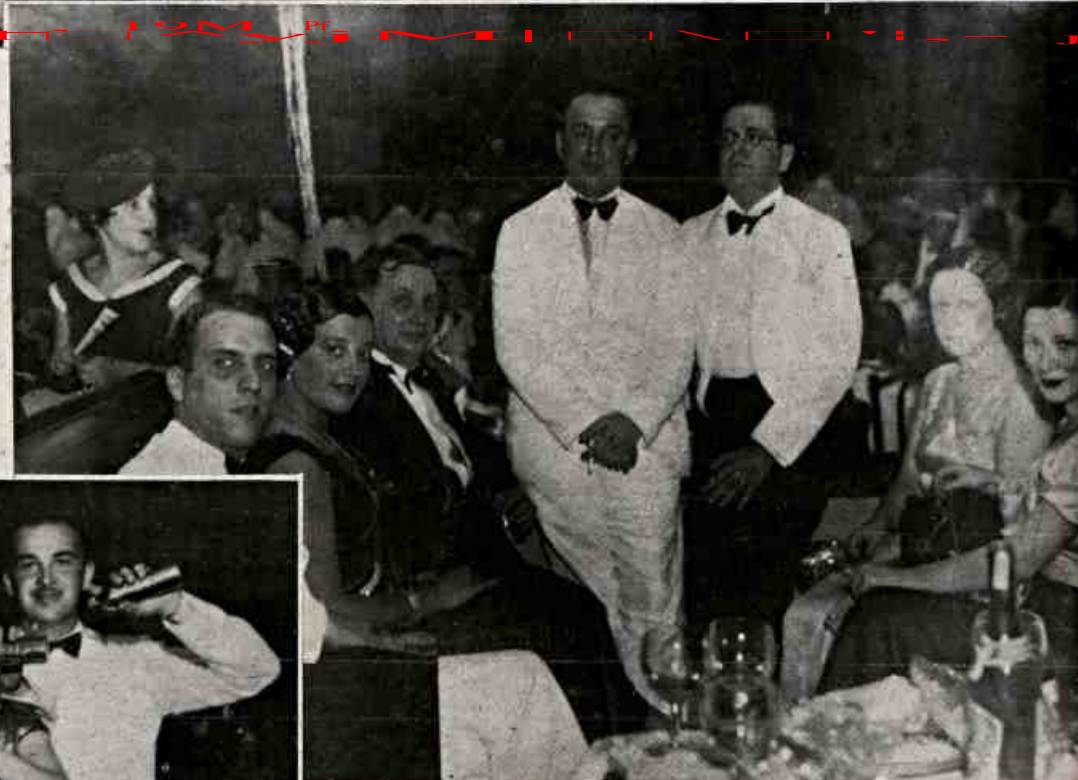
Hoje, o grande baile da sociedade carioca é no Hotel Gloria. Esses bailes dos grandes hoteis são attributos da civilização brasileira. Surgiram depois da guerra. E empolgaram a cidade, que é a namorada mais tentadora dos turistas. O baile desta noite no Gloria deve supprir, em parte, a falta do tradicional baile do Copacabana. Em parte, sim. Porque, em verdade, como o do Copacabana não ha outro ainda, no Rio...

* * *

Os clubs da sociedade carioca abrem seus salões á festa delirante. E dança-se, dança-se, dança-se... O Botafogo, o Tijuca, o Fluminense, o Flamengo... Uma allucinação coreographica. E, na alegria geral, se distilla aquelle residuo de tristeza, que cada um de nós tem no *fundo do coração.*

Carnaval! eu te saúdo! Toma a chave deste hospicio e liga a corrente electrica das victrolas...

LUCIANO

O baile do "Club dos 40"

O baile á fantasia do «Club dos 40», realizado no theatro João Caetano, quinta-feira penultima, foi a primeira grande festa carnavalesca deste mez alegre. Todo um mundo elegante se movimentou dentro do theatro transformado em palacio de Momo. A nossa melhor sociedade prestigiou, galantemente, o baile do «Club dos 40». E ainda figuras destacadas do governo foram levar o seu applauso á bella iniciativa da novel aggremiação social.

Ministros, interventores, etc. Tambem o mundo diplomatico esteve bem representado na linda reunião. Embaixadores, ministros plenipotenciarios, secretarios de legação... Resultou, assim, num successo magnifico, de alto brilho mundano, a festa de Carnaval do dia primeiro, no João Caetano. Successo que marcou, sem duvida, uma victoria expressiva do «Club dos 40». Esta pagina dá uma idéa do que foi, em animação e belleza, o sumptuoso baile.

O theatro João Caetano, depois das festas da gente grande, que tantos encantos apresentaram durante uma semana inteira, se encheu, domingo passado, de novos enthusiasmos carnavalescos, mas bem differentes dos outros, porque mais ingênuos. Foi o Carnaval official da guryzada que se realizou ali, na tarde do dia 4, e que se revestiu de rutilante alegria e de alto brilho.

A Asociação dos Empregados no Commercio recepcionou sabbado, com um bonito baile á fantasia, o rei do Carnaval. Apresenta o nosso «cliché» um flagrante dessa festa dos jovens empregados no commercio.

ESPERANÇA

Estou irremediavelmente integrado no seu destino. Minha vida lhe pertence. Ha uma força irresistivel orientando os meus actos. Uma força que vem de você, meu grande e eterno amor. Uma força que vem dos seus olhos pequeninos, e do seu sorriso luminoso, e da sua ternura infinita...

Vejo-a em toda parte. Sinto, em toda parte, a suave caricia do seu coração. Meu pensamento inquieto acompanha-lhe os passos, numa obsessão que eu mesmo não sei definir. Tudo me fala de você. Até as vozes dos pássaros urbanos, que eu ouço encantado nas manhãs e nas tardes cariocas, lembram harmonias subtis da sua figura esplendente.

Sonho com você quando consigo dormir. E, nas minhas noites insomnes, é ainda você, rainha do meu destino, que povôa, lyricamente, as minhas horas. Não a esqueço um minuto. Não se passa um minuto sem que você esteja presente á minha esperança.

E eu vivo feliz assim. Porque posso pensar em você. Porque posso querêl-a. Porque posso esperar... Esperar a felicidade que você me prometteu...

Mauro

Quatro pequenos foliões da festa infantil carnavalesca do theatro João Caetano. Um casal romantico entre duas bailarinas de saia comprida...

UMA HISTORIA DE AMOR

Tres rapidos episodios de um romance, que durou, apenas, sessenta dias. Depressa a luz se apagou. Extinguiu-se a chamma romantica em dois mezes, que correram rapidos, quasi não deixando vestigios. Aliás, não deixando vestigios materiaes, porque na alma dos personagens da ephemera historia amorosa ficaram duas cicatrizes. Duas cicatrizes sentimentaes.

A historia passou-se assim: Elle e ella são velhos conhecidos. Nada houve jamais entre ambos. Mas, outro dia, viram-se no posto 2, em Copacabana, numa tarde fria. Encontraram-se por acaso. Dada a intimidade existente, fôram juntos tomar um apperitivo. Foi esse o primeiro episodio. Quasi banal. Entretanto, constituiu o ponte de partida para um *flirt* telephonico diario. Ambos se interrogavam, estupefactos! Seria mesmo possivel aquillo? Que insidioso era o amor!... O segundo episodio occorreu precisamente quinze dias depois. Já agora não era Copacabana o scenario eleito para o desenrolar do *film* sentimental. E os dois andavam a arrulhar amores num recanto de floresta muito pittoresco, com uma cascata e passaros cantando...

Agora, o terceiro episodio: romperam os dois. Não se falam mais. E o passado de uma velha e intima amizade ruiu ao sopro de um amor ephemero. Só falta saber como explicarão elles ás familias essa historia, que é, no fundo, a mais humana e menos interessante para o resto do mundo...

O novo embaixador de França junto ao governo brasileiro e a exma. senhora Louis Hermite, que domingo passado chegaram a esta capital, a bordo do «Florida». O illustre casal recebeu expressivas homenagens das nossas autoridades e da sociedade franceza aqui radicada, por occasião de seu desembarque no Rio de Janeiro.

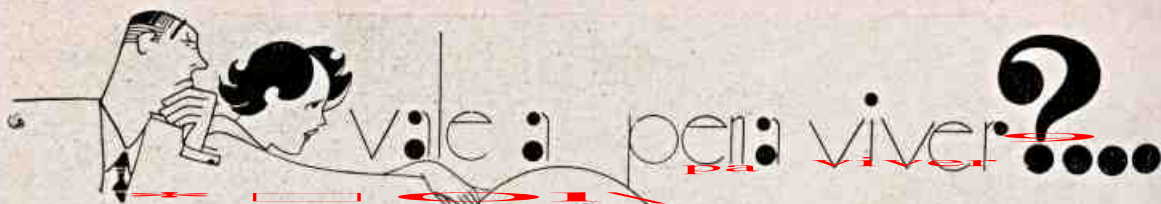
O dr. Adelmo Machado, assistente de pharmacologia da Faculdade de Medicina da Bahia, e figura destacada nos circulos medicos de S. Salvador, está, ha dias, no Rio de Janeiro, em viagem de estudos e de observação scientifica. Daqui, seguirá até S. Paulo, de onde regressará á capital bahiana, para submetter-se ás provas do concurso de livre-docente da Faculdade de Medicina, como candidato de victoria quasi assegurada.

O dr. João Octavio Lobo, illustre tisiologo cearense, com longo tirocinio nos hospitaes de Berlim, acaba de visitar o Rio de Janeiro, em transito para Buenos-Aires, onde pretende fazer uma série de conferencias sobre a sua especialidade. O dr. João Octavio Lobo é professor cathedratico de medicina publica na Faculdade de Direito do Ceará e director do Sanatorio de Messejana.

«FON-FON» EM JUIZ DE FÓRA

Nos salões do Club Juiz de Fóra, na linda cidade mineira, realizou-se um chá-dançante carnavalesco, promovido pela Commissão Pró-Monumento á Princeza Isabel e em beneficio dessa futura obra esculptural. Foi uma festa de brilhante êxito mundano, que reuniu os elementos de maior destaque da sociedade local. O chá foi servido, galantemente, por formosas «vendeuses» pertencentes á «elite» juizdeforana. Esta pagina focaliza dois aspectos da festa carnavalesca e um grupo da commissão promotora, composta das senhoras Dinorah Alves e Darcilia Penido e dos srs. dr. Menelick de Carvalho, prefeito de Juiz de Fóra; Raul de Azevedo, director regional dos Correios e Telegraphos; tenente-coronel dr. Mario Bittencourt e drs. João Bernardino Alves, Fausto Musacchio e Aluizio Penido.

Vale a pena viver?...

A nova enquete de FON-FON

Os systemas philosophicos que, depois do israelita Spinosa, se foram desenvolvendo e espalhando no mundo occidental até o seculo XIX tiveram todos um fundo materialista, mesmo quando se apregoavam idealistas, e apresentaram sempre os mais accentuados caracteristicos analyticos. Elles analysaram o universo, o nosso planeta, o homem e a physionomia interior do homem. Nessa critica continuada, tudo foram despindo, descobrindo, descarnando até que deixaram o individuo inteiramente isolado e enfraquecido no ambiente da vida.

Projectando-se nas manifestações da literatura, sobretudo na poesia, essas philosophias geraram o scepticismo, o pessimismo, o saudozismo, o penumbrismo e outras formas de tristeza e de decadencia. Assistimos ao espectaculo das carpideiras literarias. Todas achavam que era tempo de morrer, que só o passado fôra grande, fôra bello, que nada mais funesto do que o nascimento. Depois seguiram-se os cultores do que se chama ironia e que não passou de desdem da vida.

A Grande Guerra encerrou em sangue esse periodo de desfibramento. E, se nella houve heróes e martyres é que se não haviam perdido de todo, nas camadas do povo, as virtudes ancestraes. Ella abriu a tiros de canhão uma era nova, e este seculo, para as gerações que despontam, é um seculo de luta, mas de optimismo, de fé na victoria.

Procedendo a um inquerito entre as mais altas figuras da vida social e cultural brasileira sobre se vale a pena viver, nós esperamos que as respostas dêem bem a medida do sentimento actual a esse respeito.

VALE A PENA VIVER?

QUIZ Gustavo Barroso incluir-me na lista dos que terão de responder ao inquerito do FON-FON, para apurar se "Vale a pena viver". — O assumpto vai ser elucidado "pelos homens illustres do país", e se em tal companhia me encontro — convem esclarecer, desde logo, — é para o mesmo effeito que se busca, collocando os zeros á direita dos numeros...

Mas não fico querendo mal ao nosso festejado Folklorista, por me interrogar sobre materia em que elle proprio não saberia, talvez, como responder...

E começarei observando que, se nem sempre é facil reunirem-se algumas pessôas com a mesma opinião sobre qualquer assumpto, por menor que seja a sua complexidade, neste caso, a difficuldade vai muito mais longe — variando a opinião do proprio individuo, conforme o estado de seu espirito e a oportunidade em que lhe façam a pergunta.

Foi tendo naturalmente em conta esse embaraço que Gustavo Barroso, fazendo a consulta em nome do FON-FON, observou tratar-se de uma "pergunta ao mesmo tempo simples e complexa".

Ora, simples e complexa são qualidades tidas, não apenas como differentes, mas francamente divergentes ou oppostas, a tal ponto que os mestres da lingua ensinam que simples é o que não é complexo e complexo é o que não é simples. Semelhante associação, pois, na penna de um escriptor que possúe os segredos do idioma, tráe, evidentemente, o sentido da difficuldade do problema.

Antes de qualquer ensaio de resposta, entretanto, sou obrigado a arguir o interrogante de suspeição para julgá-las e apurar o resultado do pleito, protestando pela designação de pessôa imparcial e que não pretenda suggerir opinião preconcebida, como faz o apreciado escriptor de "Terra do Sol", nesta evidente insinuação da propria pergunta: "Vale a pena viver?"

Se Gustavo Barroso considera que a vida é um sacrificio, não tem, por certo, o direito de pretender que outros assim o julguem, o que certamente acontecerá a grande numero de pessôas desejosas de serem agradaveis, como eu, ao illustre homem de letras.

Levantando, como faço, a suspeição e em obediencia, talvez, á fatalidade que me tem feito aggravar as penas da vida com as de viver sempre na opposição... é claro que não devo contribuir com a minha opinião, que não direi, por falsa modestia, desvaliosa, mas ao contrário, de "experiencia feita", para um resultado que considero originariamente prejudicado.

Resolvida a preliminar, não terei dúvida em discretear sobre a magna questão, para emittir, francamente, o meu conceito.

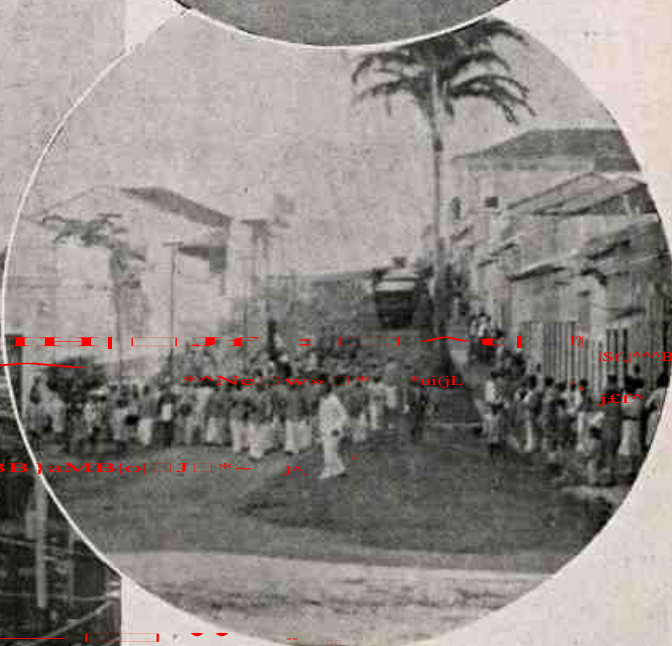
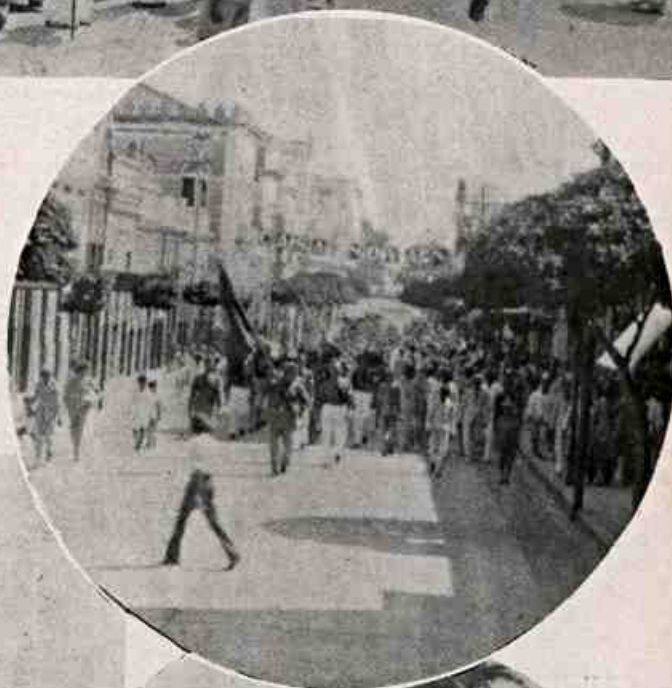
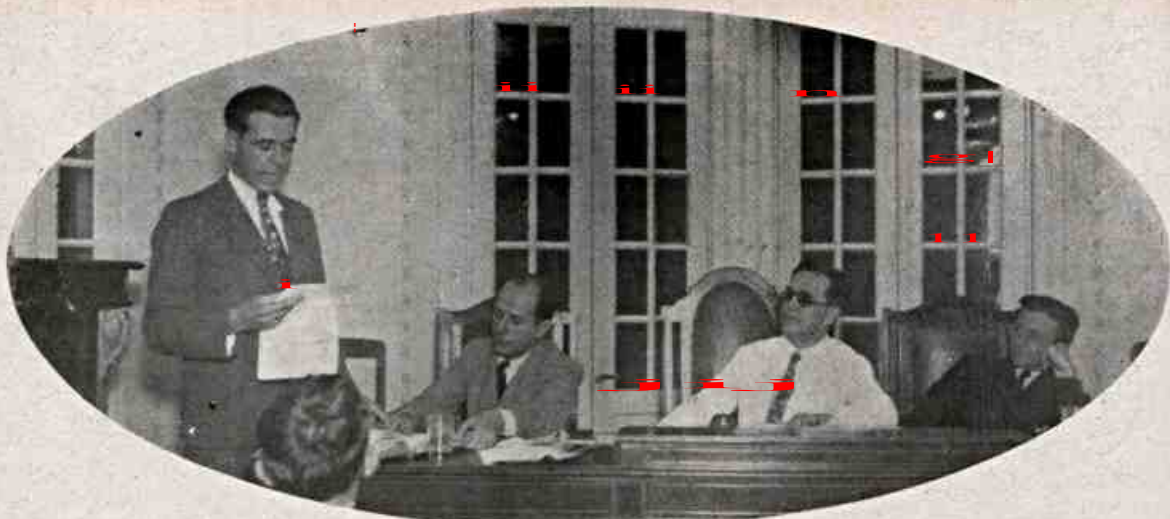
Como não desejo, porém, que os meus escrupulos sejam considerados como evasivas, semelhantes ás que empregam os estudantes quando ignoram o ponto, declaro, antecipadamente, que sobre a pergunta do FON-FON penso, como aliás em tudo mais que se relaciona com a vida, exatamente como o mavioso poeta de "Doloras", que:

> "Y es que en el mundo traidor
> nada hay verdad ni mentira:
> todo es según el color
> del cristal con que se mira."

Salles Filho

A seguir, publicaremos as respostas do publicista F. Carvalho Santos e do deputado Milton Carvalho.

O INTEGRALISMO NO CEARÁ

A milicia integralista cearense prestando homenagem á estatua de José de Alencar, em Fortaleza, e desfilando pela rua Major Facundo e pela praça do Ferreira, naquella capital.

Aspecto de uma formatura de legionarios e milicianos integralistas, na cidade de Maranguape.

O dr. Carlos Osborne, que acaba de regressar dos Estados Unidos, realizou, no dia 1.º do corrente, na séde da Associação Brasileira de Cirurgiões Dentistas, uma interessante conferencia sobre o thema «Algumas feições da vida do povo americano.» Escolhido auditorio ouviu a palavra eloquente do illustre radiologista patricio, que é um dos nomes de maior prestigio da nossa classe médica. O «cliché» apresenta um instantaneo do orador e a mesa que presidiu aos trabalhos da solennidade.

SABEDORIA

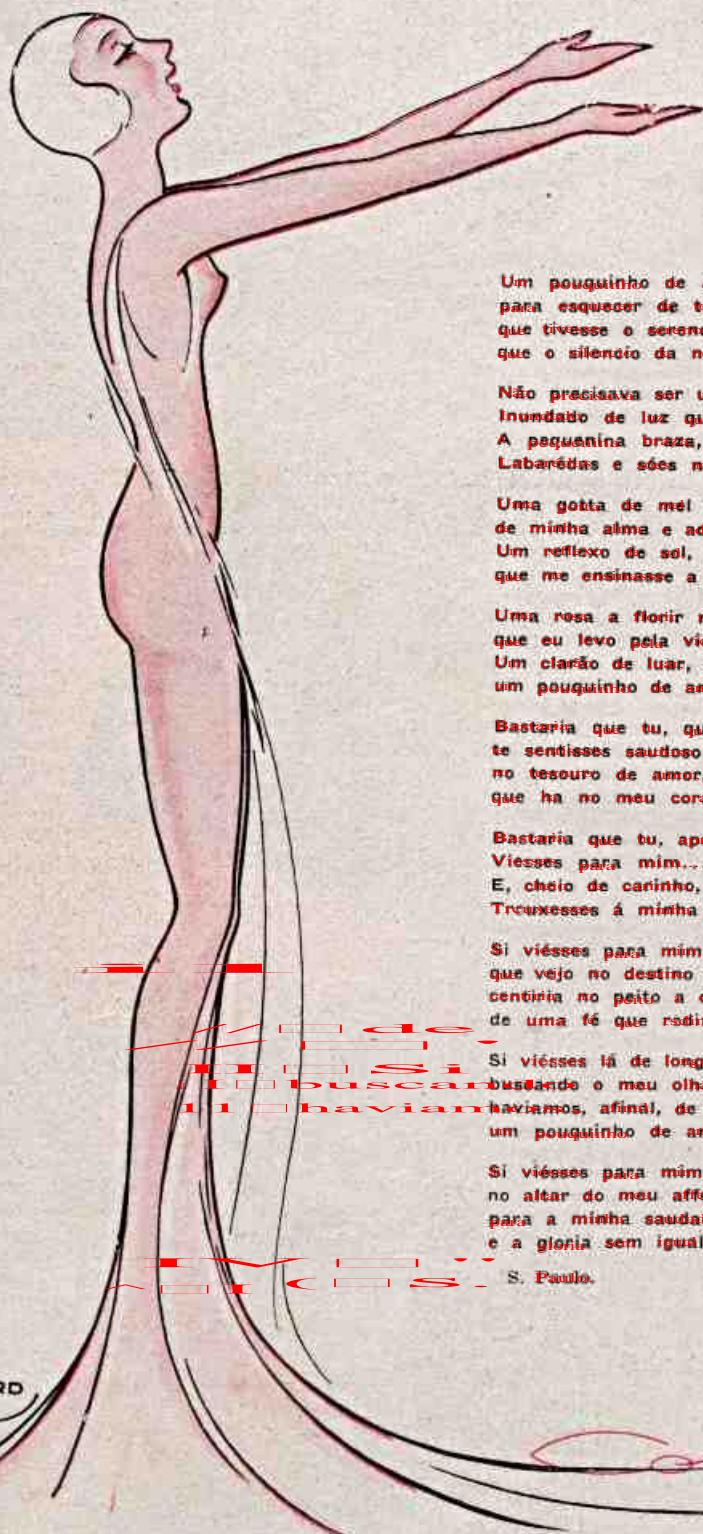
Ninguem no mundo tem necessidade de ornamentos, mas todos precisamos de lealdade.

Não esqueçamos que as coisas mais bellas do mundo são tambem as mais inúteis: o lyrio e o pavão real.

Nada [illegible] entre a natureza e a visão [illegible]rtista; nada entre Deus e a a[illegible] do artista.

RUSKIN

O interventor federal no Estado de Minas Geraes, dr. Benedicto Valladares, por occasião de sua visita á séde da União Mineira, onde foi expressivamente homenageado. Vê-se tambem na photographia, além de outras altas figuras da colonia mineira, o presidente da Assembléa Constituinte, dr. Antonio Carlos.

Em Santos. Grupo tomado por occasião da festa commemorativa do primeiro anniversario da fundação do Campos de Jordão Tennis Club.

Um pouquinho de amor... Tão pouco, que nem désse
para esquecer de todo um outro que passou;
que tivesse o sereno encanto de uma préce,
que o silencio da noite, apenas, escutou.

Não precisava ser um céo de primavera,
Inundado de luz que os tropicos inflamma:
A pequenina braza, ás vezes, tambem géra
Labarédas e sóes no peito de quem ama.

Uma gotta de mel que tirasse o azedume
de minha alma e adoçasse os tristes dias meus;
Um reflexo de sol, uma flôr, um perfume
que me ensinasse a crer na existencia de Deus.

Uma rosa a florir na corôa de espinhos
que eu levo pela vida, eterna torturada;
Um clarão de luar, alvejando os caminhos,
um pouquinho de amor, que é tudo... e não é nada.

Bastaria que tu, que estás tão longe, um dia,
te sentisses saudoso e pensasses, talvez,
no tesouro de amor, de sonho e de poesia,
que ha no meu coração, ajoelhado aos teus pés.

Bastaria que tu, apressando os teus passos,
Viesses para mim... numa tarde como esta...
E, cheio de carinho, abrindo-me os teus braços,
Trouxesses á minha alma o seu dia de festa.

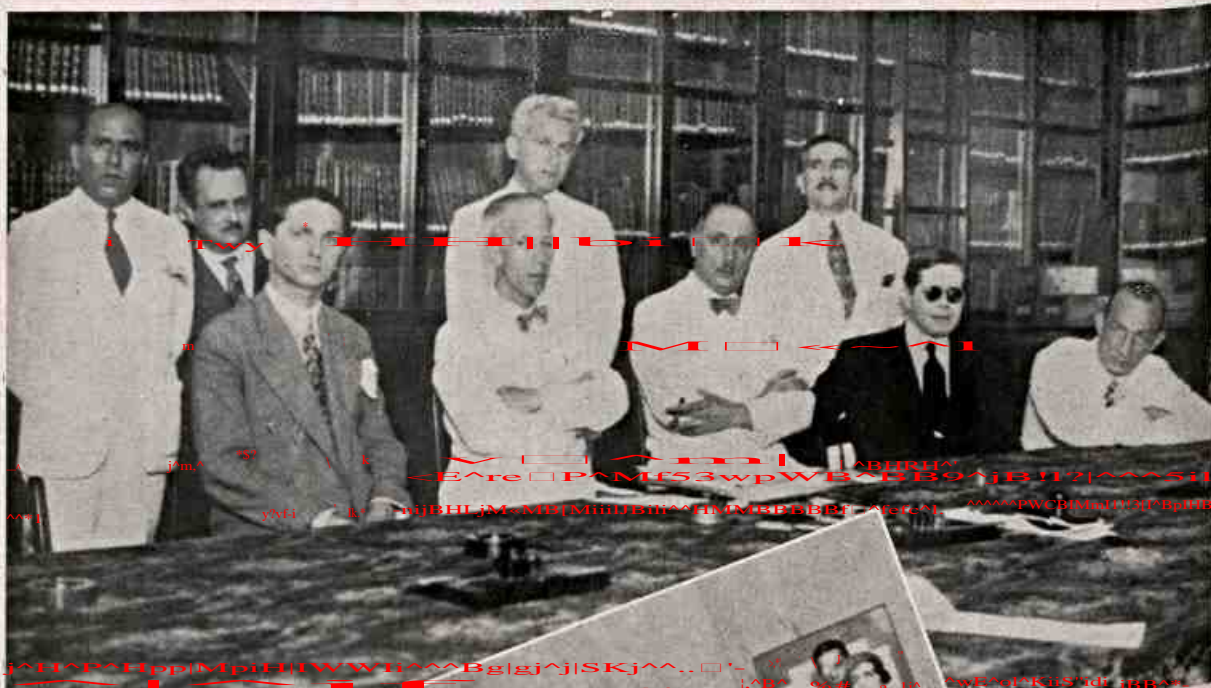
Si viésses para mim, eu, que não creio em nada,
que vejo no destino o meu eterno algoz,
sentiria no peito a chamma abençoada
de uma fé que redime, ouvindo a tua voz...

Si viesses lá de longe, o olhar cançado e triste,
buscando o meu olhar, que tanta magoa encerra,
haviamos, afinal, de acreditar que existe
um pouquinho de amor para nós dois, na terra.

Si viésses para mim, seria a tua vinda,
no altar do meu affecto, o milagre maior;
para a minha saudade a redempção mais linda,
e a gloria sem igual para o meu grande amor!

S. Paulo.

EDGARD

Colombina

Photographia tirada na bibliotheca da Associação Brasileira de Imprensa, por occasião da visita do dr. Aristides Casado, director do Instituto de Previdencia, e do nosso confrade Edison de Oliveira, presidente da Associação Sergipana de Imprensa, á casa dos jornalistas, em dias da ultima semana.

Inaugurou-se na séde da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, o Primeiro Salão de Carnaval, que reune varios trabalhos de arte focalizando motivos e aspectos alegres ou tristes inspirados pela grande mascarada annual. Organizou o Primeiro Salão de Carnaval o pintor Raul Pedroza, que, como presidente do Departamento de Artes Plásticas, propoz a sua realização á Associação dos Artistas Brasileiros. A gravura do centro fixa um detalhe do acto inaugural do Salão de Carnaval.

O consul geral da Lethonia offereceu, ha dias, na séde do consulado, em Copacabana, um «cocktail» á imprensa, tendo ao mesmo comparecido pessoalmente o dr. Herbert Moses, presidente da A. B. I.

Trepações

A loirinha foi a nota bizarra da vida do nosso collega de letras, numa tarde quente, na Avenida.

Um encontro ao acaso, um sorriso lindo, e a boneca consentiu em fazer companhia ao nosso amigo, num encantador *tête-à-tête* numa casa de chá.

Parecia a primeira pagina de um romance, com seguimento de outros capitulos côr de rosa... Uma garota intelligente, viva, que sabia declamar bellos versos e que estremecia ouvindo o poeta, companheiro daquelle acaso feliz. Concertaram novo encontro, para a troca de idéas, de vez que as duas almas se fundiam no desejo de realizar o milagre de um amor cheio de doçura, que não tivesse a duração das rosas de Malherbe...

Mas, parece que a loirinha resolveu impôr ao nosso amigo uma penitencia terrivel — a penitencia da duvida, a da espera que não tem fim. Nem uma palavra pelo telephone, nem a visita de um postal, marcando horas para novo encontro, para um chá, ao cahir da tarde...

Ella não dá signal de vida, e elle, torturado de saudades, debalde busca, na multidão da Avenida, descobrir a silhueta que lhe ficou na retina, para sempre...

A loirinha bem podia dar o ar da sua graça, para o socego do rapaz...

MADAME tem uma accentuada predilecção por tudo quanto é estrangeiro. Não esconde a sua mania; antes, faz questão de ostental-a, para que todos saibam.

Adora os tecidos estrangeiros, os livros, os perfumes e até os homens, de preferencia aos nacionaes...

De quando em quando, uma aventura galante tendo como protagonista um exemplar de outras bandas. Por que?... Mysterio. Ainda ninguem descobriu, ninguem sabe de onde se originou esse *fraco* de *madame*. Talvez o segredo esteja na brandura do temperamento dos seus camaradas, homens de nervos equilibrados, pouco afoitos, incapazes de grandes lances no terreno das affeições amorosas. Afinal, a grande sciencia está em saber a gente se utilizar da amizade de uma mulher, como quem fuma um optimo *havana* ou bebe um delicioso vinho, displicentemente...

E, para tanto, não ha como os estrangeiros que trazem no sangue a complacencia de uma outra civilização, requintada, sabia...

Madame é de circo, e não quer cahir do trapezio...

Faz bem. Naturalmente, os annos que carrega nos hombros lhe ensinaram uma suave maneira de viver a vida. Philosophia pratica, livre de maiores aborrecimentos, sem o perigo das tragedias com tiros e retratos nos jornaes... Mas, será, de facto, que o genero homem nacional esteja definitivamente banido das cogitações de *madame*?... E qual será a sorte reservada ao sympathico official indigena, que ultimamente tem acompanhado *madame* em constantes passeios lá para os lados do Leblon?...

Vamos procurar satisfazer á nossa curiosidade...

Uma «fantasia» commum aos dois sexos...

O casal feliz está sempre de accôrdo. Por isso, já traçaram o programma que vae ser executado durante o carnaval.

Elle embarca no sabbado isto é, hoje, para Therezopolis, onde ficará longe do ruido das festas de Momo...

Officialmente, estará ausente, repousando das fadigas do trabalho, embora o plano esteja bastante desmoralizado no conceito publico. Ella fica no Rio, e, tambem officialmente, deverá comparecer apenas a um grande baile na companhia de um grupo de amigas.

Entretanto, o plano de *madame* é muito outro, segundo informações que tivemos de uma costureira indiscréta... Pelo que pudemos apurar, tanto o carnaval de *madame*, como o *repouso* do marido na serra de Therezopolis, será garantido pelo conhecido capitalista que cultiva esse genero de *sport* extravagante... Trindade magnifica e feliz, que, si não existisse, era preciso, afinal, inventar, para o nosso divertimento neste outro carnaval pitoresco, que é a vida...

VITRINE DE MOMO

Faltam poucas horas para o inicio da amavel dictadura de Momo. O delicioso e jovial tyranno já tilinta os guizos da sua empolgante loucura. A physionomia da cidade está differente. Mas os foliões retardatarios ainda poderão se apresentar fantasiados. Esta pagina offerece varias suggestões para um disfarce de última hora.

ESPECIALISTA EM DIVORCIO

(Peach O' Reno)

Producção da RKO-RADIO -- com Bert Wheeler e Robert Woolsey

AGGIE e Joseph Brune têm um grave attricto no proprio dia em que completam as bodas de prata. Como, a despeito de todas as intervenções conciliatorias, não voltassem á antiga harmonia, partem para o Reno, com o proposito de conseguir o divorcio. Mas as filhas do casal, Prudence e Pansy não se conformam com a decisão adoptada pelos paes. Vão no seu encalço, chegando no Reno na tarde em que eram tomadas as primeiras providencias para o divorcio. Os procuradores dos dois esposos são os mais famosos advogados do Reno, Swift e Wattles. Swift se encarrega do caso de Aggie; Wattles, do de Joe. A causa era rendosissima, offerecendo margem para que os dois advogados obtivessem o máximo dos lucros. Elles já se felicitavam quando succede o imprevisto: ambos são apresentados ás filhas do casal e Swift apaixona-se violentamente pela formosa Pansy e Wattles pela não menos formosa Prudence. As duas moças insistem junto aos advogados para que, ao envez de levarem avante a acção do divorcio, promovam a reconciliação dos paes. Forma-se, destarte, uma situação complicadissima. E como se o caso passional não bastasse, apparece em scena, á ultima hora, um turbulento terrivel de Arizona, chamado Crosby, e que vem eliminar o homem que obtivera o divorcio para a sua esposa. Resta-nos esclarecer que era Wattles o alvo das iras concentradas do justiçador. Crosby ameaça céus e terras, accommettido de verdadeiro furor. Ante a perspectiva que se abre, nada risonha, de um attentado, Wattles esconde-se pressurosamente. Swift attribue a si mesmo as faculdades policiaes e quer prender o ferocissimo Crosby. Graças aos esforços feitos, elles conseguem, afinal, adiar a tempestade. A's seis horas, os dois advogados fazem um passo de magica. Assim é que transformam o escriptorio em que trabalham num verdadeiro casino. As secretarias se transfiguram em mesas de jogo. Os empregados, vestidos a rigor, empunham instrumentos musicaes e constituem orchestras electrizantes. Wattles, sempre com a obcessão de Crosby e para illudir o seu desalmado perseguidor, adopta trajes femininos e começa a dardejar olhares fataes para os circumstantes. Aggie participa da orgia, esquecendo-se da sua soffrivel idade. Joseph deixa-se absorver, tambem, no movimento unanime. Ia a festa em meio, quando apparecem Prudence e Pasy, que, mão grado o ambiente dissoluto, se mantêm numa austeridade deveras impressionante, concitando os paes á reconciliação. Emquanto isso, Wattles, sempre vestido de mulher, vê-se sob o terrivel assedio de Crosby, que se julga o proprio Casanova em pessôa. Succede apenas que, no melhor da festa, a cabelleira do advogado cáe. Crosby descobre o logro e, empunhando um revolver, persegue Wattles a tiros. No dia immediato, realiza-se o julgamento do divorcio pleiteado. Swift faz, commovidamente, a sua ultima petição ao juiz. Ao mesmo tempo, Wattles apparece com um violino, executando suavemente "Hearts and Flowers". A melodia imprevista tem o poder de enternecer o auditorio. O juiz chora. Os jurados soluçam convulsivamente. Ante o espectaculo commovedor, Aggie e Joe desistem do divorcio e, presa da mais santa emoção, cáem nos braços um do outro. Pansy e Swift abraçam-se. Wattles abandona o violino e beija Prudence.

CASINO FLUCTUANTE

Da PARAMOUNT com Cary Grant e Benita Hume

RESOLVIDO a mudar de vida, Ace Corbin, chefe de um bando de meliantes que tem operado em Nova-York, segue para Los Angeles, e em viagem, por casualidade, prende-se de amores por uma rapariga, Leonor La Velle, que é amante de Joe Burke, um garrucheiro da California que alli explora um negocio excuso: elle ancorado ao largo de Los Angeles um navio a que deu o nome de "Casino do Mar", aonde, mediante um bem organizado serviço de lanchas, affluem a todas as horas do dia e da noite os habitantes da cidade para farrear, beber um pouco de whisky ou experimentar as emoções da roleta e do amor.

Quando Ace e Leonor chegam ao termo de sua viagem, nenhum dos dois sequer suspeita que classe de pessôa é o outro.

Leonor, depois que chega a Los Angeles, vê-se obrigada a afastar Corbin, sob o falso pretexto de tratar de uma pessôa da familia, gravemente doente.

O "Casino do Mar" começa a soffrer avultados prejuizos em virtude da concurrencia que lhe move um estabelecimento congenere, o "Palace", dirigido por Pedro Manning, um individuo da mesma laia que Burke. O'Blooey, o homem de confiança deste, desejoso de salvar a empreza e, sabedor de que Ace está em Los Angeles, logo se approxima delle, solicitando-lhe se faça socio de Burke, mas Ace se recusa a acceitar essa proposta, que frustaria o seu proposito de se regenerar.

Entre Manning e Corbin existe uma velha rivalidade, a impulsos da qual o primeiro intima o outro a se retirar de Los Angeles quanto antes. Essa ameaça logra o resultado que Blooey, em representação de Burke, não alcançou, pois Ace se allia aos dois contra o proprietario do "Palace".

O primeiro acto de Ace é afixar no embarcadouro cartazes annunciando que o "Palace" suspendeu o seu serviço de lanchas, e destas se apodera quanto antes, para as fazer viajar entre o porto e o "Casino do Mar", com o que logo este se abarrota de frequentadores e começa a ter avultadas receitas.

Na primeira noite em que, no "Casino do Mar", Ace dirige o movimento, alli vae a sua nunca esquecida companheira de viagem, Leonor, acompanhada de sua amiga Joana Sands, ligada á gente do "Palace". E' a primeira vez que os dois namorados se encontram desde que chegaram, e tambem a primeira vez que têm a revelação do que é realmente cada um delles.

Allucinado com os prejuizos que Corbin lhe está causando, e resolvido a acabar com elle e com toda a gente que o rodeia, Manning toma uma lancha, approxima-se do costado do casino rival e lança uma bomba, cuja explosão produz violento incendio. Todos os que estão no "Casino do Mar" recebem ordem de fugir para terra, e dão-se pressa de obedecer. A bordo apenas fica Leonor, juntamente com Ace e seus auxiliares.

Quando, após ingentes esforços, se consegue dominar o incendio, Corbin, Leonor, Blooey e Burke, sentem que alguem se approxima da camara em que buscavam refugio. Burke sáe a

(Conclue na pag. 55)

NOTAS

** Fredric March vae construir uma nova residencia em Beverly Hills.

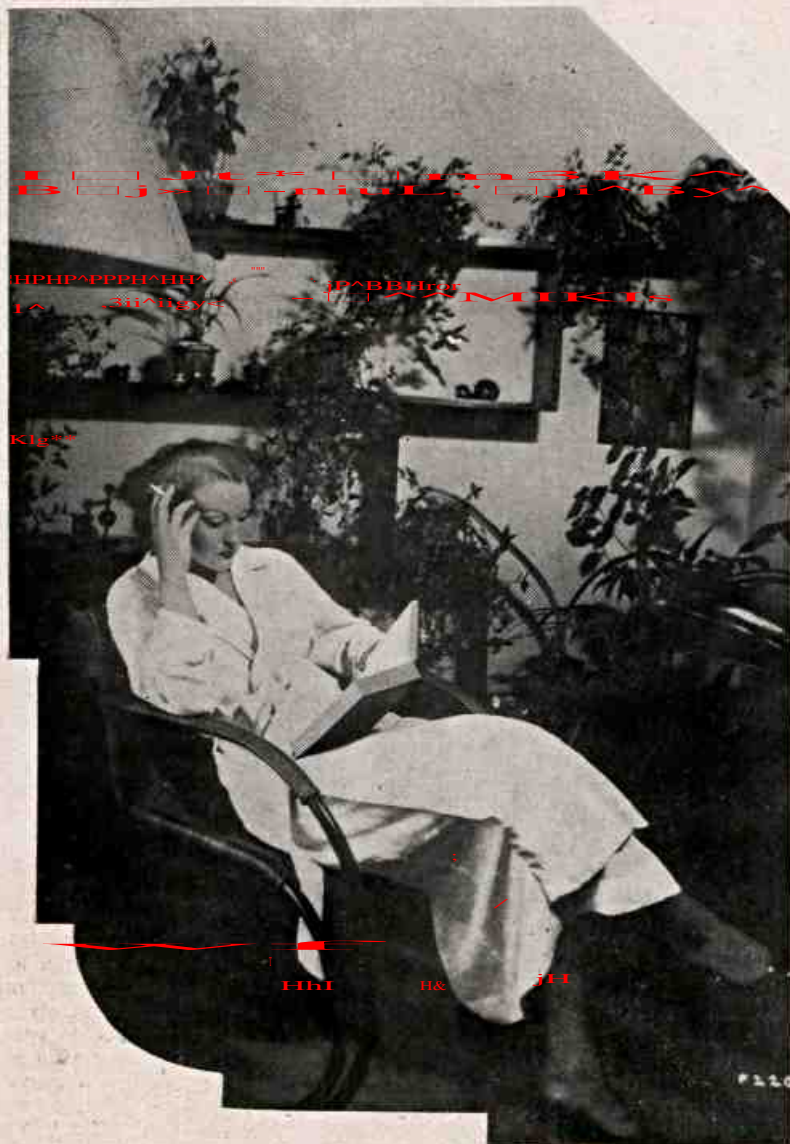
** Ernst Lubitsch fuma diariamente de quinze a vinte charutos.

** A Paramount contractou Pepe Ortiz, famoso matador de touros, mexicano, para servir como assessor téchnico de George Raft, durante a filmagem de "The Trumpet Blows.

** As Irmãs Picken foram contractadas para gravar em disco as canções a seu cargo no film da Paramount "Sitting Pretty": — "Good Morning Glory", "You're Such a Comfort to Me", "Many Moons Ago", "Did You Ever See a Dream Walking?".

** Toby Wing, a lourinha da Paramount, acaba de concluir os seus estudos do curso superior na escola que a Junta de Instrucção Publica, com o concurso daquella productora, mantem nos proprios studios da Paramount.

Duas «poses» da querida artista cinematographica Sylvia Sidney, da Paramount.

DOS

Brigitte Helm, da Ufa, repousa, gozando o «pão do espirito», na sua linda vivenda.

A ARTE ATRAVÉS OS ANTROPOLOGISTAS E O PUBLICO. — A bôcca rasgada de Greta Garbo, o queixo proeminente de Katharine Hepburn, o nariz complicado de Mae West e a excessiva esbelteza de Joan Crawford deixam o velho "Penryhn Stanlaws" (Mr. Penryhn Stanley Abramson), conhecido pintor escossez, frio deante das bellezas cinematographicas de Hollywood.

— Não ha um typo perfeito de belleza, na colonia do cinema — diz elle.

Em 1922, o artista perdeu o seu trabalho como director da Famous Players, por ter dito, segundo se suppõe, o que pensava sobre a belleza de Hollywood.

Agora, que não trabalha mais em films, póde elle falar francamente.

Falando a respeito de Katharine Hepburn, Mr. Stanlaws disse:

— Os antropologistas têm uma designação para um tal feitio facial. Chamam-no: *prognathismo*. Os artistas, porém, dão-lhe o nome de cavallar.

Depois de ter visto as receitas de bilheteria do "Little Women", no "Radio Music Hall", Mr. Aylesworth, director da RKO-Radio, desejou provavelmente possuir uma cavallariça cheia de Hepburns.

A RKO-RADIO DISTRIBUIRA' OS FILMS COLORIDOS DA PIONNER. — O famoso desenhista scenico Robert Edmund Jones acaba de chegar a Hollywood, onde se demorará pelo espaço de quatro semanas. Edmundo Jones vem experimentar, nos "studios" da RKO-Radio, o novo e aperfeiçoadissimo processo tricolor de Technicolor.

John Hay Whiteney vae introduzir um novo processo na composição dos films Technicolor, cujo colorido se tornará perfeito.

A RKO-Radio ficará encarregada da distribuição dos films coloridos da Pionner Pictures.

"GREEN MANSIONS" SERA' INICIADO BREVE. — A RKO-Radio volta as suas attenções para "Green Mansions". O "studio" espera, tão sómente, o visto de Merian Cooper para designar o escriptor que deve rever o argumento do film.

Ernest Schoedsack realizará a direcção. Sabe-se que, primeiramente, G. H. Griffith devia exercer as actividades de director de "Green Mansions".

Com a sua indicação, porém, para conduzir os trabalhos de "Word Outside", abriu-se um claro que Ernest Schoedsck veiu preencher. Os principaes interpretes de "Green Mansions" são Dolores Del Rio e Joel McCrea.

UMA NOVA INTERPRETAÇÃO DE RICHARD DIX. — "The Crime Doctor", de Israel Zangwill, será o novo film de Richard Dix.

O grande interprete viverá no destino de um agente de Scotland Yard que, em virtude de multiplas circumstancias, é arrastado á pratica de crimes. Dest'arte, o film se baseia sobre uma acção dramatica, de absorvente interesse romantico e com um desfecho sensacional.

Jane Murfin foi designado para fazer a adaptação cinematographica da historia.

Os trabalhos do celluloide serão iniciados logo que Dix, que se acha em convalescença de uma pneumonia, esteja bastante restabelecido para reassumir o seu posto no "studio" da RKO-Radio.

UMA DAS MELHORES "PERFORMANCES" DE LIONEL BARRYMORE. — Lester Cohen é o famoso novellista norte-americano que, durante muito tempo, estudou as origens de algumas das maiores fortunas modernas. A sua opinião, após as investigações que fez, é a de que, não raro, as grandes riquezas se fazem a preço de impiedades sinistras ou de infortunios. Reunindo o material accumulado durante as suas observações, elle escreveu uma novella impressionante, de variados effeitos dramaticos, e a que intitulou "Sweepings". Ahi, o escriptor fixa, numa objectiva magistral, o esforço titanico dos fundadores de fortunas e cuja obra, entretanto, se aniquila nas

STUDIOS

mãos de frivolos descendentes. Foi "Sweepings", que terá o titulo de "Sangue Maldito", a historia intensa a que a RKO-Radio imprimiu adaptação cinematographica, transformando-a num film soberbo. O celluloide, que teve o mesmo nome da novella, encontra em Lionel Barrymore o seu interprete principal. No decorrer do enrêdo, o extraordinario actor se affirma como um artista de recursos innumeraveis. Póde-se dizer que, em "Sangue Maldito", realiza uma das mais perfeitas actuações de sua carreira. O film marca-lhe o papel de um homem, que, após a conquista da fortuna, vê o fructo dos seus esforços annulado, pela loucura e pela futilidade dos filhos. O "cast", que reune valores excepcionaes da actualidade cinematographica, mostra-nos vultos do quilate de Alan Dinehart, Gregory Rattoff, William Gargan, Gloria Stuart, Eric Linden e muitos outros.

QUANTIAS *ELOQUENTES*. — Nova-York. — (Do nosso correspondente especial). — Vulgarizou-se a theoria subversiva de que as leis foram feitas para ser violadas. Eis ahi uma opinião que, applicada á vida pratica, importaria em verdadeiro perigo para a tranquillidade social. Já em relação a *records*, no emtanto, é justo dizer-se que elles foram feitos realmente para ser superados. Um *record* que se estabelece é um estimulo permanente para o advento de um *record* melhor.

As reflexões acima accódem-nos em face de um facto recentissimo e que, presentemente, merece os commentarios de todos os "fans". Alludimos ao *record* de bilheteria, que vem de ser batido com as exhibições do film *Little Women*, da RKO-Radio, no Radio Music Hall.

Na primeira semana de representações de *Little Women*, na formidavel casa de espectaculos, nada menos de 165.845 pessôas pagaram para assistil-o. A segunda semana teve um publico de 138.863 "fans" e a terceira 146.093, ou seja um total de 450.801 espectadores. Essa somma enorme, quasi fabulosa, de entradas, attinge, em dollars, a importancia de mais de $325,000 que, na nossa moeda, equivale, approximadamente, a 4 mil contos de reis! Eis uma quantia que se exclúe do imposto municipal. E' esta a segunda opportunidade em que a administração do Music Hall permitte que uma mesma pellicula permaneça no cartaz por mais de uma semana. A primeira vez foi com o film *King Kong*, cuja permanencia, no theatro, se prolongou por duas semanas.

As quantias que mencionamos acima servem para demonstrar a concurrencia enorme que assignalou as representantes do *Little Women*. Quanto ás entradas, o mesmo film produziu mais $10,000 dollars, na primeira semana, do que o *record* anterior.

Uma vez que todos os *records* se destinam a ser superados, seria interessante saber qual o film capaz de quebrar o novo *record* que o gigantesco Radio Music Hall acaba de registrar.

Casino fluctuante

(*Conclusão*)

ver o que se passa e logo é abatido por um tiro da gente de Manning, que, accesa em desejo de vingança, voltou ao "Casino do Mar".

Na luta que se trava, Ace recebe uma bala no hombro. Apesar disso, resolvido a vender cara a vida, entrincheira-se num camarote com Leonor e Blooey. Por felicidade sua, no momento em que Manning e os seus sequazes se dispõem a abrir fogo com uma metralhadora que armaram no convéz, uma onda gigantesca os varre bordo a fóra.

Partida a corrente da ancora, o "Casino do Mar", á mercê dos elementos, do vento e do mar enfurecidos, vae despedaçar-se nos arrecifes da costa, mas Corbin, Leonore os que os acompanham logram salvar a vida.

E não tarda que Leonor e Corbin, este cada vez mais resolvido a uma nova vida de regeneração, vejam no matrimonio que ha de unil-os para sempre a promessa de um futuro de tranquilla felicidade.

Gary Cooper, o querido astro cinematographico da Paramount, «rei» dos Pelles Vermelhas.

SER PALHAÇO!...

(DE UMAS MEMORIAS)

I

QUANDO eu era menino, em minha imaginação rodopiavam chiméras: desejos de representar em theatros de cidades grandes, capitaes, e gozar celebridade.

A mocidade... Passei á idade juvenil. Meus anseios infantis em torno da fama, da gloria, assumiram contornos mais definidos. Senti em mim a vocação para a arte scenica.

Como amador dos chamados grupos dramaticos, locaes, eu representava algumas vezes. Papeis secundarios. Minha actuação, abaixo do mediocre, constituia a unica nota um tanto dissonante de todas as representações dos grupos dramaticos locaes...

Meu pae, — Custodio Dias de Almeida, mecanico, — era desses homens, experimentados, que enxergam claro, pertencendo embora á classe dos humildes e dos operarios.

Elle estava convencido da nullidade em que se excedia seu filho, no respeitante á arte do theatro. Comtudo, não queria molestar-me, fazendo comprehender o que todos já commentavam com maledicencia: a minha inaptidão. Aconselhou-me apenas a que não andasse mais a figurar nos festivaes beneficentes; que não fosse mais um dos amadores do "Grupo Estrella". Era como si me apontasse um rumo: a renuncia á scena. Não me submetter mais á leve responsabilidade de amador, e nem carregar o enorme peso da responsabilidade de profissional. Nada. Era asneira, segundo a opinião delle. Dizia que a arte de João Caetano é de problematico futuro.

Não objectei nada, por acato á sua autoridade. No meu intimo, os pensamentos continuaram a ser os mesmos: pretensões a ser comediante. E ainda fui desempenhando meus papeis no grupo dramatico mais apreciado da cidade.

II

Ao desfrutar uns dias de licença de meu patrão, na qualidade de mecánico de uma das officinas, delle, dirigi-me a uma outra cidade proxima, onde estava uma "troupe" de comedias que eu já conhecia desde algum tempo. Tentei fazer parte desse conjuncto artistico. Falei com o sr. Pinto, o director, que me observou o seguinte:

— Leoncio, vejamos primeiro o seu trabalho, si prestar eu poderei contratal-o.

Realizou-se o ensaio em que me seria dado demonstrar minha aptidão. Completo fracasso. O papel de criado tive difficuldade de representál-o com um pouco de relevo.

O sr. Pinto me desilludiu:

— No seu serviço de mecanico, você talvez se encaminhe melhor, moço.

Findo o mez de licença, retornei á localidade onde morava, forçado a manejar de novo as ferramentas, alavancas e tôrnos.

Voltei desenganado...

Estava compenetrado da justeza dos conceitos do velho actor.

— Não quero mais saber de theatro, confessei ao meu progenitor...

— Muito bem, filho!

O sr. Custodio não reprovou de modo nenhum a decisão do rapaz seu primogenito.

III

Um circo de cavallinhos. Era esse o divertimento que o povo da cidade tinha á sua disposição, naquella semana. O "Circo Ludovico". O dono era o Ludovico Ribeiro, um comico e equilibrista apreciado.

Eu assistira a um espectaculo da companhia. Meu enthusiasmo fenecido reflorescera...

Sem estardalhaço e nem demoras, apresentei-me candidato a artista da companhia. Um arrojo? Sim.

Fiz mais outra ousadia, como a outra com a "troupe"... Formulei a minha proposta ao sr. Ludovico.

— Poderei trabalhar nas pantominas, dramas, comedias, sr. Ludovico.

O sr. Ludovico Ribeiro admittiu-me.

— O sr. Leoncio será um dos palhaços do circo. Estamos precisando de mais um... Lá de vez em quando, assim que seja preciso, você poderá fazer alguma coisa nos dra-

(Cont. na pag. seguinte)

mas.... Mas o seu serviço principal será o de palhaço. Si eu verificar que seu trabalho não serve, você terá de ser despedido...

Com grande desapontamento, embora, recebi sem protesto e sem recusa o encargo de alegrar o povo, no picadeiro. Era um modo de comparecer deante do publico, como um personagem comico, dizendo pilherias e exhibindo momices... Não era a satisfação integral e perfeita de minhas ambições. Porém, já podia eu me sentir mais ou menos contente...

Roguei a permissão de meu pae, no sentido do meu ingresso na companhia, a ser palhaço...

Meu progenitor, desta vez, concordou com meu proposito irrevogavel. Não me desaconselhou. Que eu me aventurasse, já que estava tão decidido...

SER PALHAÇO!...

(CONCLUSÃO)

— O senhor faz mal em esperar por papae. Elle não voltará para casa!
— Por que?
— Porque não sahiu...

Houve, entretanto, uma opposição tenaz, e esta por parte de minha mãe. Magoava á bôa senhora o saber que seu filho "ia servir de troça do povo"...

IV

Por consideração e respeito a minha mãe, — resignei-me a perder uma excellente opportunidade de attingir á meta de minhas aspirações.

Apressei-me a participar ao sr. Ludovico que eu não queria mais fazer rir o "respeitavel publico" com minhas galhofas: preferia a mesma aturada faina de mecanico...

Assis Moraes

Seara alheia

A cura do odio

ESTOU convencido de que a coisa que mais degrada o homem é o odio, porque o faz retroceder, velozmente, até a féra. O homem, quando sente odio, experimenta a sensação da dôr, dôr por excellencia, dôr de todas as dôres!

E' como que a ruina de todas as suas illusões de grandeza, a perda de seus sentimentos mais sagrados.

O principal objectivo de nossa vida deve ser, pois, desembaraçarnos do odio. Tudo quanto obtivermos, nesse sentido, será ganho para a nossa felicidade.

Quaes são, pois, as armas que devemos utilizar para combater o odio? as que estão mais ao alcance da mão: nossas proprias paixões. Si não as pudermos vencer, devemos encurralál-as por meio do principio intelligente que em nós reside.

Si não quizeres soffrer da enfermidade do odio, tem dos outros.

Muitos physiologos e muitos philosophos affirmam que a piedade é um sentimento deprimente. Nada mais erroneo. Todos os sedativos são deprimentes, em certo sentido, porem, são necessarios para que a dôr não aniquille o organismo.

A piedade é o principio do amôr, é o proprio amôr.

Si te compadeceres, todo o teu furor se fundirá, immediatamente, como a neve sob um raio de sol.

Tal é a cura antiseptica que proponho contra a ulcera do odio. — VALDÉS.

Sinceridade

SER sincero é mostrar-se sem receio nem fraqueza. Isso de trazer nos labios um sorriso, como uma manifestação carinhosa para quem odiamos, é a coisa mais vil e crimnosa que podemos fazer.

A hypocrsia é propria dos espiritos covardes. O homem pusillamine, que não tem a energia sufficiente para demonstrar o seu amôr ou o su odio a todo aquelle que lh'o inspire, não passa de um misero covarde. O caracter e a valentia sempre deram merito aos individuos.

E' necessario ser sincero. Trazer o coração aberto para mostrar que assim, nos differenciamos dos reptis venenosos; porque, não ferimos á traição, porque, si atacamos, o fazemos usando de armas leaes e não abusando do nosso espirito miseravel e trahidor.

Sêde sinceros em tudo. A verdade triumpha sobre todas as mentiras existentes. — EMILIO ZOLA.

TUDO PASSA...

De NÓRA LISI

— VÉRA, que tens? Aconteceu-te alguma coisa má?

— Oh! querida, nem queiras saber!... — respondeu a linda Véra á sua prima Laila, sem levantar da almofada de sêda do divan a formosa cabecinha loura.

— Não chores tanto, criança. Conta-me o que soffres e eu talvez encontre na minha experiencia e na minha amizade algum argumento que te console.

— Queres saber ! porque das minhas lagrimas? Lê isto!

E, estendendo á amiga um rectangulo de papel azul, machucado pelos dedinhos nervosos, recomeçou a soluçar, emquanto Laila, curiosa, lia:

"Véra.

"Acabo de ver-te em companhia de Marcio, e tive a plena certeza de que não me amas. Se assim fosse, attenderias ao pedido que tão insistentemente te fiz. Está desfeito o nosso compromisso, e sei que te sentirá felicissima com isto. Quanto a mim, procurarei esquecer o muito que te quiz junto a outra mais sincera do que tu e que melhor me comprehenda.

Fernando."

— Mas, depois da prohibição formal do teu noivo, sahiste novamente com Marcio? Fizeste mal!

— Não tive culpa. Fui á Avenida, hontem, e encontrei Marcio, que, depois de insistente pedido, a que não me pude furtar, me acompanhou até a casa de chá aonde me dirigia. Lá, encontrei Fernando, que nem me cumprimentou.

— E não te justificaste?

— Fernando não me quiz ouvir, pois acha inutil qualquer justificativa. Elle tem razão. Nada mais pode haver entre nós...

— E por que choras, então?

— Por que desfeito o meu mais bello sonho de amôr.... Não pódes avaliar a dôr que sinto por vêr o quanto Fernando foi injusto, julgando pela apparencia um acto da noiva que lhe foi sempre fiel. Demonstrou, assim, a tão diminuta confiança que tinha em mim. Soffro muito. Parece que alguma coisa se dilacera em meu intimo. E' como se me arrancassem o coração... Architectar um lindo futuro sobre o mais sincero amôr e vêr em um instante tudo destruido, transformado em nada, é duro! Amar sinceramente, fazendo do seu amôr um culto, e vêl-o depois regeitado, atirado ao lado como se nada valesse, é cruel! E sinto, acima de tudo, o menosprezo de Fernando por elle...

— Então, tanto quanto o teu coração, soffre o teu amôr proprio?

— Talvez. Mas, seja como fôr, só sei que soffro intensamente. O meu affecto por Fernando não é de hoje. Ainda collegial, eu já o amava. E quando, naquelle inesquecivel "reveillon" de Natal, elle me declarou o seu amôr, eu senti o coração rejubilar-se e ficámos noivos. Nenhuma noiva foi mais terna e carinhosa para o bem-amado. Ciumento e impulsivo, Fernando prohibiu-me relações com Marcio, meu melhor amigo de infancia, de quem tinha ciumes. Evitei sempre encontrál-o, mas hontem, como já disse, não me foi possivel furtar-me a esse encontro, e visto por Fernando, recebi esta carta injusta, que me desespera, tanto mais quanto a minha dignidade e altivez me inhibem de dar qualquer passo para a reconciliação.

Escondendo entre as mãozinhas crispadas a face mimosa, Véra rompeu novamente em soluços.

Laila, contornando com o braço os hombros da amiga, disse-lhe, ternamente:

— Véra, não chores. Sei bem avaliar o que sentes, pois já amei muito e muito soffri. Reconheço a profundeza da tua mágoa, por vêr morto o teu sonho... Mas que queres? Vivias nas nuvens, sempre a sonhar, esquecendo, o quão triste é a realidade da vida. No emtanto, querida, tudo passa... Has de esquecer, como eu esqueci e muitas outras têm esquecido, esse primeiro desengano de amôr... O tempo, este famoso curandeiro, ha de curar as feridas do teu coraçãozinho joven e has de possuir, com um novo affecto, o quinhão de felicidade que te está reservado na terra. Verás se tenho ou não razão. Para começar a tua cura, vaes banhar o teu rosto para apagar o vestigio das lagrimas, fazer a tua *maquillage* e acompanhar-me ao chá, onde enfrentarás, serena, o olhar bisbilhoteiro das tuas amiguinhas e talvez, quem sabe?, o olhar ansioso e perscrutador de Fernando. Vamos?

Uma hora depois, as duas jovens, bellas e sorridentes, deixavam a residencia de Véra em demanda de elegante confeitaria.

* * *

Tinha razão Laila ao dizer que *tudo passa...*

A desillusão soffrida por Véra foi esquecida, e ella é hoje a noiva adorada de Marcio, que, com muito amôr e ternura, soube conquistar com vantagem o logar de Fernando. Este, após varias tentativas infructiferas de reconciliação, lamenta o sem ciume; vendo quão irreflectida havia sido escrevendo a Véra a carta de rompimento.

Mas como tudo passa, talvez, cumprindo o final da carta dirigida á ex-noiva, elle a esqueça junto a outra mais sincera e que melhor o comprehenda e não lamente mais, como agora, a flicidade perdida...

Escriptores e livros

Ciro Vieira da Cunha — ESPERA INUTIL — Victoria — 3$500

AINDA bem.

Este poeta, ao menos, o entendo. Povoou de alegrias a minha sala de livros, nesta noite cheia de estrellas, tropical...

Nestas noites macias de luar
Queimo cigarros delirantemente...
Porque minh'alma torturada sente
Um desejo doentio de lembrar...

Só o cigarro póde acomodar
o passado na téla do presente...
Olho a fumaça... caprichosamente
Vai perfis debuxando pelo ar...

Mulheres que eu amei e me beijaram...
— De recordar meu coração não cansa —
Mulheres que beijei e me deixaram...

Cigarro... minha pobre mocidade...
Beijos de amor... palavras de esperança...
E a fumaça cinzenta da saudade...

Delicioso, este *cigarro!*

Percorrendo as paginas do livro, vou ao fim, quasi sem me aperceber que as horas se escôam lentamente. E releio, por vezes, *Rua triste:*

Tem um pouco de sonho e de saudade
Esta rua tão meiga e tão tranquilla...
Tem adornos de rua de cidade,
Sendo a rua mais triste desta villa...

E' tão moça... E' bonita de verdade
Si a lua surge ou quando o sol cintilla...
E' princeza pedindo por piedade
Restos de amôr a um coração de argila...

Embuçada no chale da garôa,
Tão cinzenta, tão tremula e tão calma,
Sabe ser tão formosa quanto é bôa...

O' rua triste e amiga... Sê bemdita
Pelo consolo que me déste á alma
Num olhos claros de mulher bonita...

A simplicidade caracteriza o processo poetico do autor deste formoso apanhado de sonetos. Quando supponho ter fixado a producção do meu agrado, outra surge para difficultar a escolha. A cada passo uma nova emoção...

Teus olhos... Duas rosas desfolhadas
Em soluços cruéis de despedida
E volupias de bôcas esmagadas...

Poeta de fina sensibilidade, Ciro Vieira da Cunha sabe traduzir, em versos encantadores, os anseios da sua alma romantica. Por isso, *Espera inutil...* é um livro que, depois de lido, se guarda, para o consolo de rever muitas vezes as suas paginas de um lyrismo penetrante. As illustrações de Leobaldo Ferreira, artista capichaba, emprestam maior encanto ao volume.

Alvaro Moreyra — O BRASIL CONTINÚA... — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 5$

O Brasil continúa... a ser o que dantes era. Pessimismo?... Exaggero... Talvez erro de visão... Mas não faz mal que assim seja. Afinal, é um Brasil gostoso, que a gente gosta de gostar... Este preambulo não é do livro de Alvaro Moreyra, livro que deve ser lido pelos que ainda duvidam do engenho dos nossos escriptores. Trata-se de um perfil delicioso de figuras, figurinhas e figurões do paiz verde e amarello descoberto por acaso. *Não ha acasos na Historia. Nas historias, ha. No Brasil, tudo é por acaso. O boato do descobrimento ficou sendo um modo de viver.* Não é possivel resumir o livro para uma impressão exacta. O livro deve ser lido por todas as pessôas de espirito. E, depois de lido, ninguem póde negar que Alvaro Moreyra é um talento que, por acaso, nasceu no Brasil, paiz ainda de incipiente cultura. No desenho, por vezes, o autor carrega um pouco na mão... Nem sempre é justo na apreciação de uns tantos episodios. Mas, isto não desmerece o valor da obra, a mais interessante e original publicada nestes ultimos tempos. E' uma grande victoria para Alvaro Moreyra, *o Brasil continúa...*

Delgado de Carvalho — GEOGRAPHIA HUMANA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 8$

"ESTE compendio estuda os dois aspectos mais importantes da *Geographia humana*, o seu aspecto "politico", que constitúe a primeira parte, e o seu aspecto "economico", que fórma a segunda. A differença de typos permitte, em primeiro estudo, deixar de lado o que não é julgado essencial. O compendio abrange ao mesmo tempo a materia do programma da 3.ª série secundaria, a materia dos programmas das Escolas de Commercio e a materia de admissão á Escola de Direito." E' o proprio autor quem expõe a utilidade do trabalho, de feição nova para o nosso meio. O sr. Delgado de Carvalho, que não é um espirito vulgar, não escreveu um livro apenas com objectivo pedagogico. Dotado de grande cultura, o seu trabalho serve para disciplinar o estudo mais amplo da materia, tal a clareza de exposição, o methodo adoptado, o acerto critico das doutrinas varias. Por isso, a leitura do livro offerece certo encanto, o que constitúe o melhor elogio para o autor.

(*Continúa na pag. seguinte*)

Karl May — O TESTAMENTO DO INCA — Liv. Globo — P. Alegre — 6$

O grande novellista allemão inscreve o seu decimo volume na magnifica *Coleção Universal*.

Trata-se de uma obra empolgante, de profunda observação, que interessa vivamente a curiosidade do leitor.

Stefan Zweig — MARIA ANTONIETTA — Editora Guanabara — Rio

STEFAN ZWEIG é o autor consciencioso e claro, tão procurado pelos estudiosos, bastante conhecido no nosso paiz, através suas obras: "Freud", "Amok", "Minutos decisivos da Humanidade", "24 horas na Vida de uma Mulher" e outros. — Apresenta-nos, agora, *Maria Antonietta*, uma obra notavel, dispensando qualquer elogio, e cuja versão, para a nossa lingua, foi confiada a Medeiros e Albuquerque.

Muito se tem escripto sobre a vida e a personalidade da esposa de Luiz XVI; a obra de Stefan Zweig, porém, parece ter esgotado o assumpto, que se acha amplamente desenvolvido num bello volume com 485 paginas, algumas das quaes illustradas com interessantes photographias, e lançado pela Editora Guanabara.

Ministerio das Relações Exteriores — BRASIL — 1933

A edição, de 1933, desse importante trabalho de informação official sobre o nosso paiz, organizado pelos Serviços Commerciaes do Ministerio das Relações Exteriores, merece o melhor e o mais carinhoso registro.

Fazemol-o, hoje, com o mais legitimo desvanecimento, pois, em materia de propaganda do Brasil no estrangeiro, poucos trabalhos têm sido feitos, até hoje, com a perfeição e a possibilidade de efficiencia do que ha alguns annos vem divulgando o Itamaraty.

Organizada pelo consul Carlos Alberto Gonçalves, sob a orientação geral dos Serviços Commerciaes daquelle Ministerio, departamento de que é chefe o illustre e competente patricio, sr. Joaquim Eulalio, a ultima edição desse magnifico trabalho apresenta copiosa documentação da nossa vida economica e financeira, sob a forma de quadros estatisticos e de graphicos. Alguns capitulos novos, como o que trata de materias primas e o que estuda a nossa producção de fructas de mesa, do ponto de vista do commercio internacional, e maior desenvolvimento dado a varios outros tornam realmente interessantissima esta edição desse excellente e reforçado volume de informações sobre o nosso paiz, de que destacamos tambem o optimo trabalho de impressão confiado á Lithographia Fluminense Ltda., com officinas á rua da Quitanda n. 20.

AMERA -- De Rudyard Kipling

E se fôr uma menina?

— Não! Passei tantas noites rezando, mandei tantas offerendas ao templo de Sheikh Badl, que Deus, estou certa, nos dará um menino. Que elle nasça sob uma bôa estrella! Um menino... Que alegria! E então não te cansarás nunca de mim, tua escrava!

— Desde quando és escrava, minha rainha?

— Desde sempre. Como estar segura do teu amor, se me compraste?

— Outrora, sim. Mas agora estou contente. Nunca deixarás de amar-me, meu senhor?

— Nunca! Nunca!

— Mesmo que as mulheres brancas te amem? Ah! Tenho-as visto á tarde, nas suas carruagens. São lindas!

— As luzes artificiaes não me interessam, depois que vi o clarão da lua...

Amera bateu palmas, alegremente, e poz-se a rir:

— Falas bem! Basta-me. Dou-te autorização para ir, se quizeres.

O rapaz não se moveu. Estava sentado num divan baixo. A seus pés enrodilhava-se uma mulher de dezeseis annos. Elle era inglez e ella filha de musulmano. Havia-a comprado dois annos antes á propria mãe, que, privada de recursos, não tinha vacillado ante a conveniencia do preço, e isso a despeito dos protestos de Amera.

Pouco depois de effectuada a venda, occupava a joven um grande lugar na vida de Jack Holden. Havia este comprado para ella a sua mãe uma casinha de onde se dominava a cidade. E uma vez que Amera se installou de accôrdo com as suas idéas de conforto, a casinha converteu-se em seu lar. Na sua casa de solteiro podia entrar quem quizesse. Na casinha situada fóra dos muros da cidade, só os seus pés podiam transpôr o pateo e chegar ás habitações das duas mulheres. E quando a tosca porta de madeira se cerrava por traz delle, Holden sentia-se o rei daquellas terras. E Amera era a rainha. Ia agora juntar-se a esse reinado uma terceira personagem, cuja chegada imminente parecia contrariar a Jack. Vinha ella perturbar a agradavel ordem da casa. Mas Amera estava louca de alegria, e sua mãe tambem. O amor de um homem branco, pensavam, é uma coisa precaria. Mas as mãozinhas de uma criança podem dar-lhe firmeza.

— Então — pensava Amera — elle não se lembrará mais das mulheres brancas. Eu as odeio!

— Chegado o momento, voltará aos seus — dizia a mãe. — Felizmente esse momento ainda se acha longe.

Silencioso, Holden pensava no futuro e os seus pensamentos nada tinham de agradaveis. Os inconvenientes de uma vida a dois são muitos.

O governo afastava-o da cidade por uns quinze dias, com a missão de substituir um collega retido pela enfermidade da mulher. Elle havia vindo dar a noticia a Amera.

— Não é bôa noticia, mas não é de todo má — disse ella, lentamente. Tenho commigo a mamãe e nada de máu póde acontecer-me, excepto morrer de alegria, pelo que sabes. Vae, e não te preoccupes. Quando voltares, entregar-t'o-ei nos teus braços, e então me amarás para sempre. Não me faças esperar muito. Não te detenhas a conversar com as mulheres brancas! Volta depressa, meu senhor e minha vida!

Com a sensação de um homem que assistisse aos proprios funeraes, Holden partiu no trem da noite, para o lugar do seu exilio. Não se passava uma hora que não o assaltasse a idéa da morte de Amera. E os quinze decorreram assim, cheios de inquietação.

Ao regressar, viu-se preso por algumas horas num jantar, no club. Fugiu depois, através da noite, fazendo galopar o seu cavallo.

* * *

— Vae tudo bem? — perguntou ao velho criado que veiu abrir a porta.

— Não é á minha bôcca que cabe dar as bôas noticias, protector dos pobres.

E estendeu a mão para receber a recompensa que se deve a todo portador de bôas novas.

Holden atravessou rapidamente o pateo. Uma luz brilhava no quarto de cima e, ao approximar-se, ouviu elle uns gritinhos que agitaram o seu coração. Era uma voz nova, que, entretanto, não provava que Amera vivesse ainda.

— Quem está ahi? — perguntou da escada.

Amera respondeu com um grito de alegria. Depois, a voz da velha:

— Estão aqui duas mulheres e um homem... o teu filho!

No limiar da porta, Holden pisou um punhal, alli posto para afastar a má sorte, e o cabo partiu-se sob os seus pés impacientes.

— Deus é grande! — murmurou Amera. — Recahirão sobre ti as desgraças destinadas ao pequenino...

— Sim, sim. Mas como estás, vida da minha vida?

— Só tu me faltavas — respondeu Amera. — Estiveste ausente muito tempo. Que presentes me trazes? Olha: ha agora entre nós um laço inquebrantavel. Já viste bebê mais bonito. Olha-o e dize-me: tu me amas? Amar-me-ás sempre?

— Amo-te sempre, com toda a minha alma!

(*Continúa na pag. seguinte*)

AMERA — (CONTINUAÇÃO)

Houve um movimento quasi imperceptivel do pequenino sêr que repousava nos braços de Amera.

— Oh! — disse ella, com a voz tremula de amor. — E' o nosso bebê, teu e meu. Põe a mão na sua cabecinha. Mas com cuidado!... Elle é tão pequenino!

Holden tocou o pequeno craneo. Sentiu uma mãozinha que apertava debilmente o seu dedo. E esse contacto fez vibrar o seu coração. Até então todos os seus pensamentos tinham sido para Amera. Agora começava a ver que havia outra creatura no mundo, o seu filho.

Quando, debil e fatigada, Amera adormeceu, Holden sahiu do quarto, em ponta de pés. Montou a cavallo e afastou-se dali, cheio de uma alegria tumultuosa e enternecida. Nunca na sua vida havia sentido nada semelhante.

* * *

— Que idade tem?

— Seis semanas, apenas. E esta noite subirei ao terraço para comtigo contar as estrellas. Porque é de bom agouro. Disseram-me que elles nos sobreviverá e que alcançará fortuna. Que mais podemos desejar?

— Nada, minha mulherzinha.

Sentados no parapeito do terraço, tendo ella o filho nos braços, olhavam a cidade e as suas luzes. Mas não as crio felizes como nós.

— Ha por ahi pessôas felizes. Não creio tambem que as mulheres brancas sejam felizes. Ah! Já contei quarenta estrellas e estou cansada. Olha o nosso filhinho, meu amôr; elle tambem as conta.

O bebê olhava o céu com os seus grandes olhos. Holden tomou-o nos braços. Era tão indefeso e suave!

— Pedi duas coisas — disse Amera — duas coisas nas minhas preces. Primeiro, que eu morra em teu lugar; segundo, que eu morra em lugar do nosso filhinho. Pedi-o ao protector e a Bibi Miriam, a sua Virgem Maria. Crês que algum dos dois me ouviria?

— Que não escutaria a mais insignificante palavra de labios como os teus?

— Ouve: se eu morrer, voltarás ás mulheres brancas, porque a raça attrahe a raça. Eu poderia supportál-o, porque estaria morta. Mas, quando morreres, serás levado para um lugar estranho, um paraiso que eu não conheço. E nós, o menino, e eu, estaremos noutro lugar; não poderemos ir comtigo, nem poderás vir para o nosso lado. Desde o nascimento do nosso filhinho, que penso nisto.

— Aconteça o que tiver de acontecer. O porvir não nos pertence. Mas temos o presente e nosso amor. E no momento somos felizes...

— Tão felizes que deveriamos assegurar esta felicidade. A tua Virgem Maria devia escutar-te, pois que tambem é mulher. Mas teria inveja de mim! Não é conveniente que os homens adorem uma mulher!

Holden riu dos ciumes de Amera.

— Então, por que permittes que eu te adore?

— Adorar-me, tu? Apesar de todas as palavras doces, sei que sou apenas tua escrava, o pó que pisam os teus pés! E eu não queria que fosse de outra maneira! Olha!

Antes que Holden pudesse impedil-o, ella inclinou-se e beijou-lhe os pés. Depois, erguendo-se com um risinho estranho, apertou o filho ao peito.

— E' verdade, — perguntou a Holden num tom quasi selvagem — é verdade que as atrevidas mulheres brancas vivem trez vezes mais tempo de que eu? E' verdade que se casam quando são quasi velhas?

— Casam-se como as outras: quando são mulheres.

— Aos vinte e cinco annos, não é?

— Isso mesmo.

— Vinte e cinco annos! Com essa idade serei uma velha, e as mulheres brancas se conservam sempre jovens! Como as odeio!

— Que temos nós que ver com ellas?

— Não sei. Só sei que póde haver no mundo, a esta hora, uma mulher dez annos mais velha do que eu, capaz de roubar-me o teu amor, dentro de dez annos, quando eu serei uma velha de cabellos grisalhos. E' injusto e máu. Ellas tambem deviam morrer!

* * *

Foram esses mezes de uma felicidade absoluta para Holden e Amera. Durante o dia, elle trabalhava; á noite, vinha para o lado de Amera, que lhe contava as façanhas de Totá. Era este um pequeno deus de tez morena e o tyranno da casa. Mas tal felicidade era demasiado perfeita para durar.

O menino tornou-se melancolico, queixava-se e não se sentia bem. Louca de terror, Amera velou-o toda a noite e na madrugada do segundo dia a vida o abandonou: era a febre do outomno. Nem Amera nem Holden podiam render-se á evidencia daquella morte: parecia impossivel que Totá pudesse morrer. Depois, Amera deu a cabeça pelas paredes e ter-se-ia lançado ao poço do jardim, se Holden a não tivesse agarrado com todas as suas forças.

Mas uma graça foi concedida a Holden: esperava-o no escriptorio um trabalho importante, que reclamava tempo e attenção.

Holden percebeu lentamente a sua dôr. Sentiu que lhe faltava alguma coisa e que Amera reclamava o seu consolo quando, com a fronte nos seus joelhos, chorava a morte do filho.

— Somos agora apenas dois — dizia-lhe — nós que eramos tres. Por isso, necessitamos ambos de ser um só...

Estavam, como de costume, sentados no terraço. Era uma noite calida e os relampagos dançavam no horizonte com uma musica de trovões longinquos. Amera refugiu-se nos braços de Holden.

— Tenho médo! Tenho médo! Tu me amas como outrora, embora esteja partido o laço que nos unia?

(CONCLUSÃO) - AMERA

— Amo-te ainda mais, porque se formou entre nós um novo laço: o da dôr commum. Bem o sabes tu, mãe do meu filho!

Desde essa noite a vida lhes foi mais supportavel. Voltaram a tocar a felicidade, mas com dedos tremulos...

* * *

Pouco tempo depois, um brado de fome ergueu-se em todo o paiz. O colera abateu-se sobre a população, vindo dos quatro pontos cardiaes. Alarmados, os habitantes invadiam os trens e o morbo os seguia. Em cada estação eram retirados dos carros muitos mortos e moribundos. Uns pereciam á beira dos caminhos, outros ao pé dos altares dos deuses. E as chuvas não vinham, e a terra adquiria a dureza do ferro, como para impedir que os homens escapassem á morte.

Os inglezes mandaram as suas mulheres para as montanhas.

Doente de terror ante a idéa de perder o seu thesouro, tratou Holden de persuadir a Amera que fosse com sua mãe para o Himalaya.

— Ir-me? Por que? — disse ella.

— Ha epidemia. Morre muita gente. Todas as mulheres brancas já partiram.

— Todas?

— Todas!

E accrescentou, rindo:

— Talvez fique alguma que, para atormentar o marido, queira desafiar a morte!

— Não fales mal della: quem fica, é minha irmã. Estou contente por se terem ido as mulheres brancas. Eu não vou.

— Estou falando com uma mulher ou com uma criança? Deves ir! Terás que ir! Viajarás com a filha do rei.

— Cala-te A criança és tu! Não parto. Que o façam as mulheres brancas!

— São os seus maridos que as mandam para fóra daqui! — affirmou Holden.

— Muito bem. Mas desde quando és meu marido, para me dares ordens? Não és mais do que o desejo da minha alma. Como partir, sabendo que te póde acontecer alguma coisa má? Poderás morrer — morrer, meu bem amado! — E chamarão a uma mulher branca para cuidar de ti no teu leito de morte! Uma mulher branca, que me roubaria o teu ultimo olhar de amor!

— Mas o amor não vem num momento e a um leito de amor!

— Que sabes tu do amor? Ella teria, ao menos, o teu agradecimento, e, por Deus, eu nunca supportaria isso! Meu senhor, meu amor, não falemos de separação. Ficarei onde te achas!

Lançou um braço ao pescoço de Holden e pôz uma das mãos á sua bôcca. E ficaram assim, rindo juntos, dizendo-se palavras ternas. Da cidade vinham lamentos, rumores de preces, gritos. Viam levar os mortos nas macas. E abraçavam-se, tremendo.

MENINOS LACÔNICOS. — Por que não te penteaste?

— Não tenho pente.

— E por que não usaste o pente de teu pae?

— Elle não tem cabello.

* * *

Holden recebeu ordem de estar prompto para substituir o primeiro homem que cahisse. Passava os dias sem ver Amera. E ella podia morrer dentro de trez horas!

Tinha elle a certeza de que a morte de Amera era inevitavel. Tanto que logo que viu o velho servidor á porta do escriptorio, arquejante e com os olhos fóra das orbitas, se pôz a rir nervosamente:

— Então? — perguntou-lhe.

— Vem depressa, filho do céu! E' o colera negro!

Holden galopou até sua casa. A mãe de Amera sahiu-lhe ao encontro:

— Que fazer, senhor? Ella está a morrer... Está quasi morta!

Amera estava deitada no quarto em que nascêra o filho. Não fez um movimento á entrada de Holden.

Começaram a cahir sobre o terraço as primeiras gottas de chuva. Era a chuva salvadora! Os labios de Amera moveram-se:

— Não guardes nada meu; nem uma só mécha do meu cabello. "Ella" te obrigaria a queimal-o e eu, *de lá*, sentiria o fogo. Aproxima-te... Mais... Recorda sómente que fui tua e que te dei um filho. Ainda que amanhã te cases com uma mulher branca, fui eu que te dei o prazer de receber nos braços o primeiro filho... Quando tiveres um filho, lembra-te de mim... Que as suas desgraças caiam sobre a minha cabeça. Juro, juro (e seus labios murmuravam as palavras ao ouvido de Holden) juro... que só ha um deus, e és tu, meu bem amado!

E Amera morreu. Holden ficou ali, immovel, sem pensamento, até que viu entrar a mãe da morta.

— Ouve — disse-lhe, — Tudo o que ha nesta casa fica para ti. Leva todos os objectos, deixando apenas o leito, intacto, para mim. E, agora, sáe deste quarto. Quero do de Amera. Depois, chegaram as ficar a sós com a minha morta.

Holden ficou muito tempo ao lamulheres que deviam lavar o corpo da defunta. Tremendo, Jack Holden deixou a habitação. E, bruscamente, sahiu para a rua. A chuva molhou-lhe o rosto. E então o homem branco poude chorar a sua immensa angustia, sem medo de que alguem notasse a sua desolação, porque as lagrimas, escorrendo-lhe pelo rosto, pareciam grossas gottas da agua que o céu enviava piedosamente áquella terra maldita.

O Carnaval chegou, com sua alegria estonteante, trazendo no seu cortejo promiscuo e desordenado palhaços a bimbalhar guizos, ciganas de roupas multicôres, bahianas quitandeiras e principes de roupas verdes e vermelhas... E ha, sempre no séquito que acompanha rei Momo Colombina, Pierrôto e Arlequim.

.. ..

Quarto de Colombina.

Sapatos de lamé prateado jazem a um canto; a fantasia estendida negligentemente sobre a poltrona; mascara e lança-perfumes vazios sobre a penteadeira; o chão salpintado de confeti. O ambiente respira ar de descuido e de cansaço.

Onze horas da manhã.

Colombina acorda. Tem as faces descoradas; manchas profundas e violaceas, circumdando-lhe os olhos, são os vestigios da noite passada no *cabaret* e da pintura excessiva que usára.

Indolente e aborrecida, ella faz a *toilette* matinal. Em seguida, servem-lhe chá com torradas.

Um mundo de pensamentos e recordações invade-lhe o cerebro.

A noite tinha sido realmente de loucuras.

Ella. — Penso que não vae se atrever a me pedir que compartilhe de sua pobreza.
Elle. — Longe de mim tal pensamento, senhorita! Todo o meu desejo é compartilhar de sua riqueza.

CARNAVAL

Mas "a felicidade, que é quasi nada" ella não chegára a conhecer.

Serpentinas, confetis, vapores de ether, do qual ainda trazia as narinas impregnadas, champagne embriagadora e o prazer immenso nas danças loucas e bizarras, que a jazz, desconcertante e desenfreada, executava.

Pierrot, apaixonado e ardente, deu-lhe tantas provas de seu amor profundo que, por instantes, ella se sentiu pesarosa de não poder corresponder; assim talvez ella tivesse sido feliz...

De tudo isto guardava, apenas, o fastio e enfado que succedem ás horas de alegria authomatica, em que a alma não toma parte.

A manhã já vinha raiando, a natureza começava a illuminar-se, quando ella entrou no quarto e pediu a Pierrot que fosse embora; ella precisava repousar.

Dormiu profundamente sob a influencia dos vapores que se evolaram das taças crystalinas...

.. ..

Duas horas da tarde, o telephone tilintou.

— Alô!

— Colombina?

— Sim.

— Arlequim.

— Oh! Por que você não veiu hontem?

— Estive doente. E você, que fez?

— Fui ao Municipal.

— Já sei: divertiu-se muito.

— Não, matei algumas horas, mas não consegui distrahir-me.

— Hoje vamos compensar a noite de hontem. Vamos ao Assyrio. Vou buscal-a ás nove: pas-

VOLUPIA DAS ROSAS

Poeta! Deus fez as mulheres e as rosas
Para os beijos do sol e os beijos dos poetas!

OLAVO BILAC

Que grande tarde esplendida e macia:
O céo tem côres louras, luminosas...
E no jardim as rosas,
Rubras de desejos,
Parecem bôccas sequiosas
Pedindo beijos.

De Mariúcha

searemos um pouco e depois a dança; que diz de tudo isto? Optimo programma, não é?

— Não posso, Arlequim; combinei encontrar-me com Pierrot...

— Ora, dê uma desculpa! Só trez dias de prazer e doidices em que tudo se acceita e se aprova, em que podemos dar livre expansão ao nosso amor. Vamos aproveitar a vida, esta mocidade scintillante, com a febre que arde em nossos corações e o sangue estuante que as arterias contém.

— Sim, Arlequim; você tem razão. O amor é bello e na existencia deve-se ter culto pela belleza.

— E' a unica coisa que attrae e arrebata. Colombina; e você é linda...

— A lisonja não me agrada.

— Confunde a lisonja com a maneira delicada de dizer uma verdade por si mesma evidente.

— Ha certas verdades que não devem ser ditas...

— Quando ellas vão destoar a harmonia e encanto que se desprendem da vida.

— E o que você acha de mentira? Deve ser ouvida?

— Ella é necessaria, traz o enlevo e a seducção, como todo mysterio, como tudo que não existe...

— Sua philosophia, Arlequim, é fantastica: confesso meu fracasso.

— Não existe fracasso; apenas temos certas idéas e, ao ouvirmos outras, que nos agradam mais, fazemos a substituição...

— Sua gentileza confunde-me.

— Onde ha mocidade, belleza e graça não ha excesso de gentileza e sim sinceridade, e esta não enleia nunca.

— Você sabe se fazer querida.

— Toda pessôa a quem se quer muito acaba sempre por nos querer um pouco...

Colombina riu-se nervosamente, e pouco depois o encontro estava firmado e o ambiente silencioso.

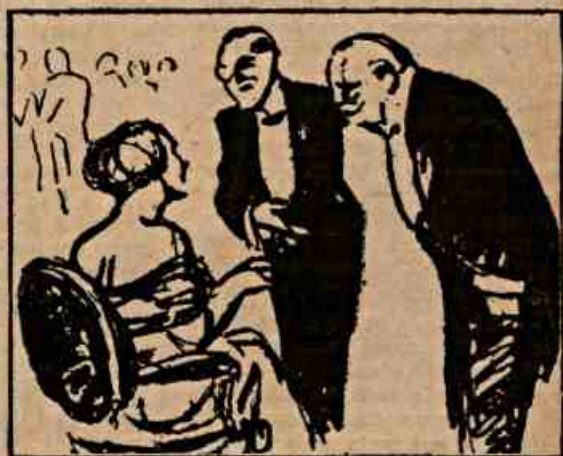
E, á noite, Colombina e Arlequim viveram a vida, ao sabor de todos os seus desejos e fantasias, alheios as convenções inuteis para quem, como elles, a vida vale por um momento vivido.

A madrugada surgia... o manto estrellado que recamava o firmamento começava a desfazer-se, quando Colombina chegou em casa.

Pela janella semi-aberta chegavam os ultimos ruidos dos pandeiros e os sons longinquos duma musica:

"Se a lua contasse
Tudo o que vê
De mim e de você..."

Como iam longe, tambem, os ultimos sons daquella melodia amorosa que o Pierrot de olhos tristes, ebrio de champagne e de amor, modulou ao seu ouvido...

A vida é assim... Um eterno carnaval...

— Querida amiga: apresento-lhe o autor de meus dias.
— Uma obra bastante criticada, senhora.

Ha um hymno de amor no espaço infindo.
As rosas — lindas boccas vermelhas,
Foram feitas para a caricia do sol...
Para o beijo dourado das abelhas.

Vem, Amor! A tua bocca
E' a rosa mais ardente do jardim...

. . . .

Volupia das rosas...
Vem! Beija-me... assim...

PAULO FREITAS

O AMOR QUE CHEGA TARDE...

(Continuação do numero anterior)

Ella o fez recobrar os sentidos, desmanchando depressa a gravata e o exhortando a ser mais viril, e limitou-se a rir quando, sem a menor attenção pela presença do marido, elle lhe agarrou as mãos e as cobriu de beijos, confessando-se-lhe devotadamente desinteressado. Era preciso, no emtanto, pôr um termo a todas estas manifestações. Quando, muitos dias depois do seu accesso, Emile, do qual as creanças não tardaram em ter saudades, reappareceu já calmo, embora semelhante a um homem que sae de uma doença grave, a senhora Marot lhe disse, delicadamente, tudo quanto se usa dizer nesses casos.

— Meu amigo, não é como um filho para mim? — disse-lhe ella.

E era a primeira vez que pronunciava a palavra "meu filho" numa ternura quasi maternal que sentia por elle.

Não me colloque, então, numa situação ridicula e penosa.

— Mas eu lhe juro que se engana! — exclamou elle, numa expansão sincera: eu lhe sou simplesmente devotado, só quero vêl-a e nada mais!

E, de repente, cahindo de joelhos — nesse momento estavam no jardim, numa noite serena, quente e escura —, elle a abraçou com ardor, quasi a perder os sentidos, vencido pela violencia da paixão... E ella, contemplando os seus cabellos, o seu fino pescoço branco, com amargura e enlevo pensava:

— Oh! sim, sim, bem que podia ter um filho quasi como este!

No emtanto, desde esse dia até a sua partida para a França, elle não mais commetteu loucuras. Em summa, o que seria mais desagradavel, isso podia indicar que a paixão nelle se tornava profunda. Mas as apparencias foram todas a seu favor: só uma vez as desmentiu. Nem domingo, com effeito, ao se levantarem da mesa após um jantar ao qual tinham tomado parte varias pessoas que fóra, elle lhe disse, sem pensar que toda a gente podia notar:

— Peço-lhe que me conceda neste instante um minuto...

Ella se levantou e o seguiu para uma sala deserta, onde reinava semi-escuridão.

Elle se aproximou duma janella, por onde entravam os raios obliquos da luz da noite e, olhando-a bem de frente, disse:

— E' hoje o anniversario da morte do meu pae. Eu a amo.

Ella se voltou, para se retirar. Espantado, apressou-se em accrescentar atraz della:

— Perdôe-me: é a primeira e a ultima vez.

E realmente foi a sua ultima confissão. "Fiquei encantado com a sua perturbação". — escrevia elle, nessa noite, no seu diario, nesse estylo pomposo e refinado que usava. — "Jurei nunca mais violar o seu repouso: já não estou eu, e sem isso, no cumulo das bemaventuranças?"

Elle continuava as suas visitas, só passando as noites na villa Hachim, — e a sua conducta era muito desigual sem nunca cessar de ser decente. A's vezes, elle se mostrava como outróra, e sem muito a proposito petulante e ingenuo, corria pelo jardim com as creanças; mas, em geral, ficava sentado ao lado della, "embriagando-se com a sua presença", lia-lhe os jornaes e os romances, e sentia-se "feliz porque ella o ouvia". — "As creanças não nos incommodavam — — escreveu elle ainda, nessa época, — as vozes, os seu risos, as suas brincadeiras, esses pequenos seres, por si mesmos, foram os subtis intermediarios dos nossos sentimentos e lhes deram mais encanto ainda; os themas das nossas conversas não sahiam do commum, mas uma nota particular ahi resoava sempre — a da nossa felicidade: sim, certamente, ella tambem foi feliz, eu o attesto. Ella gostava de me ouvir declamar; á noite, do alto da saccada, contemplavamos Constantina mergulhada aos nossos pés no esplendor azulado da lua...." Por fim, no mez de agosto, a senhora Marot insistiu com elle para que partisse, para que retomasse as suas antigas occupações e foi em viagem que elle escreveu no seu caderno: — "Eu parto! Eu vou embora, envenenado pela amarga doçura da reparação! Ella me fez presente de uma gargantilha de velludo que usava quando moça. Ella me abençoou no derradeiro momento e eu vi um brilho humido nos seus olhos quando me disse: "Adeus, meu filho, meu filho querido"!

Tinha elle razão em pensar que a senhora Marot, no mez de agosto, fóra feliz? Não se sabe. Mas que a sua partida havia causado pesar áquella mulher estava fóra de duvida. O nome de "filho", que já outróra, nella suscitava emoções, passou a ter para ella tal significação, que não mais podia ouvil-o a sangue-frio. E quando, outróra, encontrava no caminho da igreja conhecidos que gracejavam com ella dizendo: — "Porque assim tanto, senhora Marot? A senhora não - uma tão grande peccadora e é tão feliz!" — ella respondeu, mais de uma vez, com triste sorriso: "Queixo-me a Deus porque elle não me deu um filho"... De então a idéa de ter um filho, a idéa da felicidade que um filho teria podido lhe dar, constantemente, só pelo facto da sua existencia no mundo, não mais a deixou. E um dia, pouco tempo depois da partida de Emile, ella disse ao seu marido:

— Agora tudo comprehendo! Sei agora sem mais ter duvidas que toda mãe deve ter um filho, que toda mulher que não tem um filho, se ella reflecte sobre a propria sorte, se ella examina o que foi a sua vida, se aperceberá de que é infeliz. Tu és um homem e não pódes sentir isso, mas é assim... Oh! com que ternura, com que paixão se póde amar um filho!

Ella foi muito affectuosa para o marido durante o outomno que se seguiu. Succedia-lhe ás vezes que na intimidade ella lhe dizia, de repente, com certo embaraço:

— Ouve, Heitor... Tenho vergonha de te interrogar sobre isso, mas em-

De Ivan Banin

fim... Não te lembras, de tempos a tempos, do mez de março de 1876? Oh! se tivessemos um filho!

"Isso tudo me desconcertava — contou o senhor Marot, mais tarde — e tanto mais porque ella começava a emmagrecer excessivamente. Ella enfraquecia, tornava-se cada vez mais taciturna e mais suave de temperamento. Tornava-se cada vez mais rara em casa dos nossos amigos, evitava ir á cidade sem necessidade... Para mim isso não me deixava a menor duvida: um mal terrivel, incomprehensivel, a minava pouco a pouco, no seu corpo e na sua alma!" e a ama accrescentava que, para sahir durante esse outomno, a senhora Marot nunca deixou de pôr um espesso véo branco, o que antes não era dos seus habitos, e que, de volta, em casa, logo retirava o véo deante de um espelho e examinava com insistencia o seu rosto lasso. Seria superfluo explicar aqui o que se passava na sua alma, nessa época. Mas quereria ella tornar a ver Emile? Escrevia-lhe elle e ella lhe respondia? Elle mostrou mais, no tribunal, dois telegrammas que lhe teriam sido enviados em resposta a cartas suas. Um estava datado de 1 de novembro: "Torno-me louca. Acalme-se. Dê noticias immediatamente". O outro, de 23 de setembro: "Não, não venha. Supplico-lhe. Pense em mim. Ame-me como a uma mãe". Mas que esses telegrammas tenham sido realmente passados por ella é o que não foi posivel demonstrar. A unica coisa certa é que, de setembro a janeiro, a senhora Marot levou uma existencia penosa, inquieta, cheia de soffrimentos.

Os ultimos dias desses outomno em Constantina foram frios e chuvosos. Em seguida, como acontece com frequencia na Algeria, sobreveiu subitamente uma primavera encantadora. E a senhora Marot foi rehavendo pouco a pouco a sua animação, essa bemaventurada e leve embriaguez que se resentem, na época do florescer primaveril, as pessoas que já passaram da juventude. Ella tornou a sahir, passeando demoradamente de carro com as filhas, visitando com ellas o jardim deserto da ilha Hachim, dispondo-se para visitar Alger, para mostrar ás meninas Blidah, não longe da qual, nas montanhas, ha um desfiladeiro cheio de arvores, onde brincam macacos... E isso durou até 17 de janeiro de 1890. Em 17 de janeiro ella despertou certa de que extraordinario sentimento de felicidade e de ternura a agitava, ao que parece, a noite toda. No seu grande quarto, onde, na ausencia do marido, retido longe pelos assumptos do seu serviço, ella dormia só, as venezianas e as cortinas pesadas faziam uma escuridão qual completa. Comtudo, a claridade azul pallida que as atravessava permittia ver que ainda era cêdo. Com effeito, o pequeno relogio, sobre a mesa da cabeceira, marcava seis horas. Deliciosamente penetrada pela frescura matinal que vinha do jardim, ella se envolveu na sua leve colcha, voltou-se para a parede... "Que tenho eu para me sentir assim tão bem?" — pensava ella, abandonando-se a esse pensamento. E vagas maravilhosas visões se lhe offereceram, lembranças da Italia, da Sicilia, recordações dessa primavera longinqua em que ella navegou numa cabine cujas janellas abriam para o tombadilho do navio, sobre o frio mar de prata; ella reviu até os reposteiros de sêda vermelha deslustrada pelo tempo e descorada a soleira elevada dessa cabine, toda brilhante com a sua borda de cobre gasto durante annos por innumeros polimentos... Depois, reviu golphos illimitados, lagunas, depressões do sólo, uma grande cidade arabe, toda branca, de telhados chatos, collinas ondulosas, mergulhadas numa bruma azulada, e, para além dessa cidade os primeiros relevos de uma cadeia de montanhas. Era Tunis, onde só estivera uma vez, quando dessa mesma primavera em que vira Napoles e Palermo... Mas, nesse momento, sentiu passar sobre si como que uma onde de frio — e, com arrepios, abriu os olhos. Já eram mais de oito horas; as vozes das creanças faziam-se ouvir e a voz da sua ama. Ella se levantou, vestiu um *peignoir*, e passando pela varanda, desceu para o jardim e se sentou numa *rocking-chair* que estava sobre a terra, perto de uma mesa redonda, sob uma mimosa em flor que sobre ella abria a sua ramagem dourada de pesado perfume, na atmosphera mais do que aquecida. Uma creada lhe trouxe o café. E, novamente, pensou em Tunis — e se lembrou do estranho accidente que lá lhe acontecêra, o mêdo delicioso e o bemaventurado desfallecimento, essa especie de agonia que sentira nessa cidade azulada, por um tepido e roseo crepusculo, meio deitada numa cadeira de balanço, no tecto de um hotel, distinguindo fracamente o rosto sombrio desse arabe, hypnotizador e prestigiditador, que, sentado de cocoras deante della, a fizera adormecer com instinctivas e monotonas melopéas, acompanhadas dos movimentos lentos das suas magras mãos. E, de repente, assim sonhando e olhando machinalmente, com os olhos arregalados, a clara e argentea chispa com que ardia ao sol a colher que estava deante della, num copo com agua, perdeu os sentidos. E quando, bruscamente, os recuperou, — em pé, deante della, estava Emile.

Tudo quanto se passou após esse encontro inopinado o proprio Emile o fez conhecer na sua narração, nas suas respostas por occasião do interrogatorio.

"— Sim, eu parecia cahir do céo chegando a Constantina! — contou elle. — Eu chegava porque tinha comprehendido que todas as potencias do céo não poderiam me conter. Na manhã de 17 de janeiro, fui directamente á estação, sem prevenir ninguem, para a casa do sr. Marot, e a correr entrei no jardim. Fiquei estupefacto deante do

(Continúa na pag. seguinte)

O AMOR QUE CHEGA TARDE... ~ (CONTINUAÇÃO)

espectaculo que se offerecia aos meus olhos, mas apenas havia eu dado um passo e a senhora Marot voltava a si. Ella tambem, parece-me, ficou perturbada tanto pelo imprevisto da minha chegada como pelo que acabara de sentir, mas nem mesmo uma exclamação ella soltou. Olhando-me, ella parecia despertar de um somno profundo; depois se levantou, arranjando a cabelleira:

"— Ah! está! E' isso! Eu o presentira — disse ella, com voz de certo modo sem expressão. — Não quiz me ouvir!

"E depois de ter, com um gesto habitual, abotoado o *peignoir* até a garganta, agarrou-me a cabeça entre as mãos e me beijou duas vezes na testa.

"Eu me esquecia num impulso de alegria, de paixão; ella, porém, me afastou suavemente e disse:

"— Repare! Eu não estou vestida. Voltarei num momento; vá ver as creanças...

"— Mas, pelo amor de Deus, que lhe aconteceu? — perguntei eu, galgando atraz della os degráos da varanda.

"— Oh! nada! Um leve torpor; eu fixava com o olhar esta colher que brilhava, — respondeu ella, de novo senhora de si, retomando alguma animação. Mas o senhor, que fez, que fez?

"Em parte alguma encontrei as creanças; a casa estava vazia e tranquilla. Sentei-me na sala de jantar e, de repente, ouvi que ella cantava num quarto afastado, com uma voz forte e vibrante; mas eu não comprehendi então tudo quanto havia de horrivel nesse cantar, pois todo o meu corpo era presa de um tremor nervoso.

"Eu não dormira a noite inteira; havia contado os minutos durante os quaes o trem me carregava para Constantina; pulei para o primeiro carro que achei, ao sahir da estação; eu não esperava ter mais forças para alcançar a cidade.... Eu sabia, eu tambem presentia que a minha vinda seria fatal para nós; no emtanto, o que eu vi no jardim, aquella acolhida marcada por um mysterio inexplicavel, aquella brusca reviravolta nas suas maneiras em relação a mim, eu não podia esperar! Dez minutos mais tarde, ella voltou penteada, vestida com um traje leve, cinzento claro, irisio.

"— Ah! — disse ella, emquanto eu lhe beijava a mão — eu esquecia que hoje é domingo, as creanças estão na igreja e dormi demais.... Depois da missa as creanças irão ao Pinhal. Conhece elle logar?

"E, sem esperar a minha resposta, tocou a campainha, mandou que me trouxessem café e se sentou: e, fixando sobre mim o seu olhar, perguntou-me, sem, aliás, ouvir o que fiz; ella se poz a falar de si: disse que após dois ou trez mezes muito máos para ella, durante os quaes havia "terrivelmente envelhecido", — e estas palavras foram pronunciadas com um sorriso indefinido — se sentia agora melhor e mais moça do que nunca.... Eu respondi, ouvia, mas muitas vezes, não comprehendia; o que nós diziamos não era o que tinhamos para dizer; as minhas mãos iam ficando geladas, pois eu sentia vir outra coisa, a hora formidavel, inelutavel. Não o negarei; fiquei turvado da vista, como que por um raio, quando ella disse: "Envelheci"... Comprehendi subitamente que ella tinha razão: na magreza das suas mãos e do seu rosto queimado, embora realmente rejuvenescido, na seccura de certos contornos do seu corpo eu apanhei os primeiros indicios do que, tão dolorosamente e mesmo com um vago sentimento de vergonha — mas ainda mais apaixonadamente! — obriga o nosso coração a se comprimir deante de uma mulher que envelhece. "Ah! De certo que ella mudou brusca e profundamente" — pensei eu. Porém ella não estava menos bella, e eu sentia a embriaguez invadir-me ao olhal-a. Eu estava acostumado a nella pensar sem cessar, e não esquecera aquella noite de 11 de julho, o minuto memoravel em que, pela primeira vez, abraçára os seus joelhos. Agora as suas mãos tremiam um pouco emquanto arranjava os cabellos — voltada para mim com um sorriso — e, de repente — que os senhores comprehenderam todo o nefasto valor deste instante! — de repente, esse sorriso se converteu em não sei que careta e foi com esforço, mas tambem com firmeza, que ella disse:

"— E' preciso no emtanto, que vá para a sua casa repousar um pouco. Está irreconhecivel: ha tanta dor terrivel nos seus olhos, tanto fogo nos seus labios, que não mais posso tolerar isso.... Quer que eu vá comsigo, que o acompanhe?

O garoto (Tratando de aranjar commodidade). — Diabo! Onde foi parar o ratinho branco que estava aqui no bolso?

— Que quer dizer um homem celibatario, papae?
— Quer dizer um homem muito feliz, meu filho; mas, não vás falar isto a tua mãe.

(CONCLUSÃO) ~ O AMOR QUE CHEGA TARDE...

"E, sem me deixar tempo para lhe responder, levantou-se para ir buscar o chapéo e a capa...

"Depressa chegamos á villa Hachim. Fiquei um pouco para traz a apanhar algumas flores perto da escadaria. Ella não quiz me esperar e abriu a porta. Eu não tinha creados nessa casa, com excepção de um vigia que não nos viu. Quando entrei no vestibulo, quente e escuro por causa das venezianas fechadas, e lhe offereci as flores, ella as beijou e depois, enlaçando-me com um braço, approximou a sua bocca da minha. A emoção tornava os seus labios seccos, mas a sua voz estava clara.

"— Mas, ouve... Que vamos fazer... Tens alguma coisa? — perguntou-me ella.

"De começo, não comprehendi, tão perturbado eu estava por esse primeiro beijo, esse primeiro "tu", e balbuciei:

"— Que queres dizer?

"Ella deu um passo para traz.

"— Como? — disse ella, com estupefacção, quasi severamente. — Pensaste então que eu... que nós... que nos seria possivel viver depois disso? Tens comtigo alguma coisa que mate?

"Dominou-me e apressei-me em lhe mostrar um revolver carregado, com cinco balas, que nunca me abandonava.

"Então, ella atravessou com passos rapidos os quartos. Por toda a parte reinava a mesma semi-escuridão. Eu a seguia presa desse torpor de todos os sentidos que sente um homem que caminha nú sob um céo torrido, para o mar — e só ouvia o roçar das suas saias de sêda. Por fim, chegámos; ella atirou a capa e poz-se a desatar as fitas do seu chapéo. As suas mãos tremiam sempre e observei mais uma vez na sombra espessa a expressão dolente e cansada dos seus traços...

Crianças do século da electricidade...

"Ella, porém, morreu com firmeza. Os ultimos instantes a transfiguraram. Abraçando-me e afastando-se para ver o meu rosto, ella me murmurou algumas palavras tão ternas e commovedoras, que não tenho forças para repetil-as.

"Eu quiz colher mais algumas flores, para juncar com ellas o nosso leito mortuario. Ella não m'o deixou: tinha pressa de acabar. Dizia:

"— Não, não; é inutil... Nós temos flores... Eis as tuas flores!...

"E repetia:

"— Imploro-te por tudo quanto tens de mais sagrado que me mates!

"— Sim, e a mim em seguida — disse eu, sem ter a menor duvida sobre a minha resolução.

"— Oh! eu creio em ti, eu creio em ti — respondia ella, já a cahir numa especie de esquecimento.

"Um minuto antes da sua morte, ella disse, baixinho, mas com toda a simplicidade:

"— Meus Deus, isto não tem nome!

"E ainda:

"— Onde estão as flores que me deste? Abraça-me, pela ultima vez.

"Ella propria encostou o cano da arma na sua fronte. Eu ia puxar o gatilho, quando ella me fez parar:

"— Não, assim não vae! Dá cá: eu te vou mostrar. Eis, assim, meu filho... E depois farão sobre mim o signal da cruz e collocarão flores no meu peito...

"Quando atirei, ella fez um leve movimento com os labios. Atirei segunda vez...

"Ella estava calma no seu somno; nos seus olhos apagados lia-se não sei que amarga felicidade. Os seus cabellos estavam desfeitos, o seu pente de tartaruga jazia no chão. Eu me ergui, cambaleando, para acabar tambem. Mas no quarto, que, apesar das venezianas, estava claro, eu enxergava perfeitamente, nessa luz e nesse silencio que se estabelecêra bruscamente em volta de mim, o seu rosto descorado... Foi então que uma loucura subita se apoderou de mim: eu me atirei para a janella, empurrei, abri largamente as vidraças e as venezianas, puz-me a gritar e a dar tiros para o ar... Os senhores sabem o resto..."

Pela primavera, ha cinco annos, viajando pela Algeria, aquelle que escreve estas linhas visitou Constantina. Muitas vezes lhe vêm hoje, de novo, á memoria, as noites chuvosas e frias ás vezes primaveris, que passava junto ao fogão na sala de leitura de um velho e confortavel hotel francez. Sobre prateleiras massiças e pretenciosas encontravam-se jornaes illustrados muito estragados: — um delles continha os retratos da senhora em differentes idades, entre outros da época da sua juventude, tirados em Lausanne... A sua historia aqui está contada mais uma vez porque o autor sentiu necessidade de contal-a á sua maneira.

— Quando se trabalha não se assovia!
— Mas é que eu estou apenas assoviando.

O FALSO IRMÃO

(SHERLOCK HOLMES — Por CONAN DOYLE)

CAPITULO I

O REGRESSO DA AMERICA

Fez-se ouvir sob o hangar o silvo do expresso de Liverpool, entrando na gare de Victoria em Londres. Uma densa multidão acotovellava-se na plataforma ampla, brilhantemente illuminada. Cada qual aguardava um parente ou um amigo, vindo não só de Liverpool, mas ainda dos pontos mais afastados do globo.

Liverpool é sem contestação o porto mais importante de toda a costa ingleza. Tanto os pesados navios da India como os magnificos vapores da America ali desembarcam incessantemente innumeros passageiros, que alguns comboios rapidos conduzem logo para a metropole.

Uma menina muito formosa, vestida com elegante simplicidade, havia alguns minutos que percorria a plata-forma, acompanhada de um velho criado.

Desenhava-se-lhe no rosto que, com alegria, esperava alguem e de vez em quando dirigia a palavra ao seu encanecido companheiro para lhe perguntar:

— Ainda não chgou esse comboio? Não ha maneira de ouvir o signal de chegada.

— Ainda não, miss Flora, respondia-lhe o velho. Comprehendo a sua impaciencia e compartilho della. Parece que me estala o coração quando penso que vou tornar a ver o nosso querido sr. Arthur, que tantas vezes cavalgou nos meus joelhos.

— Não é verdade, meu velho Daniel, que tambem tu eras muito amigo delle? continuou a menina encarando o velho criado. Não é verdade que elle não teve culpa na discordia com o nosso pae, a qual provocou a sua partida para tão longe?

— Meu Deus! O sr. Arthur estava com certeza innocente. Mas não se pode tambem lançar as culpas ao sr. Titchburn. Ora veja, miss, umas questiunculas entre o pae e o filho, um dize tu, direi eu.... Mas o que é lamentavel é que quando o filho andava ausente lá por tão longe morre o pae....

— E tu acreditaste realmente, Daniel, insistiu Flora, que a unica causa desta desavença fosse o profundo amor de Arthur por essa menina pobre?

— Foi a unica, miss Flora. Oh! posso affirmar-lh'o, andei envolvido em todo esse caso.

— E conheceste essa menina?

— Conheci. Era a filha do nosso jardineiro. Nelly era uma creatura encantadora e comprehendo que o meu patrãosinho se enamorasse perdidamente della. Tambem Nelly da sua parte, dava mostras de muito que lhe queria. O que aliás não admira nada porque julgo que não ha em toda Londres um moço mais galante do que o sr. Arthur.

— Ahi vem o comboio! exclamou Flora no mesmo instante, ao ouvir o rumor do expresso.

Soou uma sineta. Arquejando e rugindo surgiu a enorme locomotiva, que puxava um extenso comboio.

— O caso é reconhecel-o, Daniel, disse a menina. A America deve tel-o mudado!

— Com certeza, miss Flora. Imagine! Já lá vão nove annos! Tinha vinte quando de cá partiu. Hoje é um homem de 29 annos!

— Mas elle não disse na carta que havia de trazer um signal para o encontro?

— Assim é. Ha de trazer na mão a mesma maleta amarella, em que ha nove annos transportava a sua diminuta bagagem.

— Aqui está elle! exclamou o velho Daniel. Meu Deus! é elle com certeza! Traz a barba crescida, está mais alto e encorpado. A maleta é a mesma, reconheço-a. Tral-a na mão. Venha, miss Flora. Aqui está o seu irmão!

Flora atirou-se de braços estendidos para um sujeito alto, bem trajado, vestido com elegancia. Apeára de um compartimento de primeira classe e parára indeciso, procurando alguem em volta de si.

— Arthur! exclamou ella, saltando-lhe ao pescoço e estreitando-o nos braços. Arthur, meu querido irmão, sou eu, sou a tua rmã Flora!

Um sorriso de alegria, de quasi triumpho, illuminou as feições queimadas do cavalheiro.

Estreitou contra o peito a encantadora menina, e beijou-a nos olhos e nas faces.

Depois recuou um passo e examinou-a com olhos de admirado.

— Mas estás uma senhora, e formosissima, minha querida Flora, disse-lhe.

"Ah! ah! lembra-me que, quando daqui sahi, eras ainda uma criancinha! Tinhas 10 annos, exactamente metade da minha idade! Deixa-me beijar-te outra vez, minha querida irmã. Se soubesses quanto me alegra dar-te este nome, depois de ter passado tantos annos entre estranhos.

— E tu falas aqui ao velho Daniel? perguntou Flora, depois de outro abraço.

— Olha o velho Daniel! exclamou o garboso moço de barba loira, estendendo a mão para o velho. Está todo branco! Mas ainda firme no seu posto, não é verdade? Vamos, deixa que te abrace, meu velho amigo. Nesta hora tão solenne não ha aqui patrão nem criado.

Num momento o velho famulo inclinara-se para respeitosamente beijar a mão do recem-chegado.

— E agora, depressa, para casa! Já me tarda o tornar a ver a nossa casa de Kensington road, onde passei a minha infancia.

"Que dor para mim a de não tornar a ver ali aquelle a quem causei tantos desgostos, aquelle nobre coração que não me fez sentir que o tinha ferido!

— O ultimo pensamento do nosso pae, tornou Flora, com os olhos brilhantes de lagrimas, foi para ti Arthur. Estendia os braços, soltava fundos suspiros.

chamava por ti em altos gritos, para te beijar ainda uma vez.

"E quando viu que já era demasiado tarde, apertou-me a mão e exclamou:

"Tu o abençoarás por mim, minha filha.

Arthur passou a mão pelos olhos... mas ergueu logo a fronte e disse:

— O que lá vae, lá vae! Pouco vale o arrependimento. Irei ajoelhar no tumulo de meu pae para lhe implorar perdão. A sua alma lá do céo, me ha de ver e perdoar.

"Dá-me o teu braço, Flora. Espera-nos alguma carruagem?

— Sim, senhor, respondeu Daniel, que já tinha tomado conta da mala amarella. O sr. ha de reconhecer sem duvida o cocheiro; é Mac-Dowell, o velho irlandez resmungão. Quando v. ex. partiu já era da casa ha 30 annos.

— Não me hei de eu lembrar delle! Mac-Dowell, teimoso, rabujento mas no fundo um coração de ouro! Vamos depressa, querida irmã.

"Como todas estas lembranças me acodem agora á memoria! Ah! patria, querida patria! E' bem verdade o que diz a canção que és o primeiro bem da terra!

Passados alguns minutos os dois, numa elegante carruagem rodavam em direcção a casa. Flora apertava entre as mãos as mãos de Arthur. Sentia-se tão bem, era tão feliz com a sua companhia!

Ella tinha se achado só no mundo depois da morte do pae. A mãe, essa tinha-lhe morrido pouco tempo depois de a ter dado á luz. E eis que o céo lhe deparava novamente um arrimo, um protector, na pessoa do seu muito querido irmão.

— Dize-me, Arthur, proseguiu Flora, como te déste na America? Ha um anno escreveste algumas cartas a nosso pae. Antes disso nem ao menos um postal!...

— Minha filha, retorquiu elle, não escrevi mais cedo porque até o anno passado tudo me correu mal e não queria que se soubesse. Quando a gente se expatria, só quer, só gosta de mandar boas noticias.

— E' verdade que viestes nas minas em companhia de exploradores de ouro?

— Vivi, sim, com os exploradores do Sacramento.

— E encontraste ouro?

— Não! Nunca pretendi achal-o. E' uma empreza difficillima e muito incerta, mas fornecia viveres aos exploradores de ouro, e fiz nisto excellentes negocios. Não quer isto dizer que juntasse fortuna. De mais ella agora seria inutil. Herdamos os bens do nosso pae, querida irmã. A quanto monta pouco mais ou menos a sua fortuna?

Essa pergunta magoou Flora sem ella saber bem porquê. Mas depois comprehendeu que ella era natural.

Porque não se havia de interessar seu irmão pelo que o esperava na patria? Não, realmente, não havia motivo para ella se escandalizar.

— Os negocios de nosso pae, respondeu Flora, foram cada vez mais prosperos. A casa bancaria Titchburu foi sempre ganhando creditos e é hoje uma das mais ricas e mais solidas de Londres. E tenho a certeza meu querido Arthur, que sob a tua direcção ella ha de augmentar ainda mais o seu capital sem perder o seu antigo renome.

— Prometto envidar para isso todos os meus esforços. O antigo pessoal continua a ser o mesmo! O que é feito de Lendors, o guarda-livros?

— Lá está como é natural. Vae ter grande alegria ao tornar a ver-te, como o hão de ter todos em geral que te conhecem.

"Em summa, a fortuna legada por nosso pae monta a duzentas mil libras esterlinas.

— Das quaes te cabe metade, minha filha, disse Arthur. Porque não ponho em duvida que em breve serás a feliz esposa de um bom marido. Acaso não terias feito já a escolha?

As faces de Flora ruborisaram-se ligeiramente. Abaixou as palpebras e murmurou algumas palavras que o irmão não poude comprehender.

— Ah! ah! disse este, vejo que esse coraçãosinho já deu signal de si. Espero que fosse por um lord. Não, não quero dar a minha irmã formosa e rica, como é, a nenhum João Ninguem.

Ouvindo estas palavras, Flora estremeceu toda. Mas não poude responder — neste mesmo instante a carruagem parou em frente da casa de Kensington-road.

Daniel saltou da almofada com a ligeireza que lhe permittiam as suas pernas tropegas e abriu a portinhola.

Por sua vez Arthur desceu com ligeireza e elegancia e ajudou Flora a sahir do vehiculo.

Mas exactamente no momento em que, dando o braço a sua irmã os dois iam entrar no limiar da porta brilhantemente illuminada, Arthur esbarrou com uma senhora vestida com simplicidade que queria passar entre o par e a parede.

O choque foi tão violento que a senhora foi bater contra a parede.

— Perdão! disse Arthur, levando ligeiramente a mão ao chapéu e tentando passar adiante.

Deu-se então um caso estranho. A dama estendeu o braço, como se houvera visto um fantasma.

— Arthur! gritou, Arthur, Arthur!

Mas Titchburu não ouvia este grito que sahia de um peito afflicto, porque tinha já chegado com Flora ao vestibulo da casa e começava a subir a escada toda enfeitada de flores.

A dama ficou um minuto immovel, com as mãos no peito e respirando a custo.

Depois, cabisbaixa, foi andando vagarosamente.

O velho Daniel, que se achava ainda á entrada, olhou, para ella tristemente.

— E' ella, disse falando comsigo. E' Nelly, a filha do jardineiro. E *elle* não a reconheceu.

CAPITULO II

A DACTYLOGRAPHA

No gabinete de trabalho de Sherlock fazia-se ouvir o ruido de uma machina de escrever.

O apparelho estava assente sobre uma pequena mesa, deante da qual tinha tomado logar um senhora nova, de grande e rara belleza.

Seria difficil imaginar alguma coisa mais graciosa do que aquelle vulto elegante, mas seductora do que aquelle lindo rosto, embora algum tanto pallido e emoldurado em negros caracoes.

(Continúa na pag. seguinte)

Sherlock tinha se installado confortavelmente numa grande cadeira de braços, á pouca distancia da mesa. Fumava no seu cachimbo e dictava sem quasi interrupção.

De chofre tirou o cachimbo da bocca e disse dirigindo-se á senhora.

—Agora descanse um pouco miss Nelly. Devem doer-lhe as mãos. Ha bem meia hora que sem descanço está a premir esses duros botões.

—Oh! Não estou nada cansada, declarou a linda dactylographa. Se quizer podemos continuar.

—Creio que adiantei bastante o meu diario por hoje, replicou o policia, rindo.

"Sabe mais Nelly? Estou encantado com o invento desta machina. Até agora, era-me preciso escrever de meu punho, todas as noites, o meu diario; era para mim um supplicio, com as minhas garatujas que seja dito de caminho, miss Nelly, ninguem, excepto eu, póde ler.

"Agora terá a bondade de vir duas vezes por semana e em duas horas dictar-lhe-ei tudo o que me lembrar.

"Fixarei todas as minhas memorias de modo que dentro de uns dez annos poderei lembrar-me se tal ou tal criminoso que me interessa hoje tem os cabellos amarellos ou ruivos.

"Estou-lhe muito obrigado, miss Nelly.

—Eu é que por todas as razões lhe estou muito reconhecida sr. Holmes, respondeu-lhe a rapariga.

"Independentemente do ganho que realizo nesta occupação, e que é o meu sustento e de minha pobre mãe, tenho o prazer e a vantagem de ficar conhecendo as memorias do mais celebre policia do mundo.

—Miss Nelly, a senhora tem duas qualidades que me determinaram a tomal-a para o meu serviço.

"Em primeiro logar a senhora é uma dactylographa de primeira ordem.

"Trabalha na sua machina como o genial Paderewski no seu piano.

"Em segundo logar comprazo-me de lhe descobrir uma qualidade que a distingue das demais filhas de Eva: sabe estar calada.

—Pois não prometti eu, sr. Holmes, nunca revelar nem uma palavra do que ouvisse aqui?

"O senhor obrigou-me a fazer um juramento solenne.

—Está bem miss Nelly, vou-lhe dirigir uma pergunta que tenho estado para lhe fazer ha mais de meia hora, continuou Holmes. Porque está hoje tão triste?

—Triste! eu? Oh! sr. Holmes, estou hoje como sempre...

—A senhora julga fazer acreditar isso ao policia Sherlock Holmes?

"Mas miss Nelly, eu não estaria em meu juizo se não lhe estivesse lendo no rosto que lhe aconteceu alguma coisa que profundamente a desgostou. Sua mãe está de saude?

—Mil agradecimentos, sr. Sherlock, pelo seu amavel cuidado. Passa bem, o melhor possivel.

—Então porque chorou tanto a senhora a noite passada, insistiu o policia.

—Eu? Chorar? Não, com franqueza.

—Vamos, miss Nelly, Vamos! A senhora não sabe mentir.

"Esta noite a senhora afogou em lagrimas o travesseiro, falando em estylo poetico. Ahi está! vê. A senhora deixou pender a cabecinha, e não me responde. Animo, venham de lá as confidencias. O que se passa?

—Ser-me-ia preciso contar-lhe uma historia muito comprida e muito triste.

—Não gosto de historias compridas, ainda que muitas vezes seja obrigado a ouvil-as da bocca dos meus clientes. Mas uma vez que a historia lhe diz respeito, vou revestir-me de paciencia. Conte minha querida filha!

—Quando o senhor me tomou ao seu serviço, principiou a dama com profunda commoção, teve o tino bastante para não me interrogar acerca do meu passado.

—Porque a conhecia, respondeu Sherlock com um sorriso. Pois acredita, miss Nelly, que o policia Sherlock Holmes dictaria o seu diaro a uma pessoa estranha, sem saber quem era, nem donde vinha?

"Tomei informações a seu respeito, minha filha e posso affirmar-lhe que foram excellentes.

—E que soube de mim, sr. Sherlock? perguntou a dactylographa.

—Que a senhora era uma menina tão encantadora e virtuosa como infeliz; que seu pae era jardineiro em casa do celebre banqueiro Titchburu. O filho deste teve pela senhora uma profunda affeição, á qual miss Nelly correspondia cordialmente. Mas como acontece as mais das vezes, Titchburu oppunha-se a esta união. Sonhava para seu filho um casamento rico e brilhante. Disso se originou um rompimento entre o pae e o filho. Arthur Titchburu desappareceu. Foi para o paiz onde se refugiam os que têm a existencia fallida, os que são desgraçados, os que não querem ter relações com os homens. Partiu para a America.

"O velho Titchburu fez recahir no pae de miss Nelly a culpa do que se tinha passado entre elle e seu filho e pôl-o fóra de casa. Este pobre homem não sobreviveu muito tempo. Morreu e a mãe de miss Nelly fez-se simples e corajosamente lavadeira.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)...... 48$000
Semestre (26 »)...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)...... 70$000
Semestre (26 »)...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)...... 78$000
Semestre (26 »)...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)...... 115$000
Semestre (26 »)...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Levindrey
Rue Trenchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500